RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS.

Xavier de Mattos, João

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS
ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE
ALBANO ERITHREO
DEDICADAS A' MEMORIA
DO GRANDE
LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES
DADAS A' LUZ
POR
CAETANO DE LIMA E MELLO.
TOMO TERCEIRO.

Nova edição.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1827.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja da Viuva Bertrand e Filhos.

Louvado seja amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tão cansado soffrimento.

CAMÕES. *Son. VII.*

PROLOGO.

JUDICIOSO Leitor, aqui te offereço o incansavel trabalho, que tenho tido, ha annos, em ajuntar todas as Poezias, que restavão não impressas de JOÃO XAVIER DE MATOS. Não me foi possivel alcançar mais, posto que ainda em meu podêr ficão algumas, em que o Auctor está duvidoso de serem suas. Resta-me huma boa porção dellas sepultadas nas mãos de hum sujeito, que nem dellas se utiliza, nem utiliza a Patria. Muita parte das que vão aqui forão feitas nos seus primeiros annos de Poeta; isto sirva de desculpa para o Auctor, que com violencia consentio qne se escrevessem. O desejo de adiantar este terceiro Tomo fez tambem com que elle o não revisse, e emendasse. Acceita benevolo estas satisfações, e faze justiça.

Vale.

SONETO.

EMbora, de me ler, tende fastio,
Bôcas só feitas para hum vil dicterio:
Ladrai, mordei-vos, cães, que hum homem sério
Não sahe com Charlatães ao desafio:

Do vosso indigno proceder me rio;
Fundei nos corações meu vasto Imperio,
Onde, em lugar do torpe vituperio,
Vou desfrutando o público elogio;

Não cuideis que o meu animo fluctua
Em tão pequeno, e sordido regato,
Que não ha tempestade que o destrua:

Lede pois os Emblemas de Alciato;
E achando hum cão, que está ladrando á Lua;
Esse será o vosso, e o meu retrato.

SONETO.

QUando eu nasci, hum funebre Agoureiro,
Que observou meu horóscopo malino,
Disse logo a meus Pais: Este menino
Nunca ha de ter saude, nem dinheiro.

Entra a gente de casa n'um berreiro;
Acode a vizinhança ao desatino,
E consultando sobre o meu destino,
Tratão de me engeitar por derradeiro.

Fica em pé a questão; e a Profecia
De nunca ter saude, nem real,
Bemdito Deos! não tem falhado hum dia.

Resta-me só, já agora, por mais mal,
Ir comer as rações á Portaria,
Ir morrer nas coxias do Hospital.

SONETO.

PIsando andei da mocidade as flores,
Onde escondidos Aspides se gerão,
Que pouco a pouco o incauto pé mordêrão,
De que inda sinto, envenenado, as dores.

Das bellas Graças, dos gentis Amores
Escrevi tudo quanto me disserão;
E enfileirados, as [illegible] me fizerão
Marchar ao som dos bellicos tambores.

Depois vi revolver na crystallina
Urna o fertil Mondego, e da Sciencia,
Em vão, saudei as sabias Leis, que ensina.

Desfez-se esta quimera, e esta apparencia;
E fiquei, como vês, meu bom Medina,
Tudo argumentos, e nada consequencia.

SONETO.

LUctando Albano no seu barco andava,
Contra alto mar, que o vento revolvia;
Hum furacão a véla lhe rompia,
Hum rolo de agua o léme lhe levava.

Já de salvar a vida não tratava,
Perde-la, sem ver Laura, he que temia;
E c'os olhos ao Céo, ao Céo pedia,
Que lha deixasse ver, que isto bastava.

Eis-que nos hombros de hum Delfim beijando,
De longe, a sua Laura lhe apparece,
Com doce riso as ondas bafejando.

Direito o barco, Albano convalesce,
Torna-se o mar sereno, o vento brando,
Que, em rindo Laura, tudo lhe obedece.

SONETO.

JA' enfadado Amor de ser frecheiro,
As armas pendurou, e co'a expr'iencia
De quanto póde a Magica sciencia,
Mudou de vida, e poz-se a feiticeiro.

Não tem, para ligar o mundo inteiro,
Da virtude das hervas dependencia,
Nem dentro de Augural circumferencia,
Tres vezes fére o chão com o pé ligeiro.

Sem outra imprecação, sem mais conjuro,
Do que invocar de Maura os olhos bellos,
Torna de cêra o coração mais duro:

Amor, para encantar, basta movellos;
E não sei se elle mesmo está seguro
De enfeitiçar-se, sem fugir de vellos.

SONETO.

MEu coração de tempera tão dura,
Que póde ver a minha Marcia bella,
Sem que no peito a palpitar por ella,
Morra de amor, suspire de ternura.

Não baixe ás sombras da Região escura,
Nem a indomitos ventos dando á véla,
Os rumos force de contraria Estrella,
Se Heroe quer ser, sem recear ventura.

Deixe as frentes cingir de invictas ramas
Todos esses Heroes conquistadores,
Rompendo os mares, resistindo ás chammas:

Que inda de Heroes tem creditos maiores,
Que Almeidas, Castros, Albuquerques, Gamas,
Quem póde vella, sem morrer de amores.

SO-

SONETO.

HE tempo, Marcia, de chegar o dia,
Em que venhas, qual Sol, quando amanhece,
Romper a nuvèm negra, que escurece
Nestes meus olhos tristes a alegria.

Vem arrancar das mãos da Morte fria,
Quem por ti chora, quem por ti padece;
E o mar, que nestas praias se enfurece,
Fazer que torne a pôr-se em calmaria.

Vem pois já com teu rosto alvo, e córado,
Que a rosa torna branca, e a neve escura,
Reduzir tudo ao seu antigo estado:

Que assim mesmo, cruel, ingrata, e dura,
Anda a teu lindo gésto vinculado
Quanto he capaz de dar-nos a ventura.

SONETO.

MArcia gentil, pode a razão que sintas;
Mas sem que faças á razão violencia:
Não creias que ha Fortuna, ha Providencia,
Representada com diversas tintas:

Que a tua dor te vença não consintas;
Perca-se tudo, menos a paciencia;
E da tua alma a heroica resistencia,
Tantas vezes provada, não desmintas:

Tu, inda podes, inclinando o rosto
Sobre a materna mão, misturar nella
Bêjos de amor com lagrimas de gosto;

Mas se for tão contraria a tua Estrella,
Que obre por modo a teu allivio opposto,
Que remedio? Adorar a causa della.

SONETO.

INda não creio que de Amor vingado,
Torno livre a correr, como algum dia,
Sem tropeçar nos ferros que trazia,
Humas vezes por gosto, outras forçado:

Vendo o roxo vergão assinalado
Da cadêa, que o passo me tolhia,
Já por ver, se me engana a fantasia,
Inda, incredulo, apalpo o pé magoado.

Qual, depois de sahir de algum medonho
Lethargo, e fica ainda mal desperto,
Cuidando que he verdade, o que foi sonho:

Tal, eu duvido, se o meu caso he certo;
Mas, se verdade for, como eu supponho,
Que dirá Marcia, vendo-me liberto?

SONETO.

INda a minha feliz puerilidade
Não he capaz de produzir louvores;
Inda não sei pintar com vivas cores
A santa Imagem da immortal verdade.

São de outros frutos da madura idade
Dignos os vossos annos, são crédores....
De mil capellas, de incorruptas flores,
Tecidas pelas mãos da Eternidade:

Mas se de Filha, amor, e obediencia
Podem servir-vos de elogío, e gloria,
Tudó achareis em mim, sem resistencia.

O dia he de perdão, e de victoria;
Tem meus annos desculpa, na innocencia,
Como Altar, vossos annos, na memoria.

SONETO.

CAnsado de cuidar nesta cansada
Vida, se he vida, cheio de tristeza,
Adormeci, sonhando co' a despeza,
Que tinha de fazer com a jornada:

De capa e volta, e branca vara alçada,
No meio da Vereança, e da Nobreza,
Meirinho á porta; livros sobre a meza,
Me vi feito Ministro, de pancada:

Presentinho daqui, dalli cortejo,
Já levando Doutor, já Senhoria,
Era hum Juris-consulto do Além-Téjo:

Eis-que sobre questões, que a Lei movia,
Dando hum murro na banca, acórdo, e vejo
Que foi hum sonho a tal Ouvidoria.

SONETO.

PRevendo Jove na sua alta idéa
Que o Herdeiro feliz do Illustre Gama
Lhe havia succeder tambem na fama,
Que o fará digno Heroe de outra Epopéa:

Junta no Sacro Olimpo huma Assemblea
Dos Deoses todos, que a Conselho chama:
Propõe, resolve, e o grande Niza acclama
Hum dos Heroes, cujas acções premêa:

Promette, que inda em honra deste dia,
O voraz Tempo, que a ninguem perdoa,
Huma Estatua no mundo lhe erigueria:

E terá (diz a Fama, que o pregoa)
Sceptros na mão, que offreça à Monarquia,
Mundos por base, Estrellas por Coroa.

SONETO.

Eu já disse; Senhor, que a Fidalgüia,
Não sendo da virtude acompanhada,
Era hum fantasma da grandeza herdada,
A quem os Reis não podem dar valia:

Mas quem subindo a huma alta Jerarquia,
Dos seus merecimentos faz escada,
Este caminha por segura estrada
Ao Templo da immortal Nobiliarquia:

Tal teu systema solido, e prudente
Te fará resistir, qual forte escudo,
Aos golpes de algum zoilo maldizente:

Es Fidalgo por genio, e por estudo;
E se o não fosses na mercê presente,
Eras digno de o ser, que he mais que tudo.

SONETO.

LI huma vez em certa Obra impressa,
Que havia no Parnaso hum grão thesouro;
Eu que, ha tempo, por dinheiro estouro,
Para lá fiz jornada a toda a pressa:

Mas, como toleirão, cahi na peça;
Pois por mais que cavei, não achei ouro:
Vim peior do que fui, pois nem de louro
Trouxe hum ramo, se quer, para a cabeça:

Assim estou, sem real, o anno inteiro;
E ainda ha louco tal que affirmaria,
Que hum Poeta he mais rico que hum Mineiro!

Mas eu digo, que o éstro da Poezia,
Se pudesse comprar-se por dinheiro,
Por dezeseis tostões o venderia.

SONETO.

PAra traçar a Imagem da Tristeza,
Sei que se convidárão dous Pintores:
Moêrão tintas, misturárão cores;
E, tomando os pinceis, entrão na empreza:

Qual imitou melhor a Natureza
Não sei, porque eu não vi os seus primores;
Sei que são Mestres, sei que são Auctores
De mil pinturas, de outra igual destreza;

Mas se negros cyprestes retratárão;
Se gemêrão, qual passaro agoureiro,
E de indigesta sombra os Ceos toldárão,

Ficou-lhe a melhor cousa no tinteiro,
Se no meio de tudo não pintárão
Qualquer homem de bem, sem ter dinheiro.

SO-

SONETO.

SE o Cantor Grego, se o Cantor Latino
Sustentar o caracter não souberão
Dos dous grandes Poemas, que fizerão,
De que tu foste imitador indino:

Se o grande Tasso, se o Camões Divino,
Milton, Volter, e os que depois vierão,
Réos do mesmo delicto se fizerão
No Tribunal de hum crítico malino;

Se Pina foi pedante, se antiquario
Garção, e Quita, dize-nos, responde,
Que Poeta nos dás por formulario?

Ora, de envergonhado, o rosto esconde:
Ou he o teu Poeta imaginario,
Ou, se existe, declara-nos, aonde?

SONETO.

Á Luz do cirio Nupcial, que ardia
Junto das Aras de Hymeneo sagrado,
De folhas de carvalho coroado
Amor, castos aromas derretia:

Co' a mão na chamma, ao Numen promettia
De fazer teu consorcio affortunado;
E ora ao lado da Esposa, ora ao teu lado,
Ser da fé conjugal huma valia:

Alli assegura, alli te diz que esperes
Gentis herdeiros, que dos teus Maiores
Hão de igualar as honras, e os poderes:

Voou, cantando Amor estes louvores;
E sobre o doce Altar dos teus prazeres
Foi derramar desconhecidas flores.

SONETO.

POrque o dar he de amor prova a mais certa,
Dar quiz Marcia a seu Tio, a quem amava,
E fez-lhe, do que mais necessitava,
Huma excellente, e generosa offerta:

Não somente andou fina, andou discreta,
Pois nas acções do Pai, que respeitava,
Para imita-las bem, mostrou que achava
O genio liberal, a mão aberta;

Mas se o Leão magnanimo não géra
Senão outro Leão, do bom Limano,
Que Filha menos liberal nascêra?

Tudo isto quer dizer, se não me engano,
Que obrando, como Filha de quem era,
Deo Marcia huns punhos a seu Tio Albano.

SO-

SONETO.

MEu amigo Doutor, mil conjecturas
Se fazem contra vós, por modos varios;
Dizem que empobreceis os Boticarios,
Que o patrimonio detriorais dos Curas:

Que estão vasias muitas sepulturas,
Que não se ouvem dobrar os campanarios;
Porque inimigo dos receituarios,
Sem que mateis, abreviais as curas:

Assim a gente barbara se explica;
Mas de tapar-lhe a bôca o modo seja,
Receitar muito, ou seja pobre, ou rica:

E o mesmo, de tal modo em mim se veja,
Fazendo tal empenho na botica,
Que me enterrem, por pobre, nessa Igreja.

80.

Convidando ao Auctor para ir á Feira da Golegã.

SONETO.

EU não compro, nem vendo: o meu cuidado
Não tem por fim avanços duvidosos;
E se dei alguns passos proveitosos,
Foi para estar tão bem acompanhado:

Não sou taful, que em jogo arrebatado
Fazer espere ganhos vantajosos,
Nem busco entre cavallos generosos,
Silva na testa, esquerdo pé calçado:

Vil Gigante, comedia impertinente,
Insipida marmota, he tudo asneira,
Que a razão, e a vontade não consente;

Vim triste, e inda estou triste, de maneira,
Que, quando daqui for, á minha gente
Nem dizer posso, que fui rir á Feira.

SONETO.

VEr premiado o teu merecimento,
Não só fôra justiça, mas ventura;
Porém, quanto mais tarda, mais se apura
Em ti a gloria de hum devido aumento;

Ensae-se o valor no soffrimento,
Que ha de servir-te para a guerra dura;
E sejas, muito embora, huma figura,
Posta no frio Altar do esquecimento:

Ninguem, que es benemerito, duvida;
Recebe tu, por premio, esta certeza,
Que outra não ha, que mais nos honre a vida:

Catão teve mais gloria na estranheza
De lhe faltar a Estatua merecida,
Que no Colosso da maior grandeza.

SONETO.

MAl haja aquelle dia, aquelle instante,
Que o chão pizei da perigosa Almada:
Triste função, Maldita mascarada!
Permitta Amor, que nunca vás ávante:

Maldita a força do meu genio amante,
Que he, mais que tudo, no meu mal, culpada;
Maldita seja aquella encruzilhada,
Que faz perder o tino a hum caminhante:

Maldito seja quanto causa ha sido,
De ver a formosura, por quem venho,
Para em quanto viver, de Amor ferido:

Mas ninguem culpa tem do meu despenho,
Eu só tenho estas pragas merecido;
Maldito eu só, que eu só a culpa tenho.

SONETO.

MEu bom Francisco, eu te agradeço o grato
Consolador da sequiosa gente:
Quero dizer, o Bacanal presente,
Prazer da vista, encanto do palato:

O licor santo de Lièo extracto,
Que, em quanto me durou, bebi contente:
Chypre, Phalerno, Candia, certamente,
Nunca o derão melhor, nem mais barato:

Permittíra a Divina Providencia,
Que tornasse a vir mais pelo caminho:
Não he remoque, em minha consciencia:

Pois he tão generoso o licorzinho,
Que só dou ao teu genio preferencia,
Por ser mais generoso que o teu vinho.

SONETO.

TOrna a vir, bella Jonia, o suspirado
Dia dos teus bons annos; torna a gloria
Desta recordação, desta memoria
A fazer nosso tempo affortunado:

Elle, para teus pés, torna humilhado,
Torna a ceder-te o campo da victoria:
E hum novo assumpto á Portugueza Historia
Torna a dar-lhe o teu nome acreditado:

Mais outra vez, dos corações humanos
Tornas, entre risonhas alegrias,
A receber triunfos soberanos:

Finalmente, por certas sympatias,
Eu torno a ter, no dia dos teus annos,
Nova consolação para os meus dias.

SONETO.

SAhio hoje de Phebo a luz dourada,
Não sei que nova gala dando ás flores:
Exhalão outro cheiro, de outras cores
Vai ficando a campina matizada:

A agua das fontes, até aqui gellada,
Murmura, burbulhando entre os verdores:
Não se vio tal em nossos arredores,
Desde que houve no mundo madrugada:

Sobre nós voa a candida Alegria,
Batendo as azas, affugenta os danos,
Que até aqui nos fizerão companhia:

Mas como não será para os humanos
Cheios de taes venturas este dia,
Se he este dia o dia dos teus annos?

Tomando posse da sua Casa a Illustrissima, e Excellentissima Senhora Marqueza de Niza.

SONETO.

VEm, amavel, bellissima Pastora,
Ver os grossos rebanhos, que dominas:
Honra os grandes casaes, piza as campinas,
De quem tu es a Tutelar Senhora:

Vem, assim como géra a mão creadora
Em tosco chão papoulas, e boninas,
Com teu exemplo semear doutrinas
Nos corações de quem te serve, e adora;

Pelo caminho te derramem flores
As Virtudes gentis: sacros loureiros
Sombras te dem, por onde quer que fores:

Assim vejas crescer os teus cordeiros;
E para bem de todos os Pastores,
Dês cedo a União legitimos herdeiros.

Aos annos da dicta Illustrissima, e Excellentissima Senhora.

SONETO.

NÃo são de flores mil festões pendentes;
Das portas dos casaes, de que es Senhora;
Nem vans ostentações, que o mundo adora,
Cousas sem ser, virtudes apparentes:

Não he dos teus Heroicos Ascendentes
Hoje a recordação; nem serve agora,
Entre vivas de Musica sonora,
Sobre fino manjar brindes contentes:

Os pállidos enfermos, os clamores,
De mal cobertos miseros humanos,
Que em ti achão remedio, em ti favores:

Estes são os triunfos soberanos,
Os ornatos, os vivas, os louvores,
Com que ha de ornar-se o dia dos teus annos.

A' mesma Senhora.

SONETO.

NÃo he com meus louvores, que eu podia
Fazer teus annos mais assignalados:
Raras virtudes, com que estão marcados,
He quem honra a memoria deste dia:

Por mais que êrga figuras a Poesia,
Que invente a Prosa termos levantados,
Serão, por mim teus Dons representados
Da verdade huma sombra inerte, e fria:

Só déstra mão de sabios Escritores
Possão pintar tão santos exemplares;
Porque eu não tenho nem pinceis, nem cores:

Amo os teus dias: Dias singulares!
E, para os não manchar com teus louvores,
Adorei em silencio os teus Altares.

A' mesma Senhora.

SONETO.

Os joelhos no chão, as mãos alçadas,
Fazendo ao Ceo mil supplicas ardentes,
Vejo, Senhora, agradecidas gentes
No dia dos teus annos empenhadas:

Cantão á sombra delles amparadas
Hymnos devotos, Psalmos reverentes;
E os écos destas vozes innocentes
Soão assim nos ares espalhadas.

Ouvi, ó grande Deos, as repetidas
Nossas deprecações, que só pertendem
Ser, para bem de tantos, deferidas:

Conservai-nos Nicea, a quem defendem;
Pois primeiro se acabem nossas vidas,
Do que huma vida, de que as nossas pendem.

A' mesma Senhora.

SONETO.

QUando fogem do monte as neves frias,
E debaixo dos pés rebentão flores;
Quando de Phebo os raios creadores
Enchendo vem a terra de alegrias:

Quando por entre as arvóres sombrias
Sahem, brincando, as Graças c'os Amores,
Vens tu, enchendo a todos de favores,
Com teus annos dourar os nossos dias:

Recebem, com te ver, hum novo alento
O monte, o valle, o racional, as féras:
Olha o nosso geral contentamento!

Só tu, Dama gentil, fazer puderas
Com teu abençoado nascimento
Haver no anno duas Primaveras.

Nascendo a primeira Filha dos Excellentissimos Marquezes de Niza.

SONETO.

OU seja precursora, ou fique herdeira,
Senhora, a tua Próle abençoada,
Nella a gloria verás representada
Do grande Unhão, da antiga Vidigueira:

As Almas não tèm sexo, e a verdadeira
Gloria de huma Alma não depende nada
De estar a hum corpo varonil ligada,
Para ser sabia, para ser guerreira.

Esta primicia do teu casto affecto
Gostosa offrece, e põe nas mãos Divinas,
Para encher a extensão do teu projecto;

Porque mais altos bens, cousas mais dinas,
Verás nella brilhar; que inda incompleto
O catalogo está das Heroinas.

SONETO.

Fazer annos, Senhor, será ventura,
Porque dilata a duração da vida;
Mas he huma ventura tão sabida,
Que a logra a féra, o tronco, e a pedra dura:

Só quem segue a razão, só quem procura,
Como tu, outra gloria mais sabida
Essa fama immortal, que te he devida,
He que faz annos, he que vive, e dura.

Se o dia he de perdão, e de favores,
Perdão te peço, se em conceitos rudes
Mancho o teu nome, offendo os teus louvores:

E favor, em que sempre alegre estudes
Ser só na imitação dos teus Maiores,
Mais que dos bens, herdeiro das virtudes.

SONETO.

DEzoito vezes, Phebo, a grão carreira
Pelo ardente Zodiaco tem dado,
Depois que no Oriente levantado
Ao mundo trouxe a tua luz primeira;

Desde então foi luzindo de maneira,
Que o deixou muitas vezes eclipsado;
E neste dia, a quem respeita o Fado,
Assim o diz a Fama pregoeira.

Hoje o Tempo, que a nada em fim respeita,
Respeita aquelles Dotes soberanos,
Com que o Ceo te honra a ti, e a nós deleita:

Vive pois para gloria dos humanos;
Que huma obra do Ceo, que he tão perfeita,
Dura, a pezar do vil poder dos annos.

SO-

SONETO.

A Minha natural melancolia,
As negras azás sobre mim batendo,
Não me deixa cantar, como pertendo,
As faustissimas glorias deste dia:

Com minha Musa pállida, e sombria,
Eu julgo, Anarda, que o teu nome offendo;
Vai mais altos favores recebendo
Da boca de ouro da immortal Thalia:

O velho Tempo, que as acções consome,
Respeitando teus Dotes soberanos,
Eternizá-los á sua conta tome:

Este assumpto não he para os Albanos,
He na bôca de todos o teu nome
O maior elogio dos teus annos.

SONETO.

O Tempo, que de nós foge apressado,
Que não foge de ti, Marcia, parece;
Sempre no mesmo ser se te conhece
Gésto formoso em rosto delicado:

Cuido que o mesmo tempo namorado
Da luz, que nos teus olhos resplendece,
Para que nelles, sem cessar, ardesse,
As azas encolhendo, está parado:

Vê que farão os corações humanos,
Se chega a ter comtigo esta equidade,
O mais cruel de todos os tyrannos:

Quiz honrar o teu sexo, e a nossa idade,
E dos teus bellos, virtuosos annos
Fingir huma segunda Eternidade.

SONETO.

NÃo sei, Marcia formosa, que exquisito
Louvor descubra, por louvar teus annos;
Para fallar dos seculos tyrannos,
Isso já anda a cada canto escrito:

Pois! dizer que o teu rosto he mui bonito,
Que os teus olhos gentis são dous maganos;
Ainda mal, que os corações humanos
O tem, com bem razão, mil vezes dito:

Tu de mim estas cousas não esperes:
Sou exquisito, quando dou louvores:
Fallo verdade a homens, e a mulheres;

Digo só que por ti morro de amores,
E que vivas os annos, que quizeres,
Em companhia destes meus senhores.

SONETO.

Hontem, Senhora Laura, casualmente
Ouvi dizer, e fez-me novidade,
Que fazieis, não sei quantos de idade,
Que isso não he ao caso pertencente.

Como obrigado, e como bom parente
Que sou, depois de certa sociedade,
Quiz, mas não dêo lugar a brevidade,
Em verso os parabens dar-vos contente.

Agora vo-los dou, porque os Albanos
Só isto tem que dar; porém sé affectos
Valem mais que presentes soberanos;

Cá rogarei a Déos nos meus Sonetos
Que inda possais, vivendo muitos annos,
Netos abençoar dos vossos Netos.

SONETO.

Ó Patrio Téjo, fóra dà agua, hum dia
Pára a chamar todas as Ninfas bellas;
Manda mil flores apanhar por ellas,
Das mais mimosas que a sua margem cria:

Em verde junco entretecer fazia,
Brancas, azues, vermelhas, e amarellas;
E alçando a grave voz, do meio dellas
Vendo-as ir trabalhando, assim dizia:

Fazei cinco grinaldas superiores;
E áquellas cinco Ninfas, que amo tanto,
Por cantarem tão bem, croai de flores:

Pois não ha (só se for no Córo santo)
Louvor mais digno, desde que ha louvores,
Canto mais singular, desde que ha canto.

SO-

SONETO.

Aos louvores de tanta suavidade
Que principio darei? Que nova idéa?
Que não seja, ou do Cisne, ou da Serêa,
Cousas, com que sonhou a antiguidade.

Dizer que edificar huma Cidade
Póde a tua voz, quem haverá que o crêa?
A huma alma grande que louvor recrêa,
Se não tem por espirito a verdade?

Mais disto tudo, a tua melodia
Obrou comigo, suspendendo hum tanto
A minha natural melancolia;

Tirou, para te ouvir, o negro manto;
Deixou-me ver o rosto da alegria;
Não ha louvor mais digno do teu canto.

SONETO.

FAz o Sol, com perenne actividade,
Hum dia, mais que os outros, vagaroso,
Porque huma vez no gyro luminoso
Sustente por mais tempo a claridade:

Assim neste, Senhor, que á vossa idade
Augmenta mais hum circulo glorioso,
Fazendo hum Solsticio milagroso,
Resume nelle a vossa eternidade:

O dia, que o Sol faz entre os humanos,
He grande, e só vence-lo poderia
A luz dos vossos raios soberanos:

Novo poder! Estranha primazia!
De quem, melhor que o Sol, sabe em seus annos
Vencer hum Astro, e eternizar hum dia!

A' morte do Illustrissimo, e Excellentissimo D. Francisco Xavier Telles, Protector da Academia dos Domesticos.

SONETO.

IRou-se Marte, e c'hum pelouro ardente,
Trovejando Vulcano affogueado,
Tirou a Hespanha hum inimigo ousado,
E a Portugal hum Capitão valente:

Era, de Heroes, Francisco, Descendente,
De quem tinha o valor c'o sangue herdado,
E obrando extremos de gentil Soldado,
Morre na cama dos Heroes contente:

A toma-lo sahio da funda arêa
Em seus ceruleos braços Thetis fria,
Que nelles o levou, de mágoa cheia:

Rasgue as Sessões a orfa Academia;
E as pennas, que guardou para a Epopéa,
Bem as póde aparar para a Elegia.

Ao Doutor Jeronymo Estuquete, defendendo huma Causa do Auctor.

SONETO.

CRia Apollo, segundo affirma a gente,
Nas entranhas da terra o metal louro;
Mas no Parnaso huma só mina de ouro
Não produzio té agora certamente:

Sou Poeta, e Poeta negligente,
Pois, nem se quer, meus versos enthesouro:
Musas não tem que dar, e só de louro
He que posso fazer algum presente:

Delle hum ramo cortei, dei-o a Thalia,
Que te fica tecendo huma capella,
Porque eu a tanto não me atreveria:

Entra no Templo seu, vem recebe-la:
Deve-se aos Protectores da Poesia;
Tu a desaggravaste, es digno della.

No dia dos Desposorios dos Excellentissimos Marquezes de Niza pede hum mulato a sua alforria.

SONETO.

NEsta, sem crime, accidental vileza,
Herdado abuso da coacção tyranna,
Não me faz apartar da especie humana;
Por me tingir de preto a Natureza:

Livrar quem tem a liberdade preza,
Com os dictames da razão se humana;
E da vossa piedade soberana
He justa acção, he generosa empreza:

Por ver se posso respirar gostoso,
Intercedei por mim, sede valia
Para o Irmão do vosso amado Esposo:

Fazei que em liberdade, e em alegria
Possa, c'os meus iguaes, tambem gostoso,
Accrescentar as glorias deste dia.

SONETO.

CHeguei ao Porto, e fui para a estalagem,
Despi-me, em quanto a cama se fazia:
Ceei, deitei-me, e logo no outro dia
Quiz visitar as Freiras, de passagem:

Puz-me na rua de bengala, e pagem,
Mostrou-se quanto pode a Fidalguia:
Vi na terra infinita porcaria,
E pelas ruas della muita lagem:

Esta gente de cá he muito attenta;
De Senhorias já eu vivo absorto;
Falta o dinheiro, o gasto se accrescenta;

Com qne em fim, brevemente me transporto,
Que, como a bolsa aqui corre tormenta,
Não me dou por seguro neste Porto.

SONETO.

MEu Limano gentil, meu bom Limano,
Já que todos levárão seu Soneto,
Tu, que de muitos es mui digno objecto,
Escuta agora o que te faz Albano:

Senão sahir bem feito, para o anno,
Se puder, farei outro mais selecto;
Que esta parede azul, este alvo tecto,
Me traz fóra de mim, se não me engano:

As mãos, e os olhos para o Ceo levanto:
Dou-lhe graças a elle, e a ti dou graças;
Mas não sei reduzi-las a alto canto:

Só sei pedir, te livre de desgraças;
Assim succeda: Deos te faça hum Santo,
E te dê muito, com que bem me faças.

SONETO.

EM quanto de solícitos criados
Servido á lauta meza o rico Algano,
Trincha, e offrece em rico prato Indiano
O cevado Perû aos convidados:

Em quanto come, e bebe, sem cuidados,
Do vinho engarrafado ha mais de hum anno,
E curvando-se hum pouco, alegre, e ufano,
Faz hum brinde, a virar, dos costumados:

Sobre a sùja toalha desta mesa
Como, e bebo: e, puchando dos meus cobres;
Faço cento e cincoenta de despeza:

Que bemaventurados são os pobres,
Se com tão pouco, co' a barriga teza,
Desprezão ricos, não lhe importa os nobres!

SONETO.

VA de furia, Senhores, vá de festa,
A' manhã vamos todos a Oeyras:
Quem tem feito até aqui tantas asneiras,
Que importa, amigos, ir fazer mais esta?

Das Damas, que ha por cá, nenhuma presta,
Feias, tolas, venaes, e chicheleiras:
Vamos ver dessas Ninfas mangadeiras
O collo de crystal, a branca testa:

O amigo Frondelio irá co'Lima,
Eu com Anfriso irei, Lesbio co'Costa:
Que função não será! Depressa, arrima:

E se ella feita assim vos não desgosta,
Governe a embarcação quem vai de cima,
Mandem-se vir as seges pela posta.

SONETO.

DIzemos nós, os Socios da Assembléa,
Assignados abaixo, sem mentira,
Que quem for tangedor, tempere a Lyra;
Quem fazer versos, que prepare a vêa:

Item, que ponha prompta huma boléa,
Em que hão de ir dous a dous, sem que refira
Hum ao outro, a razão porque suspira,
Que he (já se sabe) por ficar sem ceia:

Item, que ha de fazer huma promessa;
E vem a ser, que a Dama mais formosa
Póde louvar, mas não fazer cabeça:

E mandamos, em fim, por lei forçosa,
A quem faz versos, que seus motes peça;
E quem os não fizer, que arme de prosa.

SONETO.

Eu parto, Adeos, cruel, e desterrado;
Por mais que ausente pize a terra estranha,
Sempre a memoria tua me acompanha
Da fortuna em qualquer infausto estado:

Em paz te deixo, fica sem cuidado,
Em quanto o mar navego, ando a montanha;
Que dor nenhuma sentirei tamanha,
A que tu me não tenhas costumado:

Lá te deixo de amor triunfo tanto;
Já livre zombarás, fica-te embora,
De ouvir o meu clamor, de ver meu pranto;

E se mais me não vires, desde agora,
Para sempre, este Adeos recebe, em quanto
Pelo mundo a minha alma afflicta mora.

SONETO.

MUdar de terra não pertendo, amigo,
Para ver se se muda a sorte escura,
Pois já por experiencia da ventura
Sei que não posso achar no mundo abrigo:

Como em mim trago occulto o meu perigo,
Aonde hei de escapar da desventura?
Na Patria não, que ainda escassa, e dura
Terra me negará para jazigo:

Leva-me o genio, ou me chama o Fado:
E pouco importará que se erre o meio
Deste pequeno allivio imaginado:

Pois quando assim succeda, mais receio
Viver na propria terra desgraçado,
Que acabar desterrado em clima alheio.

SONETO.

ORa diga-me cá, Senhor Marquez,
E o tal mercadorinho fica assim?
Olhe, a desfeita não foi feita a mim;
Elle a vossa Excellencia he só que a fez:

Supponha que á parede arrima os pés,
E que jóga de lombo este rocim;
Então, nunca a jornada ha de ter fim,
Para eu ficar Ministro de Entremez?

Quanto mais, cem mil reis contra hum tostão
Ha quem aposte, se eu daqui me fôr:
E quer que eu dê á gente este alegrão?

Ora seja esta vez meu Ouvidôr,
Não se diga, que á minha petição
Fez ouvidos tambem de mercador.

SONETO.

DEbaixo desta pedra fria, e dura
Jaz a mais ajustada, e doce vida,
Que pelas mãos da Morte, em flor colhida,
Fez desta terra honrosa sepultura:

Vamos chorar sobre ella a desventura,
Que ficou por nós toda repartida:
Vamos chorar, de hum golpe só perdida,
A graça, a discrição, e a formosura:

Façamos-lhe este obsequio derradeiro;
Mil ais soltemos, suspiremos tanto,
Que nos não fique o coração inteiro:

Cheios sempre de dor, cheios de espanto,
Em lugar de magnífico letreiro,
Sirva-lhe de Epitafio o nosso pranto.

SONETO.

TEm-me posto a Fortuna em tal estado,
Que aborreço, por triste, a toda a gente,
Pois nenhuma alegria, inda apparente,
Me permitte a razão do meu cuidado:

Mas por mais que o discurso envergonhado
Abrir-me os olhos de huma vez intente,
Desfaz logo a memoria de repente,
Quanto tinha a razão determinado:

Em quanto a Morte não decide o pleito,
Já que debalde contra a causa insisto,
Serei accusador do meu defeito:

Porque ser impossivel tenho visto
Achar em meu favor algum sujeito,
Se até comigo mesmo me malquisto.

SONETO.

MIl vezes vou ao rio, e não te achando,
Os montes subo, os valles atraveço;
De novo cada dia me entristeço,
Por ti ás mais Pastoras perguntando:

Huma faz que não me ouve, e vai-se andando,
Outra sorri-se do meu louco excesso,
Porque julgão talvez que eu não mereço
Nem o trabalho de te andar buscando:

Desgostoso da minha desventura,
Vou parar no lugar mais desabrido,
Contemplando na tua formosura:

Se te encontro, he sómente no sentido;
E buscando-te em fim nesta espessura,
Depois que te não acho, ando perdido.

SONETO.

COntão-se por exemplo da amizade
As finezas de Eurialo, e de Nizo;
Vem tambem nestes lances a juizo
De Orestes, e de Pilades a idade:

Mas isto foi ficção, não foi verdade;
Jura-lo-hei, se acaso for preciso:
Por certo, meus amigos, que faz riso
As cousas, que inventou a antiguidade:

Já me não enganais com prasenteiros
Rostos, cheios de hum brando acolhimento,
Que eu conheço mui bem os lisongeiros:

Tenho expriencia, e tenho entendimento;
E se ha no mundo amigos verdadeiros,
Será só no Paiz do fingimento.

SONETO.

PAstora, nesta nossa despedida
Não haja choro, *Adeos*, fica-te embora!
Busca algum passeante, que namora,
Sem que a moça o entenda toda a vida:

As idades são curtas, e perdida
Acho que he já comtigo qualquer hora:
Tórce o focinho, faze-te Senhora;
Que o es do teu nariz, não se duvida:

Cuidas que da paxorra has de tirar-me,
Que herdei de meus Avós? Eu tanto a prézo,
Que val mais que o favor que podes dar-me:

E se não (olha como as cousas pézo)
Cuidas que fazes muito em desprezar-me?
Mais faço eu: despézo o teu desprêzo.

Ao Doutor Ignacio Alvarenga, lendo no Desembargo do Paço.

SONETO.

VAi, ó sabio Alvarenga, expende ousado,
Para o Ponto, as doutrinas terminantes,
Que a vencer em batalhas semelhantes
Já vens do campo dellas costumado:

Vai, que Minerva o dom te ha preparado,
Que só concede aos seus Heroes Atlantes;
Pois que quer que entre todos te levantes
Com a Coróa Civica adornado:

No Templo da immortal Sabedoria,
Onde estão os Pomponios, e os Trebacios,
Des de hoje, a Deosa, pela mão te guia:

E assim como os Acurcios, os Cujacios,
Veremos, entre nós, inda algum dia
Igualmente citarem-se os Ignacios.

SONETO.

NAs margens de hum ribeiro conversando
Iño, Albano, e Silvio, em seus amores;
Hum sitio alli buscárão dos melhores,
Que a tristeza estivesse convidando:

Oh que sitio! (diz Silvio suspirando)
Pois me lembra de Altéa os desfavores;
Quantas vezes aqui me dèo penhores
Nas brancas mãos, amante fé jurando?

Ai, Silvio amigo, (disse então Albano)
Historia semelhante n'alma escrito
O tempo me deixou; Deos sabe o dano:

E ausentando-se ambos do districto:
Disse hum para o outro: Deste engano
Não ha mais que dizer, tudo está dicto.

SONETO.

QUe terna commoção! Que grato effeito
Me está fazendo n'alma esta harmonia!
Em tão nobre, tão doce sympathia,
Que sustos agradaveis sente o peito!

Palpita o coração; mas tão desfeito
Se revolve em si mesmo, e se avalia,
Que para a percepção da melodia,
Parece todo o espirito conceito.

Oh doce turbação do alento escasso!
A que ternas saudades me condemna
O teu sonóro musico compasso!

Como no acorde a confusão se ordena!
Fazendo-te a lembrança ao mesmo passo
Cópia da gloria original da pena.

SONETO.

Solitaria se vê esta espessura!
Este arvoredo funebre se admira!
Parece que de horrores só respira
O vegetante mappa da verdura!

Das fantasmas, que mostra a sombra escura,
Até a luz medrosa se retira!
O vento melancolico suspira!
Ave não canta! Fonte não murmura!

Mas que todo este horror não satisfaça
A innata propensão da natureza,
Que produzio em mim, triste, a desgraça!

Desconhecido impulso! Estranha empreza!
De hum genio tão afflicto, que a ser passa,
Triste, ainda mais triste que a tristeza!

SONETO.

MAis depressa que o lume fuzilado
Passou o meu feliz contentamento;
Teve a declinação antes do augmento,
Foi verdadeiro, e parecêo sonhado.

Tão debil ser, tão lisongeiro agrado,
Que mais durar podia, que hum momento?
Mas seria apprehensão do entendimento,
Que ás vezes tambem sonha hum desgraçado.

Mas se do tempo foi toda a victoria,
Que pertende? Que aguarda a semelhança,
Perdido o Campo, despojada a gloria?

Desengane-se pois, que nada alcança,
Mais que infamar o Templo da Memoria,
Pondo nelle o cadaver da Esperança.

SONETO.

Mil dias ha, cruel, que vivo exposto
Aos teus desprezos, sem que possa a idade,
Se quer dos sentimentos da piedade,
Mostrar hum leve indicio no teu rosto.

Quando esperas, cruel, fartar o gosto
Dessa tyranna hydropica vontade?
Cuidarás que tem fim a Eternidade,
Para então pores termo a meu desgosto?

Igual vai sendo ao tempo a desventura:
Nem tu cedes, nem eu; teima, e fineza
Em ti parece, quando em mim loucura:

Não ha da sorte mais cruel destreza!
Que ir pôr nas tuas mãos minha ventura,
Por fazer immortal minha tristeza.

SO-

SONETO.

CEsse de hum rogo inutil a porfia;
De hum amor cale os votos a assistencia;
Se ha de encontrar na tua resistencia
Desfigurada a graça em rebeldia:

Das sem-razões da tua tyrannia
Principie a vingança pela ausencia;
Porque póde ser culto a desistencia,
Onde foi sacrilegio a idolatria.

Mas ah, Divina Marcia, doce objecto!
Que me he mais impossivel, que forçoso
Severo sustentar quanto prometto:

Brando, ou forte, teu genio rigoroso,
Constante ha de soffrer o meu affecto,
Que eu aprendi comtigo a ser teimoso.

SONETO.

TUdo quanto esperei, tenho perdido;
Quanto não quiz, já vejo executado;
Dos mais amigos fui sempre enganado,
E de amores fui mal correspondido.

Se me queixo, reputão-me atrevido;
Se me desculpo, julgão-me culpado;
Dos parentes me vejo abandonado,
Dos estranhos em nada soccorrido.

Se alguma vez me rio, he só negaça;
Se muitas me entristeço, he mágoa pura;
O bem não chega, o damno nunca passa;

E, a não ser lá depois da sepultura,
Não tenho que temer mais da desgraça,
Nem tenho que esperar mais da ventura.

Aos Annos da Illustrissima, e Excellentissima Marqueza de Niza.

SONETO.

TOrna, Excelsa Marqueza, o suspirado
Dia dos teus bons annos: Torna a gloria
Desta recordação, desta memoria
A fazer nosso tempo affortunado:

A teus mimosos pés Amor curvado
Torna a cedêr-te o campo da victoria;
E hum novo assumpto á Portugueza Historia
Torna a dar-lhe o teu nome acreditado:

Torna a arder em teus cultos soberanos
Devoto incenso, que perfuma os ares,
Prova fiel de corações humanos:

E pois inda te dignas de me honrares,
Torne eu tambem no dia dos teus annos
A pôr meus versos sobre os teus Altares,

A' mesma Illustrissima, e Excellentissima Senhora.

SONETO.

NÃo sei se será bem que em verso escrito
De teus bons annos o triunfo cante,
Sem licença do meu Capitulante,
Que tem, o fazer versos, por delicto:

Porém elle com ter tão baixo esprito,
Por mais que a voz nos Tribunaes levante,
Lendo o teu nome aqui, será bastante
Para se desdizer do que tem dito.

Com tudo, se teimar, c'os seus perversos
Sequazes, para urdir-me novos damnos,
Teimaremos por modos bem diversos:

Pois áposta andarei c'o estes maganos;
Elles a fazer mófa dos meus versos,
E eu a fazer versos aos teus annos.

SO-

SONETO.

SOlto o cabello, o rosto abrazeado,
Sem saber a que parte os pés movia,
A afflicta Venus douda parecia,
Chamando por seu filho idolatrado.

Tenho hum brilhante premio destinado
A quem m'o deparar (Venus dizia):
Eu, que onde estava Amor mui bem sabia,
Quiz ver se era huma vez affortunado.

Nos braços de Filena está Cupido,
Lhe disse; que a seus annos reverente
Lhe foi beijar a mão agradecido:

He formosa, he discreta; e justamente
Tenho o teu premio, ó Deosa, merecido;
Dá-m'a por premio, e ficarei contente.

SONETO.

JÁ vencedor tributo em teus Altares,
O' Sacro Templo, as miseras cadêas,
Que em sangue tinto das rasgadas vêas
Cégo arrastei, soffrendo mil pesares:

Por longas terras, dilatados mares
Com esperanças vans, frageis idéas
O tempo consumi: Oh quanto enleas
Mundo, que só cuidaste em me enganares!

Feliz a santa face da verdade
Bejo, e em puro voto, não profano,
Respirar sinto o peito em liberdade:

Rompeo-se o véo, em fim, do antigo engano;
Entreguei á razão toda a vontade,
Seja gloria ao triunfo todo o damno.

SONETO.

SOnhando estava agora que a ventura
Tinha, Anarda, de ver teu gésto lindo,
A quem mil doces queixas repetindo,
Toquei da face a nitida candura:

E tu, entre huma timida ternura,
Meus agrados pagando, e consentindo,
Me foste honestamente permittindo
Quantos cabem no amor de huma alma pura.

Acórdo, e vejo então que te arrependes
De huma devida fé, que tão mal pagas,
Porque sonhar com outro amor pertendes.

Ora vê como o meu socego estragas;
Acordado, he verdade que me offendes;
E dormindo, he mentira, se me affagas.

SONETO.

N'Um valle de boninas matizado
Chorar pertende Anarda eternamente;
E qual manhã saudosa, e refulgente,
O campo deixa em lagrimas banhado:

Da triste sem-razão do seu cuidado
Deve aquella campina estar contente,
Pois lucra, em quanto Anarda tem presente,
Que lhe engrosse a corrente, e orvalhe o prado:

Com ella brilha mais a verde esféra;
Porque quando suspira, e quando chóra,
A flor se alenta, o rio se prospéra:

Pois peça o campo alviçaras a Flora,
Que será permanente a Primavera,
Onde estão sempre as lagrimas da Aurora.

SONETO.

ESse suspiro, ó Nize, que animado
Do teu peito sahio, desfê-lo o vento;
Que amor, que tem por base o fingimento,
Quanto produz, he fogo imaginado.

Hum peito a suspirar acostumado,
Se algum suspiro dá, não lhe he violento:
Logo porque razão tanto tormento
Te ha de custar hum só suspiro dado?

Eu sou quem suspirando de offendido
A paixão, que me deves, anteponho
Ao teu genio, mil vezes desabrido:

Da causa de meus zelos me envergonho;
Porém sou tal que, em vez de arrependido,
Ainda por ti a suspirar me ponho.

SONETO.

AOnde aquelle amor, que promettias,
Existe no teu peito? Onde, inconstante,
Aquelle voto, que juraste amante?
Onde aquellas promessas que fazias?

Serem baixos os Ceos, negros os dias,
A terra movediça, o mar constante,
Primeiro se verá, do que hum instante
Deixar firme eu de ser: Tu não dizias?

Pois falsa, se obrigar-te alheio rogo
Havia, em algum tempo, outro cuidado,
Porque da empreza não mudaste logo?

Ora deixo-te o crime perdoado;
Que eu não quero mais nobre desaffogo,
Que chamar-te mulher, e estou vingado.

SONETO.

NO tempo, que aos desgostos offerecido
Já de mui longos annos tinha o peito,
Me appareceo Amor tão contrafeito
Que me enganou, depois de conhecido:

Parece que hum de nós inadvertido
Tinha o proprio costume já desfeito;
Ou elle de meus males satisfeito,
Ou eu de seus enganos esquecido:

Mas nem descuido foi, nem foi engano:
Em mim, porque mui bem o conhecia;
Nelle, porque me déra o desengano.

Pois donde tal desordem nasceria?
Da fraqueza nasceo de hum peito humano,
Que do mesmo, que teme, desconfia.

SONETO.

ESsas prizões indignas, que a vontade
Prizioneira arrojou em sacrificio,
Desatadas no ardente precipicio,
De troféos vão servir á liberdade:

Da Memoria no Templo á falsidade
Risque-se a imagem, caia o edificio;
E não fique no estrago hum breve indicio,
Que seja testemunha da piedade:

Consuma-se no ardor toda a esperança,
Por mais que na memoria arder pertenda
Reliquias para nova confiança:

E antes que no peito outro se accenda,
Acabe-se a inconstancia na mudança,
Principie o castigo pela emenda.

SONETO.

ACceita, e piza, ó bella encantadora
Essas cadeias, já por mim quebradas,
Destroço vil de humas prizões passadas,
Que eu tanto aborreci, que as lancei fóra:

Mas estas que me deitas, desde agora,
Mais mimosas, mais doces, mais douradas,
Mostrão no gosto, com que são levadas,
Que es da minha alma a unica senhora:

Comigo andarão sempre em toda a idade;
Porque forças nem minhas, nem alhêas
Hão de quebrar os laços da vontade:

Por ti o juro, peço-te que o crêas.:
Se houver quem possa tanto, a liberdade,
Não ha de consentir outras cadêas.

SONETO.

IR visitar inhóspitos lugares
Por descobrir metaes resplendecentes,
Em dura escravidão, por varias gentes,
Arabes, Persas, Chinas, Malavares;

Por novos climas, por estranhos mares
Ir formar tropas de nações diffrentes,
Ganhar no Mundo a fama dos valentes
A' custa dos perigos singulares;

Acções grandes serão para os que ignorão
O verdadeiro fim das almas nobres,
Que estes sómente o que he virtude adorão:

Vê pois, meu Conde, qual ser mais descobres,
Se Pai da Patria, como alguns já forão,
Ou se ser (como tu) o Pai dos pobres!

SONETO.

NÃo sei o que acho em ti, que tão distante
Do ser humano está! Não sei, Senhora,
Não sei que força, que virtude móra
Nessa tua alma, nesse teu semblante!

Mas que digo? Já sei: Acho hum constante
Parecer, innocente, a qualquer hora:
Hum mover de olhos, que capaz só fora
De derreter hum peito de diamante:

Acho huma alma de certa qualidade,
Tão fóra do commum, que não parece
Que a fez, sem se empenhar, a Divindade:

Assim eu, ah Senhora, achar pudesse
Nos teus formosos olhos a piedade,
Que este meu triste coração merece.

SONETO.

FOge o cervo, ferido na montanha,
A's mãos do caçador; mas desta sorte,
Como em si leva a setta aguda, e forte,
Por mais que corra, sempre a morte o apanha:

Pela bôca do golpe, á força estranha,
Lhe vai sahindo a vida, e entrando a morte,
Remedio algum não acha, que o conforte,
Porque em fim de si mesmo se acompanha:

Assim de balde fujo ás mãos daquella
Cruel, mas justa lei do meu castigo,
Inficionado pela causa della:

Que he tal esta desgraça, este perigo
Que, onde quer que me esconda, dou com ella;
Para onde quer que fuja, vai comigo.

MO-

MOTE.

A tenra filha, a delicada Esposa.

SONETO.

CAmpos, reverdecei: rebentai, flores,
Que vos torna a pizar quem vos domina:
Os grandes Pais da melindrosa Eugina,
Vossos claros, legitimos Senhores:

Ide colher, Serranas, e Pastores,
Rubra papoula, candida bonina,
Para enfeitar tão singular menina,
Fructo gentil de seus fieis amores:

Fujão do redor della agudos frios,
E do supremo Ceo a mão piedosa
Dilate, e doure da sua vida os fios,

Em quanto eu canto em verso, e louvo em prosa
O Illustre Pai, os generosos Tios,
A tenra filha, a delicada Esposa.

MOTE.

Em chammas de Amor arde o meu peito.

SONETO.

ESse fogo de amor, em que alguma hora
Ardeo, por lenha, o coração magoado,
A cinzas reduzido, em pó tornado,
Por huma vez de todo lancei fóra;

Que Medéa, que Cyrce encantadora
(Dizia eu no meu tranquillo estado)
Por mais laços que tenhão preparado;
Podem prender-me o coração já agora?

Mas, que valeo a solta liberdade,
Se só dos olhos tens hum brando geito
Vence o mais alto imperio da vontade?

Só tu fazer podias tanto effeito;
Que a pezar da soberba, e da vaidade;
Em chammas de Amor arde o meu peito.

OITAVAS

Recitadas na Academia dos Conformes.

I

SAbes quem he o Rei sabio, e constante,
Que Pio, e Justo a hum tempo faz temer-se,
E do mundo, na parte mais distante,
Seu magnanimo espirito estender-se?
Mas este informe lhe será bastante,
Para, sem nomea-lo, conhecer-se:
Que hum Rei, Sabio, Constante, Pio, Inteiro,
Quem póde ser, senão José Primeiro?

II

Este Monarcha Invicto, cuja mente
Sempre de altas idéas fecundada,
Dotou de huma virtude intelligente,
Essa Deosa sem Mãi, do Pai gerada:
Vio os torpes descuidos de huma gente,
Que foi mais que a da Grecia celebrada,
A quem o molle sono da ignorancia
Converteo em lethargo a vigilancia.

III

III

Vio mudas as Escolas, solitarias
As instructivas magistraes Cadeiras;
E para mil victorias literarias,
Viçosos louros, inclytas Palmeiras:
Vio os progressos de outras Nações varias,
Que em vão querem nas letras ser primeiras;
E nesta Literaria Monarchia,
Sem governo, sem prática, sem guia:

IV

Tudo isto vio, com sabia vigilancia,
Lá do Throno, onde rege por clemencia
As redeas do Governo, sem jactancia
A norma dos estudos com prudencia:
De quem fiar procura em tal distancia
O gosto, a direcção, a permanencia,
Com que nas letras quer que aos Lusitanos
Outra vez cedão Gregos, e Romanos.

V

Quando nesse aureo tecto, em que descança,
Mais o vulto Real, que a mente Augusta,
Das fadigas da próvida lembrança:
Socega hum pouco, em fim, bem que lhe custa:
Então a Deosa, que dos Ceos alcança
Ser igualmente sabia, que robusta,
Logo que o Rei Magnanimo adormece,
Por sonho, ante seus olhos lhe apparece.

VI

Armada vem por modo, que acommetta
Algum contrario seu, de genio duro;
Lança na mão, seguro o capacete,
No esquerdo braço o reforçado escudo:
Para o Rei, de vagar passos repete,
Que para ella olhando está sizudo:
Chega; e, antes que falle, alli descança
Airosamente o corpo sobre a lança.

VII

E diz: Eu sou Minerva, ó Rei prudente,
Nobre extracção do cerebro Divino,
Com que meu Padre, Jupiter potente,
A todos manda incognito destino:
Este desejo teu me fez patente;
E tanto me agradou, que determino,
Com assombro de toda a redondeza,
Favorecer-te em tão discreta empreza:

VIII

Sei que o teu grande espirito se applica
A regular as letras, como tudo;
E querer-te ajudar, bem se amplifica
Na defeza que trago neste escudo:
Não cuide algum estolido, que implica
Ao manejo da espada a lei do estudo:
Que quem seguir a bellica influencia,
Deve estudar as regras da prudencia.

IX

Sei tambem que procuras desvelado
Quem seja a tanta fábrica instrumento;
E porque o teu designio bem logrado
Tenha immortal, seguro fundamento,
Mostrar-te quero, quem determinado
Pelos Deoses está desse alto assento;
Para que, conseguindo esta victoria,
Tenha comtigo huma porção de gloria.

X

Acompanha-me, ó Rei: E isto dizendo,
Dá com elle huma esplendida carreira,
Atravessando os Ceos, onde vai vendo
Os caminhos da gloria verdadeira:
Solto nectar sobre elle está chovendo,
Que vê cahir da esféra derradeira,
E assim entrão com summa brevidade
No Templo da suprema Heroicidade.

XI

Oh Musa mais sagrada, Urania, digo,
Que quantas o alto monte em si descreve,
Como sem teu favor, sem teu abrigo,
Tanto o meu fraco espirito se atreve?
Eu te prometto, ó Deosa, de consigo,
Tal successo pintar em mappa breve,
Em quanto teu favor me conservares,
De estar beijando sempre os teus Altares.

XII

XII

Tinha o Templo do portico a fachada
De reluzentes jaspes guarnecida
De huma preciosa tarja rematada
De materia até agora nunca ouvida:
Nella, com aureas letras debuxada,
Se via a santa lei da heroica vida;
As portas de diamante claro, e puro,
Com quem não tem poder Poder futuro.

XIII

As paredes, o tecto, o pavimento
Tudo de eburnea fabrica he disposto;
De huma lampada eterna o luzimento
De raios banha todo este composto:
Povoão-no de Heroes o ajuntamento,
Cada hum no lugar devido posto,
Com algumas Estatuas já famosas
Erigidas em bases magestosas.

XIV

Já a sabia Deosa pelo Templo entrava,
Melhor que o que fez grande o Palatino;
Então ao Rei magnanimo explicava
Dos celestes varões o alto destino:
Estes, que empunhão valorosa clava,
São aquelles (lhe diz) que com Divino
Esforço sustentárão contra a inveja,
No bem da Patria, a gloria da peleja.

XV

Estes, que agora vês mais levantados,
Que as frentes cingem de immortaes letreiros,
São os que na escritura assignalados
Deixárão viva a fama dos primeiros:
Os outros, que alli vês, Reinos, e Estados,
Como heroicos Patricios verdadeiros,
Defendêrão com maximas prudentes
De Catilinas mãos inconfidentes.

XVI

Este, que vês aqui entre os Augustos
Reis, que forão do mundo mais famosos,
He o grande teu Pai, que até dêo sustos
A quantos tem havido poderosos:
Aquelles todos são agora os justos
Predecessores teus, sempre gloriosos
Nos estudos, nas armas, na policia,
Porque gozando estão tanta delicia.

XVII

Essa Estatua, que vês de ouro radiante,
Que tem na dextra a grande palma erguida,
E com sereno, e placido semblante
De hum soberbo Dragão está defendida:
Mandou meu Padre Jupiter constante
Que fosse em teus obsequios erigida;
Só porque nesta acção, que alta emprendeste,
Hum dos seus attributos estendeste.

XVIII

XVIII

As mais, que abaixo vês, são dos que a Fama
Seus nomes trouxe aqui por mil motivos;
E bem que Heroes, a Eternidade os chama,
Não podem nella entrar, em quanto vivos:
Mas porque sei que o peito se te inflamma
Nos desejos, que trazes excessivos;
Dizer-te quero já da alta grandeza
Quem ha de ser o Heroe da tua empreza.

XIX

Em fim, aquella Estatua, cuja frente
De aureo Diadema agora vês cingida,
Abrindo nas Reaes mãos o providente
Volume dos soccorros á tua vida:
He daquelle Ministro mais prudente,
Mais sabio, e de piedade mais crescida,
Na tua Monarchia Lusitana,
Que Catão na Republica Romana.

XX

O douto Sebástião, de alta constancia,
A quem eu soube dar tanta influencia,
Que na Aurora feliz da sua infancia
Já madrugava a luz da intelligencia:
He o sabio, por quem, sem repugnancia,
Na direcção da próvida sciencia
Podes dar a beber as letras bellas,
Pois elle a chave tem da fonte dellas.

XXI

XXI

Elle ha de ser o público instrumento,
Com que facilitando o teu discurso
Distribua os caminhos do talento
Das minhas aulas no immortal recurso:
Bastará só o seu entendimento,
Que com mui docil, e especial concurso,
Qual o sabio cultor da fertil herva,
Fará crescer os fructos de Minerva.

XXII

Isto dizendo ao Rei, que attento estava,
Sahe com elle do Templo, e o leva aonde
Aquella vez primeira se mostrava,
A que o Rei soberano corresponde:
A Deosa, que a proposta lhe acabava,
Subitamente a grave fórma esconde,
E o Rei acorda do extasi glorioso,
Suspenso hum pouco está, porém gostoso.

XXIII

Argumentos comsigo está fazendo,
Sem poder resolve-los, duvidando
Se estas cousas de perto estava vendo,
Ou se com ellas inda está sonhando;
Porém, ter sido sonho, conhecendo,
Por mysterioso o vai já contemplando;
A tua idéa, ó grande Rei, conforta,
Que este não veio pela eburnea porta.

XXIV

XXIV

Resolve o Rei prudente, e logo chama
A seu conselho o tal Ministro activo,
A quem para esta justa empreza acclama
Então por Director executivo;
Mas ah! Que já do Ceo nos trouxe a Fama
Por occulto mysterio, alto motivo
Hum perfeito Ministro, que acordado
Desempenha o caracter do sonhado!

XXV

Em prática põe logo os fundamentos
Para a estabilidade dos estudos;
E conferindo desiguaes talentos,
Adianta os claros, desengana os rudos:
Já tudo em Portugal são documentos
Discretos, scientificos, sizudos;
Só tu podias, Rei, que o Ceo penetras,
Resuscitar as apagadas letras.

XXVI

Só tu podias, Rei de alta grandeza,
A que a Fama tem dado igual memoria,
Com tão justo esplendor, tanta estranheza,
Do nosso Imperio dilatar a gloria;
Oh como he digna esta discreta empreza
De accrescentar-se á Portugueza Historia!
Porque em tua Real Academia
O mundo lêa, o que até aqui não lia.

XXVII

XXVII

Agora sim, agora he que de véras
Decantado serás sem desvarios,
Que para o teu louvor só tu puderas
Assignar proporção aos elogios:
Agora sim, agora he que as esferas
Dos homens, sendo grandes, sem desvios,
Sabem, quando o teu nome assim descrevem,
Pagar-te em discrição quanto te devem.

XXVIII

Esta grata porção do nosso affecto
Pio acceita, inclinando a Magestade,
Que na Divina elevação do objecto
Só assim podes ver nossa humildade:
Em quanto por justissimo decreto
Ao Templo não póde ir da Eternidade
Collocar-te Minerva, pois te move
Debaixo do docel, que urdio a Jove.

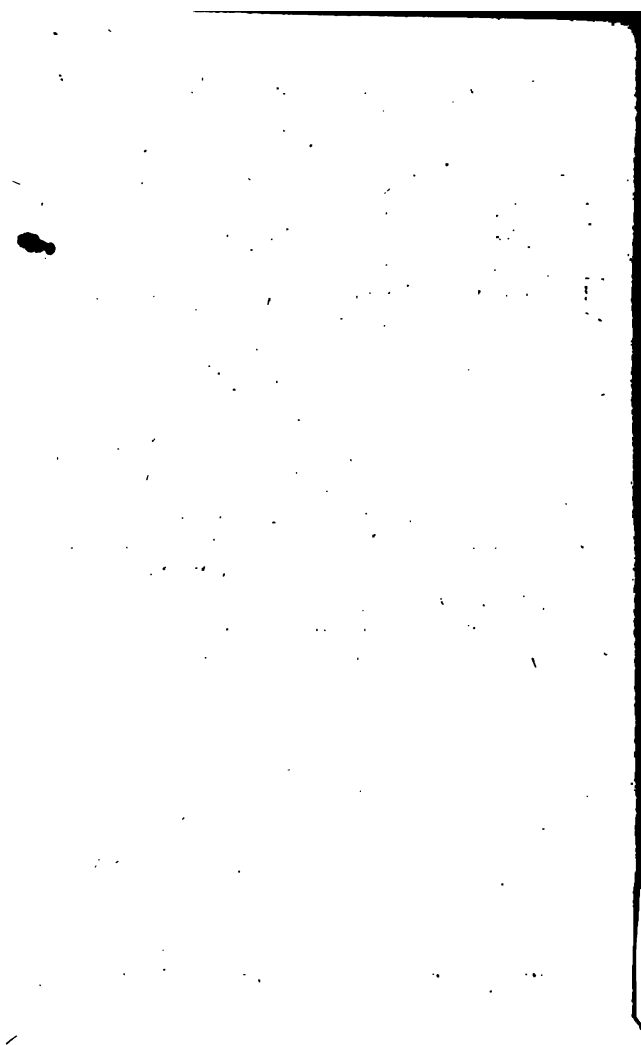
XXIX

E vós, sabia, e discreta Sociedade,
Que provais o feliz engenho vosso,
Cantareis com mais alta suavidade
Os louvores de hum Rei, que eu só não posso:
Falta-me huma Divina actividade,
Que ao peito accenda o metricò alvoroço;
Só me não falta aquelle são desejo
De o louvar como vós, que isto he que invejo.

XXX

Louvai-o assim com plectro mais profundo;
Louvai-o assim, que a vossa Academia
Só então poderá entre as do mundo
Disputar immortal a primazia:
Pois como elle he primeiro, sem segundo,
A' vossa póde dar tanta valia,
Que assim, por consequencia verdadeira,
Só por mais o louvar, seja a primeira.

XXXI

Mas quem duvidará, que ella, e só ella,
Nos seus justos obsequios empenhada,
Quando assim tão conforme se desvela,
Ha de a Fama trazer sempre occupada?
Triunfando pois, sem timida cautela,
Seja mais do que todas celebrada;
Porque possa, em sinal desta victoria,
Levantar o pendão, cantar a gloria.

ECLOGA

DE

DURINDO, E FLORO.

I

A Fresca sombra de hum frondoso outeiro,
Em que humas aves cantão, outras voão,
As crystallinas aguas de hum ribeiro
Por entre pedras murmurando soão:
Alli repouso o lasso passageiro
Tem, entre as flores, que o lugar povoão;
Onde eu chegando de affrontado, hum dia,
No ardor da sesta, descançar queria.

II

II

Eis-que ouvindo fallar confusamente,
Vejo no bosque, áquella parte olhando,
Dous Pastores de aspecto descontente,
Que estavão entre si de amor tractando:
Busco hum lugar occulto, em que me assente,
Em quanto passa a calma; e alli notando
Os géstos, e as palavras que disserão,
Conheci logo, a meu pezar, quem erão.

III

Erão Durindo, e Floro, os dous Pastores,
Ambos mancebos, ambos abastados,
Queixoso cada qual dos seus amores,
De quem ficárão sempre maltratados:
Durindo, que inda frescos os rigores
Sente por Sylvia, sem razão causados,
A Floro novamente os repetia;
Eu os tomei de cór, e assim dizia:

IV

Eis-aqui, Floro meu, o que o homem tira
Desta céga paixão, que amor se chama;
Tudo huma falsidade, huma mentira,
Para enganar o peito de quem ama:
Quem tal nome lhe põe, erra, ou delira,
Ou nunca se queimou de amor na chamma:
He sem-razão, amor, amor chamado,
Tão doce ouvido, tão cruel tractado.

V

Sylvia, Sylvia, por quem morri de amores,
E a quem unicamente amei deveras,
Em rosto mais formosa do que as flores,
Em coração mais dura do que as féras;
Propoz-me os justos Ceos por fiadores
De vans palavras, que eu julguei sinceras;
Disse que outra paixão de amor não tinha,
E por elles jurou que era só minha.

VI

Eu nestas falsas mostras enlevado,
Cri facilmente o que lhe tinha ouvido;
Pois qual he o sujeito namorado,
Que sabe conhecer amor fingido?
Pouco importa a expriencia do passado
A quem já tem o coração rendido;
Que ou já não lembra a dôr, como acontece,
Ou, se alguma vez lembra, logo esquece.

VII

Eu bem sabia a pouca segurança
Que em Fortuna, e mulher fazer devia;
Tão natural em ambas a mudança,
Como o fogo ser quente, e a neve fria:
Que era o mesmo pôr nellas a esperança,
Que semear sem fructo, me dizia
O nosso Albano, de experiencias cheio,
Em quem mil casos, mil exemplos leio,

VIII

VIII

Mas elle mesmo, que de ter se préza
Dos corações hum tal conhecimento,
Que já não crê, que possa haver firmeza
Em peito feminil; se o juramento
Visse, que Sylvia fez, dou-te a certeza,
Que tudo crêra, sem lhe ser violento;
Pois desde que ha enganos nesta vida,
Nunca a verdade foi tão bem fingida.

IX

Mas, Floro amigo, tudo vai da hora.
Que homem haverá, de témpera tão dura,
Que se não renda, quando huma Pastora
Une á belleza a força, com que jura?
Ella suspira; e, se he preciso, chora:
Ella pragueja, e dá-se á má ventura;
Finge sentir paixões, que não padece,
E ainda em cima hum homem lho agradece.

X

Tal foi Sylvia comigo, Sylvia, aquella,
Que huma vez, entre mil, que a amor faltára,
Arrepelou a trança loura, e bella,
Só por eu lhe dizer que me enganára:
Quiz-lhe pegar na mão, fugio com ella:
Fui para lhe fallar, voltou-me a cara:
Dei-lhe satisfações, como tu vias,
Não as ouvio, nem me fallou tres dias.

XI

XI

Era o motivo do meu justo enfado,
Lelio, Pastor, que mora nesse oiteiro,
E de quem sempre andei desconfiado,
Desde que foi no baile seu parceiro:
Presumido de ser o mais prendado,
Não se tirou do campo o dia inteiro;
Dei a Silvia hum remoque brandamente,
Que disfarçou; mas não ficou contente.

XII

Passárão-se alguns dias, sem que a minha
Desconfiança cá de mim passasse;
Porque o meu coração como adivinha,
Nunca me prometteo que me faltasse:
Sylvia, huma tarde, que da fonte vinha,
Quiz a fortuna então que eu a encontrasse:
Perguntei-lhe por Lelio, e perturbada,
Fez-se vermelha, sem responder nada.

XIII

Lembra-me que lhe disse: Por ventura
Eu sou Tigre, ou Leão, que assuste a gente?
Usei de alguma mágica figura
Para tolher-te a falla de repente?
Molles palavras, cheias de ternura,
Quaes costumão sahir de alma innocente,
Em resposta me dêo, chorando tanto,
Que a vi de todo soffocada em pranto.

XIV

Soluçando, parece que exhalava
Em hora extrema, de repente a vida:
Chamei por ella; mas em vão chamava,
Que em meus braços cahio amortecida:
O frio peito apenas lhe arquejava,
Por sinal só de que índa está com vida:
Agua lhe dei, que em casos taes conforta;
E a si tornou, a que eu julguei por morta.

XV

Abrindo os olhos foi; e levantando
De meus braços a languida cabeça,
Com suspiros, palavras misturando,
Com que melhor os seus enganos teça,
Por tal arte de novo me foi dando
O veneno a beber, sem que o conheça,
Que indá não satisfeita esta tyranna
De me enganar, terceira vez me engana.

XVI

No refalsado peito a mão formosa,
No Ceo os olhos arrazados de agua,
C'hum gésto triste, c'huma voz piedosa,
Capaz de encher mil corações de mágoa:
Entre outras cousas, que fallou chorosa,
Fingindo arder-lhe o peito em viva fragoa,
Delle tirou, e fez, sem que eu lho pessa,
Esta, de amor, fantastica promessa.

XVII

Durindo meu, o Sol me não àquente,
Se não he leve sonho o teu ciume;
E quando amanhecer para a mais gente,
Noite me seja, contra o seu costume:
Senão está o meu animo innocente,
Os visinhos casaes me neguem lume;
O ar me falte, e a terra me falleça,
Primeiro que o teu nome, e amor me esqueça.

XVIII

Mais quiz dizer a falsa; mas tremia
O chão com juras: mostro-lhe que estava
Com tal satisfação do que lhe ouvia,
Que já da sua fé não duvidava:
Nas alvas mãos mil beijos lhe imprimia;
E onde eu lhe punha a boca, ella as beijava.
Doce artificio! Delicado engano!
Para mover hum fraco peito humano.

XIX

Vinhão as aves já buscar seu ninho,
E nos curraes se recolhia o gado:
Della me despedi, e alli sózinho,
Em quanto a pude vêr, fiquei parado:
Tomei, como costumo, outro caminho,
Entregue, como sempre, a meu cuidado;
Porém de tanto gosto satisfeito,
Não me cabia o coração no peito.

XX

XX

Inda não são quatorze Soes passados,
Que ouvíra o Ceo aquelles fingimentos,
De que inda os valles concavos lembrados
Repetem hoje os ultimos accentos;
Inda por estes troncos, entalhados
De fresco, estão de amor os juramentos;
Delles se lembra o valle, e o monte rudo;
Somente Sylvia se esqueceo de tudo.

XXI

Lelio he que lembra; Lelio, sem valia,
Lugar de novo em seu favor merece:
Acabárão memorias de algum dia;
Lelio he que lembra; só Durindo esquece;
Já para o seu casal, como sohia,
Não vou pelos serões; e se acontece
Lá ir alguma vez, pois vou comtigo,
Bem sabes se he verdade o que te digo.

XXII

Oxalá, meu Durindo, que o não fora!
Floro lhe disse, que até alli calado,
Ouvindo esteve da infiel Pastora
O vil procedimento em vão contado:
Triste, o que crê nas lagrimas, que chora
Peito, sempre a chorar acostumado:
Lagrimas de mulheres sempre forão
Lagrimas, que de Inverno as pedras chorão.

XXIII

Que o Lobo enganador mate á traição
A inculta ovelha dentro em seu curral;
Que a hum Leão faça guerra outro Leão;
Hum Tigre a outro Tigre, he natural:
Mas que a mulher, dotada de razão,
Seja o nosso inimigo capital!
Parece isto castigo, que nos vem
Da culpa só de lhe querermos bem.

XXIV

Sylvia, se bem te lembra, eu sempre disse,
Que não era capaz de ser constante;
Não porque eu o soubesse, ou porque o visse,
Mas por certo sinal do seu semblante:
Não he ella mulher, que me enfeitice,
Que eu ouvi huma vez a hum caminhante,
Que mulher presumida, inda que bella,
Ha de ser falsa, e que fugissem della.

XXV

Quanto mais: não tem Sylvia formosura,
Que nos faça espantar. A minha Altêa,
Assim ella guardasse fé mais pura,
Foi a melhor, que passeou na Aldêa:
Amor he como o medo, que figura
Maior a cousa, que nos vem á idéa;
Deixa de amar a Sylvia rigorosa,
Que te ha de parecer menos formosa.

XXVI

XXVI

Pastora loura, de jasmins toucada,
Olhos da côr do Ceo, carão de neve,
Nem sempre he para mim a mais prezada;
Busco outras cousas, em que mais me enleve:
He a graça, que tem, graça emprestada;
Que lha póde tirar, porque lha deve,
Com qualquer accidente, a Natureza;
E eu, sem virtude, nunca achei belleza.

XXVII

Seja a Pastora de ordinario gésto,
Ou baile mal, ou bem; cante, ou não cante,
Com tanto que me inculque hum ar modesto,
Huma alma pura, hum coração constante:
Dá-m'a cá tu assim, que eu te protesto,
Que outras despreze de gentil semblante,
Que só trabalhe por servi-la, e ve-la;
Mas, com tão raras condições, que he della?

XXVIII

Já ouvia o Pastor de má vontade
Estas sabias razões; porque he bem certo
Que nem sempre os dictames da verdade
Achão n'um coração caminho aberto.
Quão facil he tomarmos liberdade
Para notar alheio desconcerto!
Não he assim, se por acaso errâmos,
Que mil desculpas promptamente achâmos.

XXIX

Lança Durindo mão do seu cajado,
Quer levantar-se; e no surrão lhe péga
Floro, que estava junto do seu lado;
Que com estas palavras o socega:
Aondé vás, Pastor desatinado?
Tu tens razão, ninguem razão te nega;
Pois quando a dor he grande, a queixa he justa;
E eu soube, quando amei, o que amar custa.

XXX

Se estas minhas palavras te offendêrão,
Crê-me, Pastor, que eu tal tenção não tinha:
Teus amargos queixumes me fizerão
Dar-te aqui mais razões do que convinha:
Tyrannias de amor me endurecêrão
O peito, á custa da desgraça minha:
E oxalá, que inda o tempo calejasse
De fórma o teu, que nunca mais amasse.

XXXI

Traz-me de dor, o coração cortado,
Ver-te andar cheio de hum pezar interno;
A's penas de hum ciume condemnado,
Que são cá nesta vida hum vivo inferno:
No calmoso Verão, do Sol queimado,
Roxo de frio no rigor do Inverno,
Tudo para servir huma Pastora,
Que sabes, inda mal, que te he traidora.

XXXII

XXXII

Em Lelio, esta tyranna, que acharia,
Que tu não possas dar com mais fartura?
Se ella grandes searas pertendia,
Quem lança á terra tanta semeadura?
Se muito gado, quem mais grosso o cria?
Se mel, quem mais colmeias? Se espessura,
Quem mais campos áquem, e além do Téjo,
Que tu, para fartar-lhe o seu desejo.?

XXXIII

Senão sogigas touros, senão lutas,
Prendas mais racionáveis exercitas:
Tenha Lelio tão barbaras disputas,
Que tu de moderado te acreditas:
Feitos de huma alma grande he que executas,
Nem de fazer apostas necessitas;
E se vês dar a Lelio hum grande salto,
Não tens desejos de subir mais alto.

XXXIV

Quem sobre os nossos miseros Serranos
Mercês espalha de maior valia?
Que dará Lelio a Sylvia em muitos annos,
Que tu não possas dar-lhe em hum só dia?
Quem mais que tu, lhe perdoára enganos,
Se enganos se perdoão? Quem seriá
Mais capaz de passar, por seu mandado,
Altos montes a pé, rios a nado?

XXXV

XXXV

Pois a querer fallar em gerações,
Posto que amor a todos faça iguaes,
Mais de trinta cajados, e surrões
Podias pendurar nos teus casaes;
Todos, como legitimos brazões
De teus Avós, antigos Maioraes;
Que os formosos rebanhos que criárão,
Nestas longas campinas te deixárão.

XXXVI

Mas foi, Durindo, amor comigo escaço,
A'quelle o premio dá, que este merece;
Desordem tal, que della já não faço
Reparo algum maior, quando acontece.
Assim Floro fallou; e hum grande espaço
Correo, sem que Durindo respondesse;
Que pensativo, sobre o seu desgosto,
Disse depois, alevantando o rosto.

XXXVII

Cada vez que revolvo na cansada
Memoria minha, os males que hei soffrido
Por Sylvia, tanta noite mal gastada,
Tanto tempo, por Sylvia, em vão perdido:
Ora de pó cuberto pela estrada,
Ora tão mal dos ares defendido;
E isto tudo por quem? Por huma féra,
A quem amára mais, se mais pudera.

XXXVIII

Custa-me esta lembrança tal tormento,
Que eu de boa vontade trocaria,
Por cada instante só de esquecimento,
Mil horas de prazer, e de alegria:
Mas este meu teimoso pensamento,
De noite em sonhos, em visões de dia,
Qual de enfermo já fraco, e delirante,
Cousas que nunca vi, me põe diante.

XXXIX

Ir pôr n'outra Pastora meu sentido
Já quiz, só para ver se esta me esquece;
Porêm o coração de presentido,
Para logo este engano em mim conhece:
Deixa-me da eleição arrependido,
Pois nenhuma com Sylvia se parece:
Assim me anda dizendo a toda a hora,
Que já não póde ser de outra Pastora.

XL

Bem sei que á minha fé tão limpa, e pura
Deo tão máo galardão, qual eu te digo;
Mas quem razão, e amor juntar procura,
Quer ver o lobo do cordeiro amigo:
Só se governa amor pela ventura:
Vê, que contrarios tem guerra comigo?
Que levão ambos a seu jugo atados,
Bastões, e Sceptros, quanto mais cajados.

XLI

XLI

Fallem, digão de mim os mais Pastores;
Que me fez Sylvia a fabula da gente;
Que sou de pedra, pois não sinto as dores,
Que talvez inda hum bruto animal sente.
Mas, torne ella a chamar-me os seus amores,
Ponha-me os olhos outra vez contente,
Diga que he minha, ainda que a não crea;
Que eu me rirei de que murmure a Aldea.

XLII

Inda produzirãõ o campo, e o monte
Lindas, e frescas flores abundantes,
Para enfeitar-lhe a delicada fronte
A toda a hora, a todos os instantes:
Levar-lhe-hei a beber o gado á fonte,
Como lhe costumava fazer d'antes;
E da mais fina lã dos meus cordeiros
Dar-lhe-hei para vestir trinta roupeiros.

XLIII

Eu soube, ha pouco tempo, onde ha dous ninhos
De pardas rolas, ambos serão della;
Carpindo achei sem pena inda os filhinhos,
Sinal lhes puz para maior cautela:
Ficão aqui de nós muito visinhos:
Olha, repara bem: vês tu aquella
Moita de estevas, de alecrim cercada?
Pois estão logo ao pé; não digas nada.

XLIV

Ella bem sabe as vezes que trepado
Por estas altas arvores colhia,
Para lhe dar do fructo sazonado
Nos cestinhos de junco, que eu tecia:
Que se andava no souto, ou no montado,
As azinhas bolotas lhe trazia,
Com as longaes castanhas misturadas,
A tres e tres no ramo seu pegadas.

XLV

Sabe que a minha vaca côr de ferro,
Mais valente que as outras da charrua,
Anda prenhe; e, se as contas lhe não erro,
Talvez que seja o parto inda esta Lua:
Ou seja de novilha, ou de bezerro,
A cria que parir, ha de ser sua:
A Sylvia a prometti; hei de eu leva-la;
E se ella a não quizer, hei de mata-la.

XLVI

Inda não estou de amar arrependido,
Tenho maiores cousas que lhe offreça,
Se ella m'as merecer; porém duvido
Que inda estas tão pequenas me mereça.
Isto he que trago sempre no sentido,
Sem ser possivel que esta dor me esqueça;
Frio de susto, e de temores cheio,
Humas vezes confio, outras receio.

XLVII

Nada te conto que o não saiba a gente,
Quanto mais tu, de meus particulares
Guarda fiel, deposito innocente,
Desde que herdei estes paternos lares:
Fallo só por fallar; não porque intente
Achar algum allivio a meus pezares;
Que eu sei que a causa delles he tão forte,
Que só tivera por allivio a morte.

XLVIII

He natural desejo de quem pena
Contar seus males, como eu fiz tégora;
Não porque fique a mágoa mais pequena,
Mas por hum não sei que, que a gente ignora:
Antes, talvez, hum homem se condemna
A sentir mais, quando seus males chora;
Tão custosa experiencia anda comigo,
Que os meus renóvo cada vez que os digo.

XLIX

Saião desta alma triste os magoados
Suspiros, que de amor forão nascidos;
E por aquella, por quem são causados,
Sejão de novo por meu mal ouvidos:
Vão, de os ouvir, attonitos os gados,
Correndo sem Pastor, como perdidos:
O rio seque, as aves emmudeção;
Todos os males com meus males cresção.

L

Ah Durindo, Durindo! (meneando
A cabeça, o bom Floro, lhe tornava)
Sei o que passa hum coração amando;
Que eu passei pelo mesmo quando amava;
Depois que ha tempos para o Ceo voando
Fugio o santo amor, que aqui reinava,
Entrou a falsa fé; e o seu veneno
Foi corrompendo tão feliz terreno.

LI

Ditosos tempos, em que os homens vinhão
Da Corte para os campos, que lavravão;
E a fé, que os corações de lá não tinhão,
Nos nossos limpos corações achavão:
Dando huma vez palavra, a fé mantinhão
A's singelas Pastoras, quando amavão;
Mas hoje, desta candida innocencia
Não ha mais que huma casca, huma apparencia.

LII

Em fim, contamináráo-se os Pastores,
Estendeo-se este mal por toda a terra;
Nem val fugir, que aonde quer que fores,
Mil dobradas tenções te farão guerra.
Não tem mais segurança em seus amores
As Pastoras do valle, que as da serra;
Nem são estas peiores do que aquellas,
Que para mim são Sylvias todas ellas.

LIII

LIII

Tu verás, se mais hora, menos hora,
Não he Lelio parceiro em teu desgosto;
Pois já ouvi dizer que esta Pastora,
Se algum favor lhe faz, lho lança em rosto:
Que dentro em pouco tempo lhe he traidora,
Quarenta cabras contra huma aposto;
Mas fica Lelio assim desenganado,
Sylvia mais conhecida, e tu vingado.

LIV

Desta sorte a fallar continuavão
Nas sem-razões de amor; eis-que latião
Anhelantes podengos, que buscavão
Mal feridos coelhos, que fugião:
Pelos visinhos valles resoavão
As vozes dos monteiros, que os seguião;
E assim se interrompeo nos dous Pastores
O fio á narração dos seus amores.

LV

Já declinava o Sol, e do Horizonte
Huma sonora viração corria,
Que pelos ramos do escaldado monte
De folha em folha murmurar se ouvia:
Elles forão passar do rio a ponte;
Eu tomei o caminho, que seguia,
Pedindo ao Ceo, que amor me deparasse
Melhor estrêa, se algum dia amasse.

ODE.

ODE.

COmpõe, ó Musa, a desgrenhada testa,
Das cultas flores do sagrado Pindo;
Haja hum dia de festa,
Se quer no anno, em que te vejão rindo:

Em poder do tyranno esquecimento,
Que as grandes obras dos Varões consome,
Inda hoje, sem alento,
Estarião teus versos, e o meu nome:

Quando voára a tão remotos climas
O baixo, e triste som do pobre Albano,
Em tão diversas rimas,
Senão fora o pregão do bom Limano?

Hum

Hum pequeno louvor, Musa, lhe teça
A grata recompensa do teu canto,
Inda que mal pareça
Pagar tão pouco, a quem se deve tanto:

Vê, ó caro Limano, vê contente
Correr teus annos, sem quebrar-se o fio;
Qual a grossa corrente
Do perennal, do caudaloso rio:

Vê como alegre o Sol pela alta esfera
Acaba de correr as doze Casas;
Vê com que gosto géra;
Vê com que gosto bate o Tempo as azas:

Das Estações do anno rodeado,
Com que enche o mundo todo de alegria,
Está hoje a teu lado
Assignalando as horas deste dia.

A Santa Gertrudes.

ODE.

LOnge de mim, as fabulosas Filhas,
Que no Pindo cantárão
Barbaras maravilhas:
De outro Coro mais santo me chamárão
As virginaes virtudes
Da sempre magna, singular Gertrudes.

Eu te estou vendo, ó Alma pura, e santa,
De Palmas coroada:
De ti a Igreja canta;
Tu es, por ella, ao alto Ceo levada:
De lá, de lá me envia
Luz, que me sirva em têu louvor de guia.

Mas eu que hei de dizer? Eu por ventura
Sou o grande Psalmista?
Tenho a sua doçura?
São os meus olhos de Aquilinea vista,
Que sem temer desmaios
Possão do Sol examinar os raios?

Em

Em teu illustre, e raro nascimento,
Em teu costume, e vida,
Em teu entendimento,
Farei a boca base corrompida?
Abrir tão grão thesouro,
Póde esta minha mão, sem chave de ouro?

Da Graça Baptismal, intacta, e pura,
Té á morte conservada,
Das visões, e figura
De Christo tantas vezes respeitada,
Posso eu ser Chronista,
Sem que hum Divino Espirito me assista?

Prática de virtudes tão sublimes
Na formosa innocencia,
Sem ter que expiar crimes,
Qual a rigorosissima abstinencia,
Que guarde huma Menina,
Cabe no verso de huma Musa indina?

A constancia, o silencio, a humildade,
Hum, e outro suspiro,
De ardente caridade,
A Oração, o extase, o retiro
Do baixo trato humano,
Cabem na penna de escritor profano?

Não

Não, Gertrudes, Gertrudes preciosa,
Não he de teus louvores
Digno meu verso, ou prosa;
Eu já escuto Celestiaes Cantores,
Elles he que são dignos
De devotas Canções, de excelsos Hymnos.

Tu só, ó Filha de Sião, festeja
De Gertrudes o dia,
Santa, e formosa Igreja:
Banha hoje a tua face de alegria:
Dá, pois eu não me atrevo,
A Gertrudes o culto, que lhe devo.

Ergue, á vista de todos, a enfeitada,
E triunfante cabeça,
De nós tão respeitada,
Nella, qual Lirio candido, floreça
Gertrudes virtuosa,
Fará tua Coroa mais formosa.

Os Altares perfuma, adorna o Templo,
Teus Ministros inflamma,
De Gertrudes exemplo;
Arda em teu candelabro nova chamma:
Sem cessar o teu canto,
Repita o nome do tres vezes Santo.

Virgem, que a par do Throno do alto Nume,
De quem só foste Esposa,
Abrazada em seu lume,
De eternas Bodas a tua Alma goza:
Faze que os peccadores
Não só te imitem, mas te dem louvores.

O D E.

Recitada na Academia de Sacavem no dia dos Annos de S. Magestade o Senhor Rei D. Pedro III.

EU vejo em altos mares engolfado,
De hum, e outro escarcéo,
meu pobre batel quasi alagado:
ra co'a excelsa grimpa toco o Ceo,
Ora do mar aberto
evolvo o centro temeroso, e incerto.

o meio delle, o musico instrumento,
Apenas sustentando
a debil mão, quasi perdido o alento,
ccorro aos Ceos, debalde estou clamando;
A huma, e outra parte
lho, sem ver esforço, engenho, e arte.

h se eu aos Astros merecesse tanto,
Que em virtude do objecto,
ue tomei para assumpto do meu canto,
vesse, no alto mar, em que me metto,
Para me abrir caminho,
lgum piedoso, nadador Golfinho!

Mas

Mas eu não sou Orion, da minha boca
Não corre o doce, e louro
Mel, que sómente ao grande Homero toca:
Não sou Cysne, nem tenho a lingua de ouro;
Por isso, ó Rei Augusto,
Misturarei, com teu louvor, meu susto.

Do forte Velho, a longa barba, alveja
Sobre o peito estendida,
Que posto em campo contra nós peleja
Com bruta mão, de torta fouce armáda,
E entre aligeros annos,
Vai indo apôs dos miseros humanos.

Monstro devorador, Tempo inconstante,
A rápida carreira,
Que te accelera as rodas de diamante,
Fuzile embora em circulo ligeiro,
Que a tua fouce rude
Não vence o giro da immortal virtude.

Este que vês no Regio Solio posto,
Da serpentina inveja
Piza triunfante o desmedrado rosto:
Tu, que lhe dás a mão para a peleja,
Como não desesperas?
De huma tal vida, de hum tal Rei, que esperas!

Co-

Como o febricitante, que na idéa
Estragada, e confusa
De mil visões, de mil fantasmas cheia,
C'os mal cerrados olhos não escusa
Crer tudo que lhe pinta
O poder da illusão, do sonho a tinta.

Assim, ó novo Rei, se me figura,
Que teus sublimes Fados,
Trajando resplendor por vestidura,
Ao redor do teu Throno ajoelhados,
Nas azas te levantão,
E a par do Tempo taes prodigios cantão.

Não vivem só aquelles, que respirão
A debil aura humana:
Os que no trato embaraçado girão,
Ou seja na Tribuna, ou na choupana,
Não são os que sómente
Entrão no grande numero da gente.

Não cuide o Tempo, que se o passo evita
Dos Heroes, na carreira,
Que nas sombras da morte os precipita:
A pura, a santa, a recta, a verdadeira
Vida do homem grande;
Nunca póde acabar, por mais que o mande.

Tal

Tal he do nosso Augusto Pedro a vida,
A quem no aureo berço
Lhe foi, por nós, a Coroa promettida:
Logo dos Vates foi cantado em verso,
De outro Imperio mais forte,
A quem céde a Fortuna, o Tempo, a Morte.

Quando rasgar o seio a Providencia,
E vier transluzindo
Pouco a pouco a Famosa Descendencia
De hum novo Heroe, que vem das mãos sahindo
Da bella Natureza,
Para ser das suas obras alta empreza:

Quando virem da seara florecente
Rebentar novo trigo,
Mandado pela mão do Providente
Regio Cultor dos nossos bens, amigo,
Já de zizania isento,
Que lhe usurpava o radical sustento:

Quando no Escudo das sagradas Quinas,
Em lugar da Serpente,
Que sibilou no meio das ruinas,
Aonde o sangue inda burbulha quente,
A pezar da lealdade,
Se abraçar a Justiça co' a Piedade:

Quan-

Quando.... Porém aqui os altos Fados,
Do voraz Tempo, forão
Com festivos clamores atalhados:
Felizes povoações, que á sombra morão
Do Pavilhão dourado,
De hum Throno feito para tal Reinado.

Se com virtudes se fizesse a guerra,
Só tu, Senhor, podias
Os Reinos conquistar de toda a terra:
Ah nunca a luz dos teus brilhantes dias,
Da negra mão da Inveja,
Em nosso damno marear se veja.

Desta noticia, o gosto,
Que nas azas do Tempo, Amor te leva,
Escrito no seu rosto,
Nunca, a risca-lo, negra mão se atreva:
Com vivas, fere os ares,
Luzes accende, incensa-lhe os Altares.

Famintas esperanças,
Já, Illustre Condessa, não consomem
Tuas castas lembranças:
Em ti, de amar, hum novo exemplo tomem
Corações descontentes,
Que não cabem no peito de imprudentes.

As settas, que ferírão
O teu formoso, delicado peito,
Da aljava não sahírão
Daquelle Amor, a fabulas sujeito:
Foi virtude, e razão
Quem abalou teu grande coração.

Nelle, campo não tenha,
Onde semêe vís discordias, Marte:
Santa Paz do Ceo venha
Cobrir-te com seu candido Estandarte:
Quem de inveja suspira,
Os cabellos arranque, o peito fira.

ODE

ODE.

QUe importa que amanheça,
Se para os tristes nunca nasce o dia?
Que importa que floreça
A planta, se a não colhe a mão, que a cria?
Triste vida, que importa,
Se só he vida para os gostos morta?

De que serve o dinheiro,
A quem só está de guarda ao seu thesouro?
Que vale ao prisioneiro
Que as cadeias, que arrasta, sejão de ouro?
E a mim, que me aproveita,
Vir ser Senhora, se hei de estar sujeita?

Vós, Patricias, que vedes
A lauta mesa, o chão alcatifado,
As vestidas paredes,
O brando leito, o pavilhão dourado;
Tudo, amadas Patricias,
São para vós, não para mim, delicias.

Quan-

Quanto me era melhor
Ter por Patria huma Aldêa, e por marido
Hum rustico Pastor,
Não de brocado, de burel vestido,
Do que nascer na Corte,
Do que ter hum tyranno por consorte.

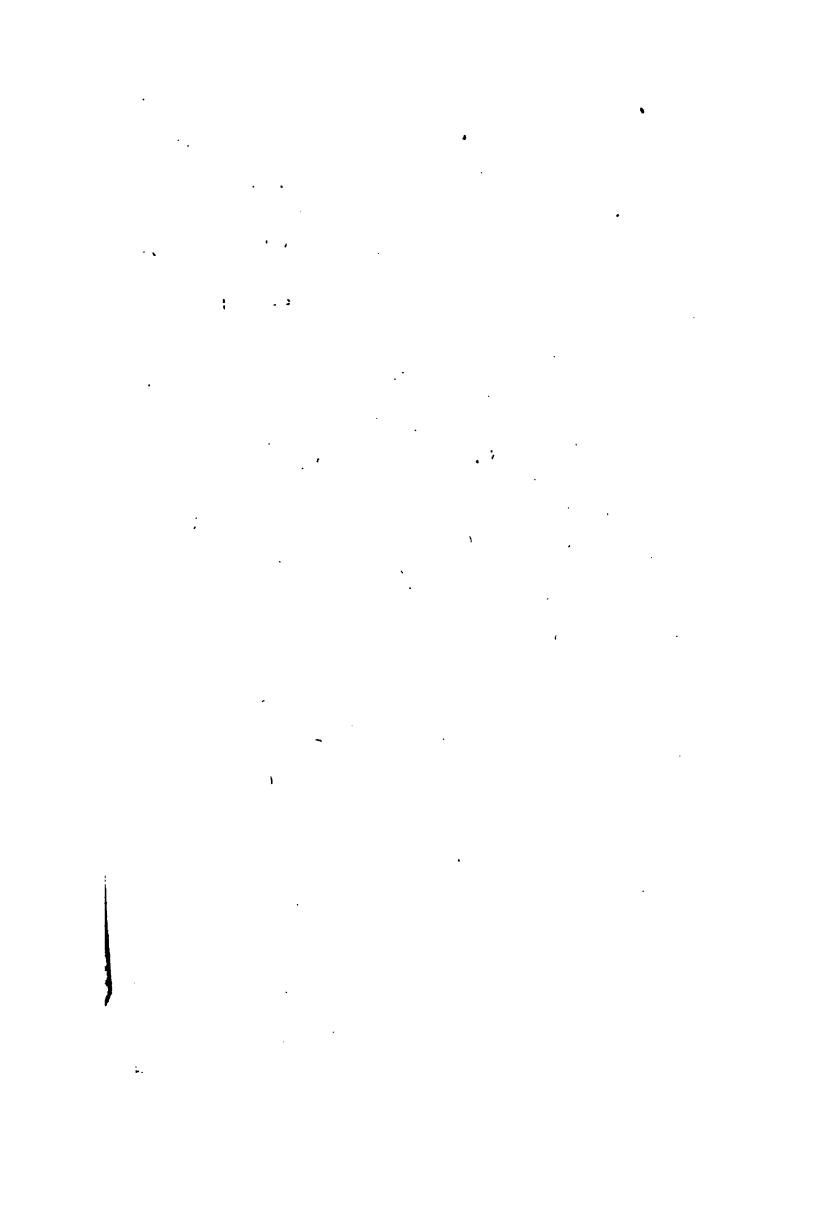
Mais alegre a Pastora,
De quem foi no consorcio Amor Padrinho,
C'o a mão trabalhadora
Ceifa o maduro pão, arranca o linho,
E os filhos veste, e cria
C' o mesmo linho, e pão, que amassa, e fia.

Que lei tão temeraria!
Alma, que he livre, arder contra seu gosto
N'uma chamma contraria,
Ver que a devora, sem voltar-lhe o rosto!
Se homens taes leis fizerão,
Não tinhão peito, ou nunca amor tiverão.

Livremente, e sem mágoa,
Escolhe a simples ave idoneo esposo;
O mudo peixe na agua
De outro peixe não quer amor forçoso;
E ha de em mim ser gerado
Hum doce amor, de hum violento estado?

Ah

Ah nunca vos corrompa,
Meu fragil sexo, sacra fome de ouro:
Ah não vejais a pompa,
Com que vos cega hum liberal thesouro;
Que hum coração liberto
He o dom mais rico, o cabedal mais certo.

Não se mede a ventura
Pelos altos degráos da vã riqueza:
Do Palacio a estructura
Tambem se orna de imagens de tristeza:
Do esprito a paz sómente,
Constitue o feliz, faz o innocente.

Aos annos do Excellentissimo Conde da Vidigueira.

CANÇÃO.

PErdoem-me esta vez as Musas bellas,
Se não vou arrancar do Pindo as flores,
Para os meus versos enfeitar com ellas:
Aqui, de outras melhores,
Hei de tecer ao meu Heroe capellas,
Não de mirtho, ou de louro,
Mas das virtudes, de que faz thesouro.

Perdoem-me esta vez, se lhes não peço
Favor para cantar como até agora,
Que eu tenho Musa de mais alto preço:
Tu me inspira, Senhora,
Sê meu Astro, se tanto em fim mereço;
Teu semblante me influa;
Que inda que a empreza he minha, a causa he tua.

Sólta dos olhos teus huma das settas,
Que ferem sem doer, cuja virtude
Póde influir, póde fazer Poetas:
Forja em meu peito rude
Altas razões, em meu favor discretas:
Melhor que a Cabalina,
De cousas grandes a fallar me ensina.

Eu vou rompendo de diamante os muros,
Abrir a porta a mysteriosos Fados,
Correr o véo a incognitos futuros:
Nos Orbes estrellados
Já leio escrito em caracteres puros
A ventura de hum dia,
Que nunca mais anoitecer devia.

Que brilhantes, que próvidos sucessos
Vejo encher de teus annos a carreira,
Illustre Conde, em teu Destino impressos!
Ditosa Vidigueira,
Ditoso Unhão, que inda ha de ver progressos,
Claros imitadores
Das obras immortaes de seus Senhores.

Vejo lavrar de marmores balizas,
Que hão de pôr termo a dilatadas terras,
Que inda has de accrescentar ás mais que pizas:
Vejo de accesas guerras
A teu escudo accrescentar divisas:
Vejo premios, e famas,
De novas Indias, para novos Gamas.

Es-

Estes serão teus copiosos Netos,
Que hão de formar na Portugueza Historia
Serie interrupta de Varões completos:
Em seu Templo, a Memoria
Recebe tão magnificos projectos,
Com que em ti dispoz tantas
Nobres sementes de fecundas Plantas.

Esse, que vês crescer, primeiro fruto
De hum casto amor, e que Inda paga, e rende
A' natureza, em lagrimas, tributo;
Celeste mão defende,
Para que possa, já com rosto enxuto,
Por nova maravilha,
Ser Mãi de Heroes, já que de Heroes he Filha.

Ainda em teu horóscopo affamado,
De novo a vista por hum campo estendo
De estranhas glorias, que me mostra o Fado:
Cheio de assombro pendo!
Das visões santas, de que estou cercado,
Que mortal póde ve-las,
Sem ter por guia o lume das Estrellas?

Rápida luz de resplendor volante
Deixa, qual não deixou já mais Planeta,
Rastos do fogo pelo Ceo brilhante,
Transformado em Cometa;
Não he do grande Julio a sombra errante;
He teu berço dourado,
Nova constellação, ao Ceo levado.

As

As virtudes, que nelle te embalárão,
A sã doutrina ao redor delle cantão,
Com que o bom coração te alimentárão;
Nas azas o levantão,
Já com elle ao Zodiaco chegárão:
Ha de influir portentos
Na conjunção de grandes nascimentos.

Sonoros golpes de martello soão,
Que sobre ardentes barras, indo, e vindo,
A immunda forja de Vulcano atroão:
Em torno estão sahindo
Igneas centelhas, que todo o ar povoão
Da bigorna, em que malhão
Brontes, que duros, sem cessar trabalhão.

Obras são, que a Ventura a ti dedica,
Para dar-te em deposito seguro
Tudo quanto Amalthea fructifica:
Cofres, que inda o futuro
Ha de ver cheios de materia rica,
Sem que poder alhêo
Ponha a teu esplendor limite, e frêo.

Estas, que vejo levantar figuras,
São recompensas, que te o Ceo destina,
Não illusões de aerias conjecturas:
Só tua mão he dina
De abrir thesouros, de espalhar venturas;
Se ella só faz contentes,
Dizei-o vós, ó miseraveis gentes.

Vós,

Vós, miseraveis gentes, a quem falta
O metal, que a Fortuna a tantos nega,
E a tantos, sem razão, com elle esmalta:
Quem vos demora, e péga,
Que não vindes beijar a mão, que exalta,
E favorece tanta
Fraca pobreza, que do chão levanta?

Nascer sómente para ser levado
Em ligeira carroça, atropellando
Os que não devem outro tanto ao Fado:
Por vicio bocejando
Em molles canapés sempre encostado,
Seja viver embora,
Mas hum viver, de racional bem fóra.

Não basta nascer grande, este destino
Constitue venturoso nascimento;
Mas depois a virtude he que o faz dino.
O teu merecimento
Te dêo a conhecer, desde Menino,
Que o nascer não he gloria,
Se senão honra a vida c'o a memoria.

Dos negros dedos de Atropos, primeiro
Salte fóra a mortifera tizoura,
Que delles córte o fio derradeiro:
A alta mão, que o doura,
Tão longe o faça, e o conserve inteiro,
Que aos Astros soberanos
Subas no fim de innumeraveis annos.

Vá

Vá embora c'os annaes da impura Fama
De mil successos barbaros, a gloria,
Talvez, de algum cruel, que Héroe se acclama:
Fique o dia em memoria.
Dos estragos, que fez o ferro, e a chamma:
Dias, que a scena vistes,
Servi só de cantar Epocas tristes.

Dias, que vírão só quanto esta alma encerra,
Que honrárão pára sempre a nossa idade,
Dias, que enchêrão de esperança a terra,
Dias de claridade,
Contra quem nuvem negra não faz guerra,
São teus dias, ó Conde,
A quem só Fama eterna corresponde.

Canção, parto de vibora pareces,
Pois quasi a vida, a quem ta deo, tiraste,
Quando sahiste á luz, que mal mereces:
Dize, que me deixaste
C'um pé na sepultura:
Mas que em quanto de todo a noite escura
Da luz me não privar, ha de este gosto
Encher-me o coração, banhar-me o rosto.

CANÇÃO.

JAzia recostado
tronco d'hum Cypreste, Amor, chorando;
ıtidissimas queixas derramando
Ao vento, ao Ceo, ao prado.

Qual destro caçador,
r não ser presentido da avezinha,
rvando o corpo, de vagar caminha
Para dar-lhe melhor.

Assim eu encoberto
ɔs verdes ramos, que o lugar me offrece;
uco a pouco cheguei, porque pudesse
Ouvi-lo de mais perto.

Se desta novidade,
rcia gentil, a causa saber queres,
e he natural em todas as mulheres
A ardente curiosidade;

Sabe, que na memoria
colhi, quanto disse o Deos Cupido:
ão tens que fazer, toma sentido,
Pois te pertence a historia.

Tu,

Tu, que dessas alturas
(Dizia Amor, c' o rosto ao Ceo alçado)
Jove, dos outros Deoses tens cuidado,
Como de mim não curas?

Que de Marcia querida
A negra mão da pállida doença
Os olhos assombrasse, e que esta offensa
Fique sem ser punida!

Olhos, em cujas vistas,
Mais que nas minhas armas confiado,
Tinha já mil despojos pendurado
Na frente das Conquistas!

Olhos, onde eu podia,
Para ser casto, para ser modesto,
Tomar huma lição em cada gesto,
Quando volve-los via!

Olhos, com que eu na terra
Tão facilmente as almas sujeitava,
Que hum só pestanejar delles bastava
Para fazer-lhe guerra!

Pois como assim permittes,
Que trocando o respeito em vituperio,
Haja quem possa do meu vasto Imperio
Estreitar os limites?

Tinhão mais Divindade
D' Europa, e Leda os olhos por ventura?
Era maior a sua formosura,
A sua actividade?

Não ha olhos malinos,
A quem sempre molestias maltratassem,
Senão aquelles olhos; donde nascem
Effeitos tão beninos?

Faltão olhos tão fóra
De ter graça, que foge a graça delles?
Logo havia ferir o raio aquelles,
Aonde a graça mora?

Ou faze que reluzão
De Marcia os claros olhos, como d'antes;
Ou dessa dextra os raios coruscantes
A cinza os meus reduzão.

Disse: E co' a tenra mão
Que levantou, sem escutar mais nada,
Ferio raivoso a terra; e da pancada
Tremeo em toda o chão.

Aqui bem se conhece
A quanto chega o seu poder Divino,
E de quanto he capaz, inda menino,
Hum Deos, que se enfurece.

Soffrer não pude mais
Subito a seus olhos me apresento;
E do meu int'rior contentamento
Tirei palavras taes.

Junto de Marcia bella
Com rosado, e benefico semblante,
De gentil robustez, Ninfa prestante,
Baixou do Céo á vella.

Deo-lhe hum ramo de Lyrios,
Onde traz sabiamente preparados,
No antigo Templo de Esculapio achados,
Medicinaes Colyrios.

Logo á boca os applica;
Chega-se a Marcia, os olhos lhe bafeja,
Piedosa os abençoa, e grata os beija,
Já delles melhor fica.

Nelles as penetrantes
Settas pódes forjar, como até agora;
Nelles, a chamma trémula vapora
Tão viva, como d'antes.

Teu pranto, Amor, suspende;
Teu agitado espirito descança....
Não acabava; quando a mim se lança,
E em seus braços me prende.

Nes-

Nestes meus o levanto;
Com o seu rosto este meu rosto apérto:
Por sinal (bem o vês) olha se he certo,
Molhado de seu pranto.

Então, por diligentes
Ministros, de seu gosto executores,
Ordenar manda a todos os Pastores,
Que lhe sejão presentes.

Aos de grossa manada
Manda trazer a melhor rez, que ha nella:
Já vem huma, vem outra; esta, e aquella
De flores enfeitada.

Amor, hum sacrificio
Fazer procura á Jupiter potente,
Para lhe agradecer publicamente
Tão prompto beneficio.

He hum Touro immolado
De negra cor, que a Jupiter empenha;
He de jaspe o Altar, de cedro a lenha,
Tudo está preparado.

O sacrificador
Elle mesmo quiz ser (não sem mysterio)
Que de tão ineffavel ministerio,
Só era digno Amor.

Já o braço levanta:
Já pelos golpes, que o cutello abria,
Adusto sangue em borbulhões sahia
Da Bovina garganta.

Subio ao Ceo direito
A victima abrazada, o fumo santo;
Cantárão todos, e dizia o canto:
He sacrificio acceitó.

Quiz Cupido que eu visse
Tudo para contar-te: Assim o faço!
E dando-me hum abraço, e outro abraço,
Sorrindo-se, me disse:

Albano, se tens sido
Sempre comigo mal affortunado,
Des d'hoje, pelo gosto que me has dado,
Serás o méu valído.

Brindou-me com promessas;
Brilhantes sim; porém mais falsas que elle,
Pois já sei (inda mal) que tudo nelle
He hum mundo ás avéssas.

Canção, basta, descança;
E em cego Amor, Fortuna simulada,
Ah! não, não creias nada;
Que fortuna he mulher, e Amor criança.

CAN-

CANÇÃO.

TOrna, Marilia, faze que estes prados
Produzão flores em lugar d'abrolhos:
Vem alegrar meus olhos,
Meus tristes olhos d'esperar cançados:
Vê que em tão longa áusencia
Já vai faltando a vida, e a paciencia.

Enterneça-te esta alma consumida
No lento ardor d'huma esperança vã,
De manhã em manhã;
Bem basta ser naturalmente a vida
De duração tão leve;
Não a faça a saudade inda mais breve.

Vem pizar outra vez estas arêas,
Que em lugar das conchinhas prateadas,
De que erão semeadas,
Estão de tristes lagrimas só chêas.
Ah! Quantas se chorarão
Sobre os vestigios, que teus pés deixárão!

Cho-

Chorão por ti as Musas, e os Poetas;
Já não tem quem lhe inspire altos furores:
Já não tem os Amores
Quem lhe arme os laços, quem lhe doure as settas;
As Graças ou fugírão,
Ou, se ficárão, nunca mais se rírão.

Depois que as Ninfas, sem te ver, ficárão
Tristes, desconsoladas, e saudosas,
De lyrios, nem de rosas,
Nunca mais os cabellos enfeitárão;
Nas grutas se escondêrão,
Súpplicas tristes, queixas mil fizerão.

Assim as tristes horas vão passando
A suspirarem por teu gésto lindo:
E tu ficas-te rindo
De ver, que ha tanto tempo andão voando
As nossas esperanças
Nas frôxas azas de crueis tardanças.

Torna a trazer, Marilia, como d'antes,
Nossos passados dias venturosos:
Bastará que piedosos
Teus claros olhos para nós levantes:
Vem derreter as fontes,
De dor geladas, no int'rior dos montes.

Sem

Sem ti os nossos gados emmagrecêrão,
Turvou o Téjo as suas aguas claras,
Não vingão as searas;
E os ramos destas arvores parecem
Tão sêccos, tão mirrados,
Quaes pela mão de Jupiter queimados.

Murchárão-se as campinas, já não temos
Flores, com que enfeitar os teus Altares;
E por estes lugares,
Que tão outros estão, já passar vemos
Mais triste o caminhante,
Do que á vista de Troia o navegante.

Tronco não ha, que o nome teu não tenha
D' algum de nós, para memoria escrito:
Dos males, que repito,
Não ha concavo valle, ou rota penha,
Aonde não ouçamos
Os échos tristes destes ais, que damos.

Ouve-os, Marilia, basta de violencia:
Vem já, como ao mortal febricitante,
Cópo refrigerante,
Matar a sede da sequiosa ausencia.
Mas aonde te escondes?
Que por mais que chamâmos, não respondes?

Inda que venhas suspirar d'amor
Nós braços outra vez do meu Rival,
Vem, Marilia, que o mal
De te não ver, ainda he mal maior:
Torna, Marilia, vem
Ser causa do meu mal, e do meu bem.

O que tem grandes erros commettido
Em offensa das Leis, que o Rei mais ama,
Não o devore a chamma:
Não seja em duro carcere mettido,
Nem ás feras lançado:
Deixe de ver-te, e fica castigado.

A' feliz Acclamação da Rainha Nossa Senhora,

CANÇÃO.

DItosa geração, que vê contente
O verdadeiro seculo chegado,
Que andou fingindo, ha tanto tempo, a gente:
O Seculo dourado,
Seculo sabio, e justo,
Qual nunca vio, qual nunca teve Augusto!

A Soberana, a singular Maria,
Successora legitima do Imperio,
Que vê no berço, e no sepulchro o dia:
Já do Luso Hemisferio
Firmou, em nosso abono,
A Regia planta nos degráos do Throno.

Ditosos Portuguezes, Povo amante,
Vinde beijar-lhe a mão agradecidos,
A mão, digna de Sceptro de Diamante:
E por quem defendidos
Serão vossos direitos,
A vossa liberdade, os vossos pleitos.

Não

Não he da segurança, he do costume
A lei, que hoje o confirma, e a mão lhe estende
Sobre o santo Evangelico volume.
Rainha, a mão suspende,
Que em ti o juramento
He sacrificio sem merecimento.

Aquelle amor, que ás santas leis professas,
Basta: Fiquem as nossas esperanças
Por fiadoras das Reaes promessas:
Mais altas seguranças
Portugal não deseja;
A nossa fé, o nosso amor sobeja.

Tu não deves os creditos d' Augusta
Ao suffragio dos votos: Não te acclama
A força d' armas entre guerra injusta:
Melhor Direito, e Fama
Tens, que te justifique
Nas sabias leis do Santo Affonso Henrique.

Das frias sombras, onde jaz, parece
Que o vejo resurgir, por quem de novo
Se assombra Hespanha, Africa estremece;
E que sobre o teu Povo,
Alçando a voz pezada,
Lhe diz *Com esta*, pondo a mão na espada.

Com

Com esta, se entre vós, profano vulgo,
Houver, quem negue o testemunho antigo
Das Leis, que em Côrtes fiz, o que eu não julgo,
Nelle farei castigo,
Como réo da maldade,
D'alta traição, de lesa Magestade.

Aquella só, que a leda fronte alçando
Vai por cima d'hum Rei, que de Bragança
Foi o primeiro em nome, e o qninto em mando,
A legitima herança
Do seu Imperio obteve,
Que a Deos, e a mim, e a si mesma a deve.

Primeiro os pés escorregar se vejão,
No proprio sangue, em Praças, Arraiaes,
Onde acabadas vossas vidas sejão,
Que em seus Patrios curraes
O Portuguez rebanho
Soffra Dominios de cajado estranho.

Bravo Conquistador, que ao Ceo voaste
A receber a incorruptivel C'roa,
Premio de quantas pela Fé ganhaste;
O teu Reino abençoa,
Que para defende-lo
Temos promptos o braço, o amor, o zelo.

Os

Os Portuguezes, que tão longe andárão
Trabalhando, e vencendo, e que atrevidos
Mais longe forão, se mais mundo achárão;
Que a morrer off'recidos
Forão por toda a parte
Em sacrificio de Neptuno, e Marte:

Que podres mantimentos engulírão,
E a prumo sobre si as trovoadas
Tão espantosas, estalar ouvírão;
Que as curvas enseadas
Demandárão por feias
Barbaras costas, férvidas areias.

Que improvisos tufões, torridas calmas
Soffrendo, nas Gangeticas ribeiras,
Forão cortar para o triunfo as palmas!
Que Arabicas bandeiras
A seus pés submettêrão,
Onde outras tantas o seu nome erguêrão!

Portuguezes, que tanto então fazião,
Se vivessem no seculo d'agora,
Por tal Rainha, quanto mais farião!
E qual seu gosto fora,
Se para ti souberão,
Que as descobertas, que as conquistas erão!

Mas

Mas tu não queres recamar sómente
O teu Manto Real da pedraria,
Que o Levante produz, clara, e luzente:
Da tua Monarquia
Já he o Sceptro d'ouro;
Queres juntar-lhe da virtude o louro.

Tu não esperas que importantes Frotas
Dem fundo no teu Porto, para seres
Respeitada das gentes mais remotas:
Sabemos que só queres
Ricos os teus Estados,
Para fazer-nos bemaventurados.

Ditosos tempos, tempos, que inda estavão
Guardados, para ver no Throno aquella,
Que em nosso bem os justos Ceos guardavão:
Nova, benigna Estrella,
A' Náo da Monarchia
Norte vem ser, vem-lhe servir de guia.

Náo, que sólta, em teu nome, ao vento as vélas
Não vai roubar dourados Velocinos,
Para ser collocada entre as Estrellas:
D'outro rumo os destinos,
Inda verão seus mastros
Rompendo as nuvens, topetar c' os Astros.

La-

Lamente embora o Capitão Troiano
Cahir-lhe ao mar o déstro Palinuro,
Que não dorme o Piloto Lusitano:
Piloto achou seguro,
Cuja alta mão encerra
Tão bom governo, que já vemos terra.

D'amigas praias, na piedosa arêa,
Que já vamos beijar, eu vejo, eu vejo
Vir esperar-nos huma nova Astréa:
Eu ouço as leis, que ao Téjo
Sobre as enxutas praias
Escreve á sombra de alterosas faias.

Sim, amavel Rainha, o Ceo te inspira
Brandos dictames, cheios de piedade,
Que o teu Reino não he hum Reino de ira:
Serás em toda a idade
A regra da Prudencia,
A Mãi da Patria, a Mestra da Clemencia.

A's Waldemares a reinar ensina:
Saibão que he a tua alma generosa,
Alma Real de mil Imperios dina:
Rainha Virtuosa,
Rainha, tão brilhante
He a tua alma, como o teu semblante.

Só

Só de ve-lo, o ferino auctor da guerra
Deixou cahir, desfalecido o braço,
Com que vinha ameaçando o mar, e a terra:
E o duro peito d'aço,
A pezar de Vulcano,
Derreteo-lho o teu gésto Soberano.

Tu formosa, tu inclyta Maria,
Com prateada mão, do mar puzeste
As ondas outra vez em calmaria:
Foste o Iris Celeste,
Foste a Pomba innocente,
Sinal de Paz, á Lusitana gente.

Raivosas Furias já de ti fugírão,
E dos cabellos, que arrancar quizerão,
Mortas serpentes a teus pés cahírão;
Serpentes, que fizerão
Rugir o Leão de Hespanha,
Espantarem-se as Aguias d'Alemanha.

Resto fatal, reliquias, que ficárão
Das soterradas semivivas gentes,
Que nunca mais os seus a ver tornárão:
Hospedes descontentes
Da Casa de Thiestes,
Que inda escapar-lhe á sera mão pudéstes.

Quem ferrolhadas portas vos franquea;
Não he chave de novo industriosa;
Quem vos rompe a durissima cadêa,
Não he a mão teimosa,
Com lima gastadora,
He a vossa Real Libertadora.

Como Eneas, de Troia, o caso a Dido,
Contai-lhe os vossos casos lastimosos,
Que inda vos presta mais piedoso ouvido:
De seus olhos formosos
Vereis correr o pranto;
Mas nós, Rainha, não queremos tanto.

Teu Regio Throno, Throno affortunado,
Não he theatro, onde a Musa intenta
Apparecer com funebre calçado:
Triunfos representa,
E com tragica tinta
Nem o cothurno, nem as azas pinta.

A Paz dourada, a Mansidão serena,
A risonha Alegria, o fausto, a pompa,
São as figuras de plausivel scena:
Bôca de rouca trompa
Para a guerra não chama,
Grita o clarim só da tranquilla Fama.

Far-

Farpadas chammas de voraz fornalha,
Em vão no Etna vaporando estejão,
Refundindo o canhão, forjando a malha:
E em teu Reino só sejão,
Os vasados metaes,
Para os repiques, para as salvas Reaes.

Reinos com armas só, não estão seguros;
Do Ceo trombetas sobre a terra ouvidas,
Destroem Capitães, arrazão muros:
Devotas mãos erguidas,
Com súpplicas ardentes,
Tem desarmado mil contrarias gentes.

Por ti os Povos teus obedientes
Ao duro freio, que até aqui mordêrão,
Por gosto só mastigaráõ contentes:
Por ti vencer esperão
O Turbante Africano,
E o vistoso pennacho Americano.

Partírão-se as algemas, que a submissa
Pobreza consentio: Novas balanças
Tornou a equilibrar a sã Justiça:
As doces esperanças,
Que espantadas voárão,
Do Ceo baixando, para nós tornárão.

A innocente verdade, que gemêra
No escuro seio d'huma nuvem crassa,
Torna a luzir na sua antiga esfera:
Vergonhosa mordaça,
Que a boca lhe opprimíra,
Inda manchada no seu sangue, tira.

As virtudes, que as azas encolhêrão,
Voão sem susto, abração-se comtigo,
E a teu Regio Palacio se acolhêrão:
Veja, por seu castigo
Systema sanguinario,
Passar o gabinete a Sanctuario.

Em quanto desta gente, e destas balas
Munir a Providencia os teus castellos,
Livres estão de subitas escalas:
Afiados cutellos
Pendem sobre a cabeça,
Que o Rei os póde ver, sem que estremeça.

Mas, com teu alto nome, ouvi, Senhora,
Soar o nome d'hum Varão de preço,
Com quem permittirás que eu falle agora:
A véla amaino, e desço,
Que pede menos panno
O doce Lima, do que o Téjo ufano.

Em

Em quanto eu este canto, e a vós não posso,
Sublimes Reis, que em vão me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós, do Reino vosso:
A breve érguido canto
Dareis materia digna
Da Regia sombra dessa mão benigna.

Sabio Visconde, como a vil serpente,
Venenosas lisonjas não vomito
A teus pés enroscado pertendente:
Se de ti fallo, e grito,
He porque teme a Musa
Ceo vingador, que o meu silencio accusa.

Qual déstro segador, não curvo o braço,
Com que truncar de huma só vez costuma
Muitas espigas em pequeno espaço:
Arranco-as huma e huma;
E para os teus louvores
Trarei, com tarda mão, mui poucas flores.

Obra das mãos Reaes, integro espelho
De completos Varões, que o mundo acclama,
De vasto estudo, de subtil conselho:
Que obra de immortal fama
Para teus successores!
As virtudes, materia; os Reis, Auctores.

Da Lusa Esféra, a máquina robusta,
Que dos hombros rolou do velho Atlante,
Nos teus cahio, onde melhor se ajusta;
Onde firme, e prestante
Pésa; mas de tal sorte,
Que não implica c'o suave o forte.

A ti correndo, a vil necessidade
Vem por cima d'abrolhos, e de espinhos
Bater de novo ás portas da Piedade:
Descalços orfãoszinhos,
Viuvas sem Patrono,
Já tendes Pai commum: graças ao Throno.

Genios, que em guarda estais d'hum Throno in-
Fonte perenne de virtudes pias, (victo,
Inda maiores que as de Numa, e Tito:
Primeiro que os seus dias
Infaustos dias sejão,
Os nossos dias acabar se vejão.

Em quanto durão, o seu Nome honremos,
E o novo Sceptro, sobre os leves ares,
Com mil devotos Hymnos exaltemos:
Beijemos seus Altares:
Babylonia deixámos,
E a famosa Sião a ver tornámos.

Can-

Canção, voa atrevida,
Que em virtude do assumpto, que cantaste,
Sobre as azas da Fama recebida,
Ainda ha de escutar-te,
Se he possivel, do mundo a quinta parte.

EPISTOLA.

DEsde que houve no mundo Sociedade,
Da hospitalidade
Os sagrados direitos
Reinárão sempre em integros sujeitos.
Viste-me peregrino,
Moveo-se o vosso coração benino,
De cujo centro para honrar-me agora,
Sabe a virtude trasbordando fóra.
Acceito, e prézo, Alcino, a vossa offerta,
Porque não vem coberta
Com a traição do véo, que a Grega gente
Teceo tão subtilmente,
Que com rosto sereno
Deo a beber por nectar o veneno.
Do vosso bom caracter persuadido
Estou ha muito tempo: Não duvido
Sentar-me á vossa mesa:
Sabei, que eu amo a simples Natureza:
Bebo com tanto gosto pela taça
Da mais grosseira massa,
Como desse metal,
Que o Sceptro obtem do Reino mineral.
A porcelana tão prezada, e fina,
Da alta Saxonia, da longinqua China,

Que

Que tanto mar, e terras atravessa,
Que custa mais a somma da remessa.
O susto de guarda-la
Não move o meu desejo, nem o abala;
E o mais he, a descuidos d'hum criado
Vai parar tudo a obras de embrexado:
Reprovarei tamanha frioleira,
Em quanto houver no mundo Panasqueira.
Pois os manjares novos,
Que o paladar de affeminados povos
Introduzio, não tem valor comigo;
Sou muito mais amigo
De cozidos, e assados,
Que dos proxilos martyres, guizados,
A quem mais voltas dá hum cozinheiro,
Do que eu dou para achar algum dinheiro.
Longe daqui, Madrazes, e Guiberes;
Renuncío refrescos, e talheres,
Onde á liza materia exceda a obra.
Quantas vezes me sobra
O garfo natural, com que algum dia
O velho Adão comia!
Póde ser lauta, e moderada a mesa:
Penso da mesma sorte na grandeza
Da casa, e do vestido:
Estes são os dictames, que aprendido
Tenho da Natureza, e com razão,
Isto lhe furto só, que os vossos não.
Agora que recebo
Os vossos, onde bebo
Correntes frases de innocente estilo,

Eu prometto segui-lo,
E estudar de mais perto,
Pela vossa alma, como em livro aberto.
Todos esses Auctores
A mim (pobre de mim!) são superiores:
Eu vos mereço mais sinceridade,
Pois não he ser rebelde da verdade,
Dizer-me que vá ser, no meio delles,
Qual entre Zeuxis, e Partezio, Apelles?
Sabeis, entre elles, o que posso, e valho?
O mesmo que hum Eunuco no serralho:
Irei ve-los, com tudo,
Nelles respeitarei o vosso estudo.
Estes são os magnificos retratos,
Os veneraveis, naturaes ornatos
D' ordem mais alta, de melhor figura,
Que a subtil Thezifonia Arquitectura,
Dignos d'ornar com sabia providencia,
O grande Templo da immortal sciencia.
E em quanto inutilmente
Lhe está batendo á porta tanta gente,
E a difficil entrada vos franquea,
Como promessas da vossa alta idéa,
Offerecei-lhe as horas;
Sacrificai-lhe o fructo das sonoras
Musas, que o fertil campo vos cedêrão.
Basta de carta já, que a pena sinto
Incapaz do que escrevo, e do que pinto.
Do Parnaso o congresso todo junto
Me vem tirar das mãos tão alto assumpto;
E bem que me honrais tanto c'o a licença

De

De ir á vossa presença,
Não vos dou dia certo,
Que hum franco coração, de tracto aberto,
Como se fosse agora,
Recebe a seu Amigo em qualquer hora:
Isso assim se presume;
Não que altereis o regular costume,
Que eu não vou ser, nem tenho taes idéas,
No Egypto Antonio, em Carthago Eneas:
Irei fazer-vos só huma saude:
Brindarei á virtude;
Porque eu estimo mais ao vosso lado
Hum engenho feliz, que hum alto estado:
E agora que a atrabilis se me altera,
Que o succo pancreatico exaspera,
Só para ver se faz algum milagre,
Em vez de vinho, vou beber vinagre.

Ao Terremoto do 1.° de Novembro de 1755.

ROMANCE HEROICO.

GEmem no ardor as rigidas entranhas
Da terra: Ferve a massa tão convulsa,
Que parece que a tremulos compassos
Os formidaveis membros desconjunta.
Não d'Encelado a vasta corpulencia,
Que jaz tostado, a quem o Etna occulta:
Não d'outro algum apocryfo Gigante,
Que a idéa fez, que a fabula suppunha.
He quem produz tão horridos effeitos
Nas terraqueas porções: As nossas culpas
A causa são, quem executa o golpe
He o braço Omnipotente da Lei summa.
No forte impulso ao misero destroço
Cahe de Lysia a soberba contextura;
E tanto estrago á vista manifesta,
Quanto mysterio a Providencia occulta.
Comsigo mesma, a terra forcejando,
A vileza dos homens não atura;
Como quem já não póde supporta-los,
Quer sacudir de si tão graves culpas.

Cres-

Cresce o mar; e tão rápido quebranta
Os fervidos extremos da clausura,
Que até parece que estranhando o centro,
Quer dilatar a praia pelas ruas.
E tu, mortal, que passas, se buscando
Andas o objecto do clamor, que escutas,
Não prosigas, detem-te, volta os olhos,
Que verás inda mais do que procuras.
Dilata a vista pelo mappa informe
Desses desenhos miseros: Consulta
Maior espanto, observarás mudada
Em ermo triste a habitação jucunda.
Nota, que alto silencio recommenda
O sitio enorme da fachada escura;
E até no horror da suspensão, parece
Se agonia a tristeza de estar muda.
Tudo quanto o cinzel obra conforme,
Quanto a planta nos circulos debuxa,
Confuso jaz no assombro; e se respira,
He só como Epitafio em sepultura.
Dos Palacios, nas inclitas paredes
Dos Templos, na decencia das columnas,
Só da Morte a sentença se soletra,
Só se lê de pavor o *Non plus ultra*.
Por toda a Côrte vaga no escarmento
Clara a doutrina, a lastima confusa:
Trocou-se o ouro em mirra; mas no estrago
Mais brilha a cinza, do que a luz costuma.

Hum foge do estrago, em que perec
Outro na vida maior transe busca;
He tão irreparavel a tormenta,
Que até no allivio a morte se rebuça.
Finalmente a Metropole adorada
Foi esta; ainda nas regiões adustas,
Hoje em pranto Babel, Carthago em cinzas
O cadaver das Côrtes se divulga.
O Rei, o grande, o rico, o pobre, o se
Brada, corre, lamenta, pasma, escuta;
E em todos gritão simultaneamente
As vozes da consciencia, que os accusa.
Em fim, desta geral calamidade
Nem se isenta o surrão, nem livra a murça;
O porfido val tanto como o barro,
Não tem a choça inveja da tribuna.
Olha a soberba, humilde nas caban
Que ha pouco, inchada, comprimia as ruas;
Mas não te espantes, não; sempre na vida
Synonymo da quéda foi a altura.
Repara na avareza, como agora
Nas miserias de Lazaro se muda:
De que serve o thesouro estar fechado?
Morre o corpo, se o sangue não circula.
Vê sem culto as sacrilegas imagens,
A quem o ardor impudíco perfuma:
Tem tão trocada a pompa, que parece
Mais feia a circumstancia, do que a culpa.

Olh

Olha domesticado o horrivel monstro
Da raiva insana, da vingança injusta:
Unem-se os brutos aos da sua especie,
E custa aos homens perdoar á sua.
Em quantos Aristipos, e Melancios
Faz hoje a fome, temperada a gula?
Oh! se fosse virtude esta abstinencia,
E não castigo a precisão commua!
Contra a discordia, que semeia a inveja,
A reciproca lastima repugna:
Daqui póde a vontade ter cobiça,
Onde he universal a desventura.
Em fim, olha a pirguiça diligente,
Que estava como morta em sepultura:
Igualmente c'o ignobil fatigado,
A trabalhar o grande se costuma.
A Casa da Oração era palestra,
D' acções indignas, práticas immundas:
E talvez que inda agora o homem cego,
Muito mais que a de Deos, respeite a sua.
Mas que muito, se Altar, Imagem, Templo
Caia, se quebre, em fogo se consuma;
Tambem por evitar-se o desacato,
Queimarem-se as Reliquias se costuma.
A nuvem consagrada, o Pão dos Anjos
Tambem, ó Ceos! ó Providencia occulta!
Entre os estragos fica! Ao proferi-lo
Naufraga o coração, a alma soluça.

Mas

Mas até entre os golpes do flagello
O amor respira, com que os homens busca:
E parece que até por não deixa-los,
Segunda vez com elles se sepulta.
E á vista destes tragicos successos,
Não suspiras? Não pasmas? Não te assustas?
Indã immovel segunda vez esperas
Que chore o mar, que a terra se compunja?
Não vibra mais a fulminante espada
Nos terriveis progressos de iracunda:
Não mais, Motor Supremo, porque basta
Para desagravar-te, ver-te nua.
Vê que em tão repetidos sobresaltos
Até a contrição se nos perturba:
E fica malogrando-se a Doutrina,
Se a luz do exemplo no pavor se offusca.
Mas se o clamor afflicto do teu Povo
Em ti não rompe os laços da ternura,
Fulmina, que se assim te satisfazes,
O peccador embora se consuma.
Que no Escudo invencivel destas Quina
Tomaremos os golpes, que executas;
As tuas Chagas são; tu mesmo as déste:
Agora se as destroes, comtigo pugnas.
Porém não seja assim; mitiga hum pouc
O ardor do teu semblante, não presuma
A barbara cegueira mais immensa,
Do que a tua piedade, a nossa culpa.

Será brazão da tua Divindade,
Se da Justiça a compaixão triunfa:
Que muito mais que em castigar offensas,
Se glorifica em perdoar injurias.
Bem sei, Senhor, que as minhas só bastavão
A provocar os Ceos a tanta furia;
Porém tu mesmo revelaste que era
Propensa ao mal a humana creatura.
E tu, Monarcha, em cujo esforço altivo
Tão constante os pezares dissimulas,
Que ficas insensivel á desgraça,
Sem parecer á natureza injúria:
Conforta a inconsolavel Monarchia,
Não desfaleça a mão, que o Sceptro empunha:
Consulte-se a razão, obre a verdade,
Que o Imperio de Christo não caduca.
Ainda o vaticinio do teu nome
Convalesce no estrago, em que redunda:
Para melhor se perceber o augmento,
Talvez que o Ceo agora te destrua.
Para novàs conquistas do teu Reino
Inda o Ganges tem palmas; para a tua
Fausta abundancia, a sacra Providencia
Fará que inda a America produza.
Porque assim como essa Ave paradoxa
Erige o berço, onde accende a tumba;
Com mais verdade a misera Lisboa
Póde vir de si mesma a ser segunda.

RO-

Aos annos d'huma Senhora contados em Domingo gordo.

ROMANCE PASTORIL.

Que alegre amanhece o dia
A todas estas montanhas;
Pois té parece que o Sol
Vem hoje com luz estranha!
  Alegra-se o valle, e o rio,
Em competencia mais grata;
Hum de cristaes se prospera,
Outro de flores se esmalta.
  Deixa a ovelha alegre o pasto,
O cordeirinho não mamma;
E todos os guardadores
Vão enfeitando as cabanas.
  Veste-se qualquer Pastor,
Não de téla, que alli falta;
Mas põe o melhor pellico,
Tóca a mais sonora flauta.
  Mil boninas no toucado
Traz a asseada serrana;
E nas portas dos casaes
Botão juncos, e espadanas.

Tu-

Tudo no arrraial he festa,
Compõe letras, fazem danças;
Soa o motim das cantigas,
Estruge o som das soalhas.
Mas eu, de tal ver, confuso,
Porque o motivo ignorava,
Então o pergunto a Aleixo,
Que me torna estas palavras:
Sabe, Albano, que este dia
A' Pastora se consagra
Destes campos, mais formosa,
E tambem a mais ingrata.
Digo-lhe, que bem conheço,
Que me não diga mais nada;
Para saber que eras tu,
Só este informe bastava.
Mas Aleixo continúa:
Ouve agora, amigo, a causa:
Tudo festeja este dia,
Porque faz annos Ignacia.
Não quiz eu escutar mais,
Parto á carreira á choupana,
E depressa, como pude,
Entro a enfeita-la de ramas.
Pégo do cajado novo,
Do surrão tiro a navalha;
E nos troncos, que encontrei,
Vou lavrando *Viva Ignacia.*

Não mo disserão mais cedo,
Que hoje teus annos contavas;
Porque sempre a hum desditoso
Qualquer ventura lhe tarda.
Chego ao arraial contente,
Tocando na minha flauta;
E alli cantei como soube
Estas trovas mal formadas.

DECIMA.

VIva da morte segura
Sempre a nossa Ignacia bella;
E das Pastoras só ella
Dure mais, que o Cedro dura.
Fique a sua formosura
Sempre d'Abris vencedora;
Não he bem que tal Pastora
(Pois o tempo a não aggrava)
Seja dos annos escrava,
Sendo das almas Senhora.

Queixas de Albano, expostas nas margens do Mondego, contra as falsidades, e mudança de Almena.

ROMANCE.

ERa o tempo, quando a luz
Lá nesse Esferico incendio
Escassamente nos montes
Espira em tibios reflexos:
Quando já no azul theatro,
Mais do que claro, sereno,
A figura da mudança
Representa os seus aspectos,
E com suavissimo agrado
O manço Favonio fresco
Respira com mal distincto
Doce rumor nos salgueiros.
Em fim, já quando os Pastores
Mansamente recolhendo
Vão a turba do rebanho
Para o rustico aposento:
Junto ás arenosas margens
Do cristallino Mondego,
Ia observando nas aguas
Da minha dita os espelhos,

Alli com triste exercicio
O pincel do sentimento
Retocava na memoria
As imagens do despenho.
E como se não podesse,
Sem que lembre ao mesmo tempo
Nos affectos dos martyrios
Os motivos do tormento:
Na terrivel conjunctura
Do meu mysterioso enredo
Contemplava esse d'Almena
Mil vezes fingido extremo.
Quando nesta idéa vaga,
Da memoria indigno emprego,
Dava lagrimas ao rio,
Dava suspiros ao vento:
E imaginando que dessa
Ingrata via o objecto,
Entregue a hum triste semblante,
Comecei assim, dizendo:
Tu foste, ah cruel, tu foste
Aquella, a quem eu perplexo
Em alviçaras de ver-te,
Dei d'alma todo o socego.
Por ti o perdi, por ti,
Ah! Com que pejo o confesso!
Desprezei o horror da tumba,
Esqueci o ser do berço.

Fui,

Fui, mais que firme, obstinado,
Mais que extremoso, fui cégo;
Por cumprir da fé os votos,
Excedi a lei dos termos.
Por ti, ah tyranna! Ah falsa!
Chegou a enganar-me o tempo,
Tanto, que para ausentar-me,
Sempre me pareceo cedo.
Por ti rejeitei mil vezes,
Para a vingança, os empregos,
E os sacrificios do rogo
Ouvi só para o desprezo.
Por ti, desse Amor nas pyras,
Queimando a fé novo incenso,
Fiquei mais cégo dos fumos
Na repetição do obsequio.
Quiz-te, em fim; e ainda agora,
Se acaso amar-te foi erro,
Para melhor castigar-me,
Chego a confesssa-lo eu mesmo.
Dize agora: Quantas vezes
(Pondo a branca mão no peito)
Me juraste de ser firme,
A' fé dos proprios extremos?
Primeiro (ah cruel!) dizias,
Que se arruine este affecto,
Será flexivel o vidro,
Ha de ser corrupto o cedro.

Ess

Essa máquina dos Orbes
Perderá da molle os eixos;
Ficará da quarta esféra
Na carreira o Sol suspenso.
Mas eu, immovel, constante,
Nos cuidados, nos desvelos,
Hei de ser, pois das firmezas
Sou resumo, sou compendio.
Pois como assim de constante
Te mudaste? E ainda vejo
Todos esses impossiveis
Na sua existencia os mesmos.
Dize, infame, aonde estão
Os votos, e os juramentos?
Se promettestes ser falsa,
Poderias cumprir menos?
Ah cruel, que esse vertido
Pranto dos teus olhos ternos,
Quando pareceo piedade,
Já era arrependimento!
Nessas lagrimas, que então
Produzia o fingimento,
Fizeste o mesmo, chorando,
Que o crocodilo gemendo.
Aonde vive hoje o fino
Sacrificio desse affecto?
Porém como ha de haver fumo
Do que se entregou ao vento?

Pois

Pois esse hypocrito agrado,
Que a mentira fingio meigo;
Foi vario impulso do gosto,
Vil accidente do genio.
Offendeste-me, não sei
Como no horror de dize-lo,
Quando este termo declaro,
Não chego ao ultimo termo!
Não cabe na voz, não cabe,
Que a voraz chamma d'hum zelo
Só póde sahir a gritos
Pelas gargantas do Inferno.
Basta dizer me deixaste
Por tão incapaz empenho,
Que ainda não merecia
O favor dos teus desprezos.
Vê agora o que respondes?
Mas que has de dizer, se he certo,
Que ás arguições do delicto
Só he resposta o silencio?
Fica-te em paz, porque eu vou
Já do alvedrio esse ferro
Pendurar, como milagre,
Do desengano no Templo.
Eu me vou: morrerei antes,
Que torne a cahir enfermo:
Que aonde a vida he perigo,
Até a morte he remedio.

Eu me vou: fiquem extinctas
As frias cinzas do peito;
Porque até nelle não hajão
Vestigios de que houve incendio.
Que eu farei com que desta alma,
Arrancando-te cá dentro,
De que te guardou, só fiquem
Sinaes de arrependimento.
Se bem, tyranna, que em quanto
Respirar vitaes alentos,
Me has de offender, como aggravo;
Me has de lembrar, como exemplo.
Disse: E na aeria distancia
Vibrado este ultimo accento,
Se ouvírão gemer os valles
Na repetição dos écos.
Tremeo piedosa a robusta
Esféra do monte, e vejo
Que até para escutar mágoas
Tem ouvidos os desertos.
E ás luzes dessa triforme
Tocha, que no espaço Ethereo
He variavel nos influxos,
Inconstante nos aspectos,
Fazendo papel da areia,
Penna fazendo do dedo,
Deixei escripto na praia
A verdade destes versos.

SONETO.

TOdo o que faz firmeza na ventura
E em peito feminil, que louco espera?
Se quando mais feliz se considera,
Então encontra a fé menos segura:
He das aguas producto a formosura;
Ora em bonança existe, ora se altera;
Seguindo em tudo a movediça esféra,
Dessa, que tem no Ceo varia figura.
O desengano, que hoje aqui respira,
Não he segredo, que revélo agora,
He já desordem, com que o mundo gira,
Pois no peito, que cegamente adora,
Se chega a ser constante, o gosto espira;
E se infeliz, a dôr não se melhora.

Fazendo hum anno a Primogenita dos Excellentissimos Marquezes de Niza.

COPLAS.

Como hei de cantar alegre,
Se em vez de festivas Musas,
Só vejo ao redor de mim
Tristes, desgrenhadas Furias?
Desamparárão-me as Graças,
Que já me forão jucundas;
Quando do seu riso agora
Precisava mais que nunca.
Da pállida mão tocado
Da doença, que me insulta,
Com tremulo pé caminho
Para a fria sepultura.
A santa, e eterna verdade,
Mais bella, quanto mais nua,
Das minhas tribulações
Seja fiel testemunha.
Porém mudemos de tom;
E qual Cisne, que costuma
Cantar antes de morrer,
Cantemos certa ventura.

Seja a minha empreza hum anno,
Que ha de escreve-lo a Fortuna
Nos doze Signos, por onde
O mesmo Apollo circula.
Não he hum daquelles annos,
Que nas Historias se inculca,
Célebre, por sangue, e fogo
Entre as armas furibundas.
Não he grande, porque a Fama
D'algum Camillo triunfa:
Não, porque acaba Carthago;
Não, porque Roma se funda.
Ha de ir aos Fastos gloriosos
Da nobre geração Lusa,
Para se contar com gosto,
Para se ler com ternura.
He hum anno, que completa
De vida, com gloria summa,
Dos Condes da Vidigueira
A primogenita Augusta.
Hum anno, que em si a gloria
De muitos annos debuxa,
Já retratando os prodigios,
Como em subtil miniatura.
De seus grandes Pais, e Avós
Sanctas propensões já busca;
He grata, he meiga, he suave,
Que fará na idade adulta?

Pa-

Parece que a natureza
Impaciente do que occulta,
Quiz pulir antes de tempo
Nella a anterior estructura.
Salta em seus olhos a graça,
Anda em seus labios diffusa;
E une á graça da innocencia
A natural da figura.
Quem observa as advertencias,
Com que ás vezes se regula,
Vê quanto na sua Aurora
A luz da razão madruga.
Honra de Telles, e Silvas,
De Castros gloria fecunda,
Guardada para semente
Da sua Prole interrupta.
Planta generosa, a quem
Com prudencial estructura
Das virtudes maternaes
O santo orvalho borrufa.
Illustre Menina, pede
A teu Pai, que te descubra
Essa mão para beijar-te;
Essa mão formosa, e pura.
Vai-te costumando a ver
A demonstração profunda
Da vassallagem devida,
Que amor te consagra, e jura.

Vi-

Vive huma vida tão longa,
Que diste do berço á tumba
Os infinitos espaços,
Que dista o *sempre* do *nunca*.
E se o Ceo determinar,
Como lei precisa, e justa,
Porque a tua se accrescente,
Que a minha se diminua:
Seja assim, pois todos sabem
Por natural conjectura
O muito que em ti se perde,
O pouco que em mim se lucra.

Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Eugenia Xavier Telles, filha dos Excellentissimos Senhores Marquezes de Niza.

QUINTILHAS.

EUgina, que hei de eu dizer
Em teu louvor neste dia,
Que te cause algum prazer,
Se a minha melancolia
Me não deixa discorrer?

Bem quer a minha tristeza,
Resistindo o coração,
Tirar força da fraqueza;
Porém nem sempre a razão
Obedece á natureza.

Como ha de mão tão agreste,
Usada a pincel rasteiro,
Fazer debuxo celeste?
Se pintar verde Loureiro,
Sahirá negro Cypreste?

A vaidade não me engana,
Para esperar da Fortuna
Idéa tão soberana,
Que levante huma Tribuna
No lugar d'huma choupana.

Que

Que hei de eu dizer? Q'este dia,
Para sempre assignalado,
Entre nós ficar devia,
E subir ao Ceo, levado
Sobre as azas da alegria?
Que filha de Illustres Pais,
Neta de sanctos Avós,
Que por suas obras taes
Forão ficando entre nós
Divinos, sendo mortaes?
Que es do grande Vidigueira
Entre affagos, e caricias
Huma presumptiva herdeira,
E que de nós as delicias
Serás, de qualquer maneira?
Que es já discreta, e formosa,
Raros dons, que herdaste em vida
De tua Mãi virtuosa;
E que em fim foste nascida,
N'uma Estrella venturosa?
São verdades, que altamente
Por fama, que não repousa,
Andão já de gente em gente;
E fora insipida cousa
Affirmar que o fogo he quente.
Todos sabem que te fez
O Ceo com perfeições taes,
Que ou huma das Graças es,
Ou que em ti creárão mais
Huma Graça, além das tres.

Quem

Quem vê teus louros cabellos
Quem vê teus olhos graciosos,
Não sabe quaes são mais bellos:
Só sabe que por formosos
Nunca se farta de ve-los.

Se fallas, oh quanta gente
Fica, só por te escutar,
Da tua bôca pendente,
Vendo a razão madrugar
Tão antecipadamente!

Em palavras, tal prudencia?
Em acções, tanta constancia?
Maravilhosa innocencia,
Que dá nas flores da infancia
Os fructos da adolescencia!

Alma, que do Ceo vieste
Esta nova idade honrar,
Pois tanto bem nos trouxeste;
Tu não podias deixar
De te rir, quando nasceste.

Teus alvos dias serão
Como o Plátano frondoso,
Plantado em fecundo chão;
E apezar do Tempo iroso,
Alongando o fio irão.

Não he a mão, que se estenc
Submettida ás leis da morte:
Outra mão, de quem depende
Isto, a que se chama sorte,
He que aos teus annos defende.

Delles, por alto segredo,
Ver-se-hão postas em fugida
As duras Parcas com medo,
Que não he huma tal vida
Para se acabar tão cedo.

Do Ceo as virtudes bellas
A ser guarda do seu bem
Já baixão, pizando Estrellas;
E estendendo as azas, vem
Para te cobrir com ellas.

Descança, Eugina, descança
No seu virginal regaço,
Em quanto aos teus se lança
Este louvor tão escaço,
Sinal da minha lembrança.

Mas o dia he de perdão;
E se entre os mais me não vês
Ir beijar-te a tua mão,
Ajoelhado a teus pés,
O Ceo bem sabe a razão.

ELOGIO

DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

D. FRANCISCO XAVIER TELLES,

Recitado na Academia dos Domesticos no dia dos seus annos.

SENHORES

QUando me annunciárão a escolha, que vós tinheis feito em mim, para ser quem hoje formasse o Elogio aos annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier Telles, adoravel Protector nosso: quando vi que eu mesmo era obrigado a trazer a este lugar a minha pequena, e ainda tão mal segura reputação, sacrifica-la á vista de todos, e ser a hum tempo o sacerdote, e a victima de mim mesmo: quando vi que hoje, mais que nunca, havia de dar conta diante de vós do proveito, que tenho tirado das vossas repetidas lições, sementes, que a minha negligencia tem feito tão inuteis, que nem se quer á flor da terra vedes em mim apontar os fructos, ou ao menos a esperança delles: quando finalmente todas estas circumstancias temiveis, que se apresentárão em tumulto na minha agitada imaginação (dizia eu comigo, Se-

nhores) os meus Socios, os meus amaveis Socios esperão, e esperão com fundamento, que o meu espirito alumiado com a brilhante cultura das suas penetrantes, das suas claras doutrinas, possa já ter algumas luzes proprias, que o guiem, sem tropeço, por hum caminho, posto que arduo, nem por isso inaccessivel; mas eu ainda não sou tal, qual elles me suppoem. Então, Senhores, que perplexidade, que confusão, que temor, que desfallecimento não combatião a minha idéa! Eu ficaria de todo gelado na minha inacção, se hum golpe de luz, que ainda pôde ferir a minha alma no meio do seu desacordo, da sua perturbação, me não recobrasse as forças, me não animasse, e me não convalescesse. Sim, Senhores, a minha mesma fraqueza me dêo forças, o mesmo pezo da materia fez que eu lhe mettesse os hombros com mais affinco.

O medo tambem faz valentes: a desesperação he huma especie de valor, que tem salvado muitos timidos dos mesmos perigos, em que já ficárão sepultados muitos valorosos. Eu ólho para o objecto, que fui obrigado a acceitar por assumpto do presente Elogio. Eu vejo hum espectaculo tão novo, tão magnifico, e tão respeitavel, que o mesmo assombro, que me encheo de horror, he hum farol, Senhores, que me serve de guia, e que vai fazendo toleravel, e ao mesmo tempo venturosa a minha temeridade, e provoca a cada passo a minha

ad-

admiração: e eu vou, Senhores, eu vou já de mais perto examinar este impulso, que a lisongea, que a encanta, e que a arrebata. Mas aos olhos não communica o Sol as suas luzes, por mais distantes que estejão dellas? Quem deixa de admirar, e conhecer as sublimes virtudes do nosso Excellentissimo Protector? Ellas são aquelle golfo, em que eu receava perder-me; mas ao mesmo tempo que elle me preparava o naufragio, me offerece a taboa para surgir livre delle. Sim, Senhores, porque he o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier Telles quem faz annos, he que eu receio menos fallar de annos. Se elles fossem de hum homem, a quem o seu escuro nascimento, a sua indole barbara, o seu procedimento ordinario tivesse submergido na grosseira escuridade do indocil, do insensato vulgo, que embaraçado, Senhores, me não veria eu? Mas dos florecentes, dos fecundos annos do nosso Excellentissimo Protector, huma daquellas grandes almas, na presença das quaes até hum Orador, tal como eu, não teme fallar, porque não teme faltar-lhe campo não só para hum pequeno Elogio, como este, mas ainda para muitos, e volumosos tractados, que posso eu temer? Desfigurar as suas bellas qualidades com as faltas perduraveis da minha eloquencia. Não, Senhores, elle que se serve mais da pureza, que do estrondo do sacrificio; elle que sabe o meu animo: elle que tem provado muitas ve-

zes

zes quão limpas são as suas intenções; elle que tem anatomizado em vida o meu coração; e elle finalmente, que como verdadeiro Fidalgo sabe reprovar os erros, e como homem desculpa-los; porque não será indulgente com hum, que o serve com amor, que o respeita com submissão, e que o louva com singeleza? Pois que mais resta que temer? A esterilidade da materia? Tambem não, Senhores, a seccura do mirrado Estío póde diminuir as fontes, e empobrecer os rios; só o vasto mar jámais experimenta nas suas perennes aguas a mais pequena diminuição: são inesgotaveis, Senhores, os motivos, os altos motivos, que no nosso Excellentissimo Protector farão para sempre recommendavel hum tão grande dia, o dia dos seus annos. Elle nasceo Illustre; Elle se fez Illustre; Elle será sempre Illustre. Este he, ó Diogenes, o homem, que buscavas pelas Praças de Athenas á luz de huma tocha; se tu ainda existisses, e se tu tivesses nascido na Lusitania, ou elle na Grecia, tinhas feito a tua imaginada descoberta; mas aquelles tempos não merecêrão tanto, para os nossos he que tinha a Providencia guardado huma Epoca tão feliz, que fechou o seu faustissimo principio no formoso dia de 24 de Fevereiro, em que nasceo o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier Telles. Este he o dia, Senhores, este he o dia, que nunca havia de anoitecer; por isso aquelle Filosofo ainda então não podia achar

achar o homem, que buscava. Elle não nos diz as boas partes, que neste homem havião de encher, havião de ajustar com as rigorosas medidas, que elle tinha tomado na sua idéa; mas eu, Senhores, attrevo-me a dizer, que queria Diogenes achar hum homem, que temesse os Deoses, que respeitasse as Leis; hum homem de espirito robusto, de costumes suaves, despreza-dor dos perigos, conhecedor dos successos, prudente, moderado, firme, finalmente, virtuoso, porque o queria sabio.

Ora se eu, Senhores, agora, sem estar tão prevenida a vossa attenção, vos pintasse hum homem com estas operações, com estas mesmas cores, vós não voltaricis repentinamente os olhos para o nosso amabilissimo Protector? Sim, Senhores, esta pintura, ainda de morte côr, e sem aquelles ultimos, e delicados toques, de que o pincel da Eloquencia na minha trémula, e principiante mão ainda não he capaz, não póde convir senão áquelle original. Oh maravilha! Oh privilegio dos objectos extraordinarios, que até nos seus toscos rascunhos se dão a conhecer! Ah, Senhores, se eu fôra capaz de copiar todas as virtudes do nosso Excellentissimo Protector, que subidas, que vivas côres não tinha eu para illuminar a brilhante carreira de seus assignalados annos!

Nasceo o nosso Excellentissimo Protector ditoso ramo de huma Arvore tão respeitavel, que Principes, e Reis são as suas Raizes; tanto se

es-

estendêrão, tanto se profundárão! Mas não satisfeito deste primeiro, deste involuntario nascimento, a quem só devia huma gloria accidental, em que não tinha parte, isto he, pela qual elle não tinha trabalhado; quiz faze-la solida, quiz faze-la propria, quiz merece-la, cansando-se; quiz, nascendo segunda vez das suas acções, dar huma nova, e immortal origem a si mesmo; e elle se glorêa tanto mais deste segundo nascimento, quanto fica mais illustre o que se faz digno de o ser.

Logo que lhe amanheceo a razão, foi a luz dos seus reflexivos dictames, por quem se dirigio; e estas forão as Estrellas, que influírão no seu esclarecido nascimento. Elle conhece que esta circumstancia de nascer illustre talvez não baste só para constituir huma indole rara, que muitas vezes não se herda; porque nem sempre do forte nasce o forte. Elle, que já confiava pouco dos principios de huma Filosofia tão abstracta, já pensava por hum modo mais seguro. Já as Mathematicas lhe tinhão dicto como os Astros fazião as suas revoluções; e que pela distancia, em que ficavão da terra, não podia a sua actividade inspirar nos homens ao tempo do seu nascimento nem vicios, nem virtudes. Elle sabia que á mesma hora em que nasceo Alexandre, nascêrão muitos homens; mas que só elle fôra Alexandre. Elle sabia finalmente que o homem era livre, que podia governar as suas acções, formar o seu espirito, e dominar a sua fortuna.

As

Assim, Senhores, principiou o nosso Excellentissimo Protector a filosofar, logo que entrou a discorrer. Que se esperava, Senhores, de quem já tinha gravados no seu tenro, mas já grande coração, estas verdadeiras idéas da obrigação do homem Illustre? O amor da Patria o leva debaixo da vocação militar a ser hum dos membros do respeitavel Corpo da nossa Marinha. O serviço do seu Rei o faz demandar os Portos da America; os da sua Religião os do Mediterraneo; em humas, e outras expedições trabalha, soffre, serve, e manda. Respira muitas vezes ares grossos: vê por muitos dias o mar em serras, o vento em furacões: ouve desfechar a prumo horrendas trovoadas: força a sua delicada constituição para endurecer o corpo com os trabalhos maritimos, que hão de fazer o seu mais particular destino. Assim tem sido os annos do nosso adoravel Protector, cheios de riscos, mas gloriosos. Assim he que se vive: assim he que se contão.

Annos bem poucos tinha Carlos XII; e lendo que Alexandre morre de 32, achou que era já viver muito, depois de vencer batalhas, e de conquistar Reinos; mais desejava iguala-lo nos triunfos, do que excede-lo nos annos. Os grandes homens, Senhores, tem hum novo cálculo, por que contão os seus dias. O que fizer obras mais dignas de memoria, mais prolongará com a mesma memoria a duração dos seus annos. Assim, Senhores, he que o nosso Illus-

tris-

trissimo Protector trabalha na fabrica do Templo, em que ha de ser adorado o seu nome; mas vós não vistes mais que as primeiras pedras para os alicerces desta grande obra; eu vos irei mostrando qual he a segurança, com que a vai estabelecendo. Sobre as pégadas dos Heroes seus predecessores he que elle lança os seus passos. Não he a grandeza, em que lhos representa a tradição, e a Historia, porque se jacta de ser seu descendente; esta grandeza para elle, considerada unicamente como pomposos titulos de huma apparente, de huma fallivel fortuna, não he que o estimúla a fazer-se seu semelhante; ainda que os não iguale na felicidade, elle quer imita-los, elle quer excede-los no merecimento, elle suspira por accrescentar novas insignias aos fortes, aos armigeros Escudos, que lhe deixárão.

Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor, mitigue Vossa Excellencia o ardor dessa heroica impaciencia, senão he já, ou se não vier a ser, como elles forão. Esta falta não he de Vossa Excellencia, he dos tempos. Agora, Senhores, já não ha descobertas perigosas, conquistas arriscadas, choques sanguinolentos: a Vossa Excellencia só lhe faltão estas occasiões (e queira a Providencia que sempre lhe faltem); mas se lhe falta a gloria destes triunfos, Vossa Excellencia tem em si mesmo emprezas mais á mão, em que cevar a sua ambiciosa vontade.

Não

Não só os canhões disparados, não só as lanças arremessadas são armas para o vencimento; com as acções, com os exemplos, e com os dictames tambem se triunfa; e assim he que Vossa Excellencia coroou a sua fama de tão prosperas, e pacificas victorias. Sim, meus amados Socios, a quem não admira ver o nosso Excellentissimo Protector produzir na primavera dos annos aquelles fructos, que o farião recommendavel ainda no outono da idade? A quem não admira ver o nosso Excellentissimo Protector magoar-se ternissimamente do ocio vil, em que vê passar huma vida mólle, e effeminada tantos homens de qualidade, reprovando até nos ordinarios este abominavel principio de todos os vicios; contagio capaz de corromper não só huma Provincia, mas ainda hum Reino, hum Imperio, o mundo todo? He maxima sua, que todos se podem fazer grandes, enchendo a sua esfera, sem exceder os limites, que lhes prescrevêo a sua condição.

Patricios do nosso Excellentissimo Protector; vós, Grandes da terra, que encostados ao tronco antigo da vossa Arvore Genealogica, dormís á lisongeira sombra dos seus frondosos ramos, despertai, vinde ver hum homem, que, sendo vosso igual, se tem feito vosso Superior: vinde-o ver entregue ás profundas meditações da Arithmetica, da Trigonometria, e da Nautica, resolver Problemas, ajustar cálculos, e figurar manobras: vinde ouvir-lhe recontar hu-

mas

mas vezes as infalliveis observações das suas derrotas, outras vezes as piedosas expedições das suas caravanas. Estes são, Senhores, os troncos, e os esteios nobres a que se encosta o Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier Telles. A gloria dos trabalhos he a cama, em que elle descança; he a cama, onde os Heroes acabão; se vós quereis preferir a este modo de vos fazer eternos a calma podre, em que consumís inutilmente os vossos annos, ficai embora para sempre como estaveis, bocejando nos pirguiçosos leitos, nos estufados canapés; nós, Senhores, nós só teremos o prazer de o vermos, de o ouvirmos, de o tractarmos; nós caminharemos sobre os seus passos; nós observaremos os seus mais pequenos movimentos; nós deixaremos hum rascunho, ainda que imperfeito, das suas acções, que offerecido á posteridade, servirá como de principio para a famosa historia da sua vida. Com que admiração não será lida dos vindouros? Sim, Senhores, quando lerem tantos illustres feitos, de que foi capaz o seu alto nascimento, do seu esforço militar, e as suas virtudes Christãs, Moraes, e Politicas: Quando lerem, que estava o nosso Excellentissimo Protector em hum dos Portos da America; e recebendo alli a noticia fatal da morte de seu grande Pai, a quem amou ternissimamente; depois de adorar com huma conformidade incrivel este Decreto da Providencia, este golpe da Natureza, este tributo, que indispensavelmente

te todos havemos de pagar á nossa corrompida humanidade; fez convocar em hum Templo toda a Nobreza daquella Povoação, para ser testemunha com elle das ultimas, e funebres ceremonias, com que o seu magoado, e reconhecido coração honrava a respeitosa memoria de seu Illustre Pai. Quando lerem que o nosso Excellentissimo Protector, hum Fidalgo sem soberba, hum sabio sem inchação, hum valoroso sem temeridade, hum sóbrio sem mesquinhez, hum politico sem industria, hum sizudo sem melancolia, e que até a sua mesma figura respirava hum talho militar, que unido a hum espirito suave, que sobresahia nos seus géstos agradaveis, era hum daquelles homens raros, que trazem a alma retratada no semblante: quando lerem finalmente que o nosso Excellentissimo Protector cumprio sempre tão escrupulosamente as suas promessas; que a sua palavra era hum artigo de fé humana: então, Senhores, então a posteridade sempre imparcial, porque já a lisonja, nem a inveja costumão subornar a justiça; então verá que com menor razão que o nosso Excellentissimo Protector, conseguio Archimedes que aquelle Rei de Cicilia mandasse por hum Decreto a todos os seus Vassallos, que acreditassem tudo o que lhe ouvissem. Esta graça nem antes, nem depois a pessoa alguma conferida, logrou aquelle grande Architecto, por fazer facilmente sahir do seu estaleiro huma Náo de tão maravilhosa grande-

za

za, que os mais habeis machinistas do seu tempo não achárão em todas as Leis da sua Estatica forças bastantes para lança-la ao mar. O nosso Esclarecido Protector já não necessita de que o seu Principe lhe faça huma mercê tão extravagante. Todos nós, Senhores, estamos persuadidos da infallibilidade das suas promessas; tanto sabemos que elle sacrificaria voluntariamente os seus maiores interesses ao sancto amor da verdade, que esta virtude tão difficil de encontrar-se nos homens, quanto he natural nelles mesmos querer fingi-la sempre, parece que entre muitas, que des do berço baixárão do Ceo a reinar no coração do nosso amavel Protector, he a verdade, Senhores, a que mais trabalha, a que mais aspira a disputar a gloria, e a preferencia de lhe formar o seu distincto caracter. Elle, que conhece que esta he a chave dourada, que só serve na porta da Sabedoria; que a verdade deve ser o unico objecto das nossas acções; que ellas, não sendo informadas por este Espirito creador, e universal, não differem dos movimentos, que só são proprios das Estatuas automatas; que o estudo das letras leva o homem ao descobrimento de muitas verdades uteis, necessarias, e honestas ao mesmo homem; por isso, Senhores, elle ama, por isso elle honra, por isso elle ampara tanto esta respeitosa, e literaria Assembléa; por isso elle vai abrindo, e estendendo mais e mais sobre nós as azas favoraveis da sua continuada

pro-

protecção, para que a tão benigna sombra busquemos no seu principio a verdade, limpa de todo o erro. Esta he a obrigação do nosso officio, este he o dever do homem de letras. Eu, Senhores, atrevo-me a dizer, que nunca tomei nas minhas mãos hum assumpto nem tão honroso, nem tão conforme ao meu Instituto.

Que são, Senhores, senão verdades puras, solidas, e brilhantes os altos merecimentos, de que estão cheios os annos do nosso Excellentissimo Protector. He certo que eu as expuz aos vossos olhos totalmente faltas, e despidas de todo o adorno, de todo o artificio; mas nua era tambem a Estatua, que os Lacedemonios erigírão ao seu Alexandre; porque não havia no mundo (dizião elles) roupas, que fossem merecedoras de a cobrir. As verdades, Senhores, quanto mais nuas, mais parecem verdades; só ellas tem o privilegio de irem despidas á presença dos mais severos Magistrados, e dos mais respeitaveis Thronos, sem que á modestia seja preciso nunca abaixar os olhos.

Não se lhe dê Vossa Excellencia, Senhor D. Francisco Xavier Telles, de inclinar os seus, e ver com a sua costumada benignidade os humildes, mas verdadeiros louvores, que acaba de lhe consagrar o meu fiel, e candido coração. Eu bem sei, Excellentissimo Senhor, que os annos de Vossa Excellencia he materia, que clama por hum Orador mais consummado;

do;

do; mas não sei se ella acharia hum Panegyrista nem mais innocente, nem que com tanta affouteza, como eu, podesse vir diante de Vossa Excellencia para o louvar, sem a suspeita de que talvez fosse guiado pela mão artificiosa de huma servil, e de huma detestavel lisonja. Ainda a minha inextinguivel dependencia não póde introduzir no meu coração, nem derramar nos meus escriptos a malignidade deste subtil veneno.

Sim, Excellentissimo Senhor, sabem todos, que eu nunca fui daquelles genios, que á maneira de serpentes, arrastando o peito pela terra, se vão enroscando aos pés dos Poderosos para obterem delles ou manifestas injustiças, que não devem pedir, ou grandes fortunas, que não devem esperar.

Este testemunho público assás que justifica o meu animo; aquelle animo, com que eu, e creio que todos nós, Senhores, penetrando as Estrellas com as nossas ardentes súpplicas, as fariamos chegar, se podessemos, até ao Throno do todo Poderoso; e com as mãos erguidas lhe pediriamos para a preciosa vida de Vossa Excellencia huma excepção, se isto fosse possivel, daquella Lei indelevel, que ha de precipitar sem distincção todos os homens no abysmo de hum sepulchro universal, e de que a vida de Vossa Excellencia era tão merecedora de ficar isenta; daquella Lei, que nem se modifica, nem admitte outra interpretação da que sabemos;

que

ue a virtude não morre, que o justo não aca-
a.
Mas Vossa Excellencia contenta-se, Senhor,
e que assim o desejavamos, e de que sejão os
ossos corações a pedra branca, em qne grave-
mos, ainda melhor que nos escriptos, a memo-
ia faustissima de tão assignalado dia, em quan-
o Vossa Excellencia nas suas altas virtudes vai
reparando para os seus annos o balsamo mais
reservativo da corrupção dos seculos.

MOTE

Amar, e saber amar
São dous pontos delicados:
Os que amão, são sem conto;
Os que sabem, são contados.

GLOZA.

SEi que não ha coração
Tão duro, que amor não sinta;
Que qualquer escreve, e pinta
Como sabe, esta paixão:
Mas amar com discrição,
Saber a tempo fallar,
Emmudecer, suspirar,
Tão facil como se pensa
Não he: tem muita differença
Amar, e saber amar.

Inclinação para amar
Todos tem, homens, e feras;
Mas saber amar devéras,
He difficil de encontrar:
Nem todos sabem pensar
Subtilmente em seus cuidados:
Os que bem experimentados
Nas leis d'Amor estão promptos,
Só sabem que estes dous pontos
São dous pontos delicados.

› vasto Imperio d'Amor
Ha differentes jerarchias;
Huns amão por simpathias,
Outros, seja como fôr:
Huns vão á superior
Esfera, a que eu me remonto;
Por isso, até certo ponto,
Todos amor podem ter;
Pois ainda, sem saber,
Os que amão, são sem conto.

em todos podem chegar
A ter amor sem defeito;
Porque isto d'amor perfeito
He para os mestres d'amar:
He preciso differençar
Estes pontos delicados;
Porque ha entre os namorados
Ignorantes, e peritos;
Os que amão, são infinitos;
Os que sabem, são contados.

MOTE

Bem conheço nos teus olhos
Que me querias fallar;
Mas não queiras meus amores,
Que te hei de maltractar.

GLOZA.

Se queres ver a paixão,
Que escondo dentro em meu peito,
Cheios d'amor, e respeito,
Os meus olhos to dirão:
Elles d'alma a lingua são:
Fallão, sem nenhuns refolhos;
Mas que hei de colher abrolhos
Por fructo do querer bem,
Bem o vi no teu desdem,
Bem conheço nos teus olhos.

Com elles, quando me attendes,
Fallas; mas com tal segredo,
Que parece que tens medo,
E que logo te arrependes:
Os meus, tu bem os entendes:
Os teus, fazem-me encantar;
Eu te soubera explicar,
Meu amor, por outro modo,
Se conhecesse de todo
Que me querias fallar.

Se este bem me permittíras;
Se comigo amante fosses,
Eu te juro, que os mais doces
Segredos de amor ouvíras;
Não daquellas vans mentiras,
Que dictão mil falladores;
Sim verdades superiores,
Em que só eu sou distincto:
Ora escuta, ouve o que sinto;
Mas não queiras meus amores.

Não queiras, que costumada
Não estás a meus gemidos,
E serão aos teus ouvidos
Musica desconcertada:
Huma alma mortificada,
Que só sabe suspirar,
Que prazer te póde dar?
Falla tu, que eu emmudeço,
Pois com meus ais reconheço,
Que te hei de maltractar.

MO-

MOTE

Zelos, esperança, amor
Fazem guerra no meu peito:
Algum dia pagarão
A guerra, que me tem feito.

GLOZA.

EU tive zelos hum dia
De Clori, e della esperava
Que pela fé, com que a amava,
Satisfações me daria.
A ingrata zombava, e ria
De meu contínuo temor;
Té que armado de valor,
Consegui por huma vez
Metter debaixo dos pés
Zelos, esperança, amor.

Tanto em meu valor me fio,
Vencendo inimigos taes,
Que em mil batalhas campaes,
Cara a cara os desafio.
Tambem zombo, tambem rio,
Como a ingrata tinha feito:
Já seu valor não respeito:
Ouço-a sem perturbação:
Vejo-a, e seus olhos já não
Fazem guerra no meu peito.

Já

se sustentou de ve-los
Mil vezes o meu desejo;
Mas hoje, por mais que os vejo,
Já me não parecem bellos;
Novos sustos, novos zelos
A outros olhos farão;
Mas esses me vingaráõ,
Já que estes meus não puderão;
E os damnos, que lhe fizerão,
Algum dia pagaráõ.

m fim, zelos, esperança,
Amor, tudo dessa ingrata
Nem me assusta, nem maltracta:
Feliz bemaventurança!
Vem succedendo a bonança
A' tormenta do meu peito:
Já lhe não vivo sujeito;
Nenhuma guerra me faz;
Que amor converteo em paz
A guerra, que me tem feito.

MO-

MOTE

A causa, porque eu suspiro,
Não a posso declarar:
Os segredos do meu peito
São motivos de eu penar.

GLOZA.

SEu thesouro, Amor, abrio,
E huma Ninfa appareceo,
Que esta alma isenta rendeo,
E a todo o Mundo, que a vio.
Porém Amor, mal que ouvio
O meu primeiro suspiro,
No sacro, e escuro retiro
De hum Nume me fez entrar,
Onde eu jurasse occultar
A causa, porque eu suspiro.

Era o Silencio, este Nume,
De triste, e pezado rosto,
Como quem cala hum desgosto,
Que as entranhas lhe consume.
Hum só ai, hum só queixume
Já mais se lhe ouvio formar:
Luz escassa, escuro Altar:
Qual seja a tristeza, o medo,
Que ínculca o Deos do segredo,
Não a posso declarar.

Fui

Fui ao Nume apresentado;
E elle a jurar me acenava,
Que os beiços lhe afferrolhava
Diamantino cadeado.
Foi-me o juramento dado
Nas mãos do austero Respeito;
Sacerdote ao Nume acceito,
Sem que o voto eu proferisse,
Só porque ninguem me ouvisse
Os segredos do meu peito.

Desde então se foi nutrindo
Calada chamma nas veias:
Crêm-me livre entre cadeias,
Chóro, e pareço estar rindo:
Ver da Ninfa o gésto lindo
He o premio do meu amar;
Mas não lhe poder narrar
A paixão, que o peito cala,
Nem poder deixar de ama-la,
São motivos de eu penar.

MO-

MOTE

Entrei no Templo d'Amor;
E depois de o adorar,
Alli fiz voto de amar
Sempre firme ao meu Pastor.

GLOZA.

Que era meu só, protestava
O meu Pastor, certo dia:
Jurou-me, por quanto havia,
Que pura fé me guardava.
Quando menos o esperava,
(Dos Ceos, sem nenhum temor)
Foi perjuro, foi traidor:
E então, desta vil mudança,
A pedir a Amor vingança,
Entrei no Templo d'Amor.

Pois sei (assim fallo ao Nume)
Quanto odeas a traição,
E aquelle, que jura em vão
Por teu sacrosanto Lume:
Com elle abraza, e consume
Hum Pastor, que atraiçoar
Soube as finas leis d'amar,
Enganando huma mulher,
Antes de a corresponder,
E depois de o adorar.

Eis-

Eis-que o Ministro d'Amor,
Que me ouvíra a imprecação,
Abrindo hum livro, onde estão
As culpas, do que he traidor,
O nome do meu Pastor
Examinou, sem o achar:
Dei graças, ante o Altar,
Desenganada, e contente,
E ao meu Pastor novamente
Alli fiz voto d'amar.

Alli, depois que votei
Fé, com palavras formaes,
E as véstes sacerdotaes
Do grão Ministro beijei,
Já fóra do Templo, dei
Hum ai, que o ouvio Amor:
Então respirei melhor,
Pelo gosto de trazer
Novas razões, para ser
Sempre firme ao meu Pastor.

MOTE

Já fiz voto de querer-te,
Mil empenhos de adorar-te;
Fortuna foi conhecer-te,
Desgraça será deixar-te.

GLOZA.

NO peito hum Altar ergui,
Por dar-te culto melhor:
Foi o Sacerdote, Amor,
Por mão de quem to offereci.
Por mim, por elle, e por ti
Jurei de nunca offender-te;
E para a alma offerecer-te
Entre premissas mais claras,
Pondo as mãos nas sanctas Aras,
Já fiz voto de querer-te.

Sempre em querer-te empenhado,
A terra, e o Ceo me verão;
Ambos fiadores serão
Deste amor, deste cuidado.
Meu cruel, e antigo fado,
Por mais que de ti me aparte,
Não tem poder, não tem parte
Neste empenho tão distincto,
Onde, a cada instante, sinto
Mil empenhos de adorar-te.

Co-

onheci que tu só eras
Digno de empenho tão puro;
E pelos teus olhos juro,
Que nunca o fiz tão devéras.
Ah! Meu bem, se tu souberas
O mais que eu não sei dizer-te,
Virias a convencer-te
De que, para o meu amor,
No mundo a sua maior
Fortuna, foi conhecer-te.

uitos terão por loucura
A minha justa paixão:
Cegueira lhe chamaráõ;
Mas eu chamo-lhe ventura.
De tristeza, e de ternura,
Suspirar por toda a parte,
Continuamente adorar-te,
Sem poder cahir-te em graça;
Se ha quem cuide que he desgraça,
Desgraça será deixar-te.

MOTE

Eu tive hum bem, cujo bem
He hoje todo o meu mal;
Porém como lhe quiz bem,
Não lhe posso querer mal.

GLOZA.

EU tive hum bem, que acabou,
Porque era bem, e era meu:
A Fortuna o converteo
Neste mal, que me ficou;
Mas se acaso a dizer vou
(Porque mo pergunta alguem)
Quem mo levou? Quem mo tem?
Cheio de dor de o não ver,
Posso apenas responder:
Eu tive hum bem, cujo bem

Este, e aquelle me importuna;
(Porque a resposta prosiga)
Mas quer Amor que o não diga,
Por não culpar a Fortuna.
Por mais que a razão repugna,
Contra Amor, nada lhe val:
Foi-me tambem desleal:
No melhor, voltou-me o rosto:
Foi hontem todo o meu gosto,
He hoje todo o meu mal;

Meu

Meu mal, e meu bem diviso;
Mas o mesmo bem foi tal,
Que inda convertido em mal,
Querer-lhe bem me he preciso.
A's vezes fico indeciso,
Se tanto amor me convém?
Eu não sei quem me detem,
Que a este mal, mal não quero?
Inda o amo, inda o venero;
Porém como lhe quiz bem,

Já me empenhei para ver
Se de meu mal o rigor
Poderia hum bem d'Amor
Todo em odio converter.
Mas vê, que não póde ser
Em contenda tão fatal,
Que em mim haja força igual
A' força que este amor tem;
Que a hum mal, que já foi bem,
Não lhe posso querer mal.

MO-

MOTE

Meu mantimento são penas,
Com meus suspiros converso;
Em mím persistem tristezas,
Já de alegrias me esqueço.

GLOZA.

VEr-me acabar d'agonia
Tu não esperes, traidora;
Porque eu não posso já agora,
Senão morrer d'alegria.
Póde a tua tyrannia
Conservar-me vivo, apenas;
Mas matar-me, como ordenas,
Isso não, que em penar tanto,
Não posso morrer; por quanto
Meu mantimento são penas.

Soffro o seu effeito ingrato,
Tão ambicioso dellas,
Que quando chego a dize-las,
Só a mim he que as relato:
Dellas vivo, e dellas tracto
Por influxo do meu berço;
E em seu destino perverso
(Porque nem o saiba a gente)
Sózinho, continuamente,
Com meus suspiros converso.

A materia, que entretem
A nossa conversação,
Alegres imagens são,
Que sempre á idéa me vem.
Mas tão pouco valor tem
Comigo estas vans emprezas,
Que em obsequio das finezas
Tróco os prazeres em mágoas;
E como em seu centro as aguas,
Em mim persistem tristezas.

Soffre-las com rosto enxuto
Já posso, por natureza;
E o mesmo que era fineza,
Vai passando a ser tributo.
Comigo ás vezes disputo
Se acaso algum dó mereço
Do mal, que por ti padeço,
Pois, sem que o genio violente,
Por triste, naturalmente,
Já de alegrias me esqueço.

MOTE

Que mal te fiz, ó ingrata,
Para ser de ti deixado?
Se o bem querer he delicto,
Só nisto serei culpado.

GLOZA.

QUem dissera, doce encanto,
Que logrando os teus favores,
A impulsos dos teus rigores
Formassem meus olhos pranto!
Hei de padecer, em quanto
Te não vir outra vez grata;
E se teu rigor só tracta
Augmentar os meu pezares,
Para assim me atormentares,
Que mal te fiz, ó ingrata?

Se eu fôra menos amante,
Talvez lográra ditoso
Nos braços de venturoso
Glorias d'amor, cada instante.
Mas ai! Que da penetrante
Setta desse Deos vendado
Tenho meu peito abrazado;
Sinto o coração ferido,
Pois te não tenho offendido,
Para ser de ti deixado.

Di-

'ize-me pois, deshumana,
Se deixar-me pertendias,
Para que correspondias
A' minha fé soberana?
Mas ainda que tyranna
Maltractes meu peito afflicto,
Como fino me acredito;
Hei de sempre idolatrar-te,
E pódes de mim queixar-te,
Se o bem querer he delicto.

or mais que desse teu peito
Me atormenta huma esquivança,
Sem que em mim haja mudança,
Será meu amor perfeito.
Bem sei que vivo sujeito
A's leis do teu desagrado;
Mas por destino do Fado
Não posso o contrario obrar:
Por falso, não, por amar,
Só nisto serei culpado.

MOTE

Roubárão-me os teus agrados,
Melhor fôra não te ver;
Mas eu não posso, meu Bem,
Deixar já de te querer.

GLOZA.

VI-te, meu bem; e bastou
Inda mal ver-te, sómente,
Para ficar de repente
Tão perdido, como estou.
Amor contra mim se armou
Nos teus olhos requebrados;
E com dous mil delicados
Accidentes tão modestos,
Cativárão-me os teus géstos,
Roubárão-me os teus agrados.

Se de ver-te, consequencia
Lograr teus agrados fora,
Sentíra então muito embora
D'Amor a doce violencia.
Mas sentir a tua ausencia,
Sem de ti novas saber;
Finalmente, não poder
Dar a meus alentos fim,
Confesso, meu Bem, que assim,
Melhor fôra não te ver.

Quizera viver comtigo,
Mil caricias desfructando,
Doces prazeres gosando,
Sem temer o fado imigo:
Sempre dos Ceos ao abrigo
Vencer da sorte o desdem:
Oh quem tal lográra! Oh quem
Subíra a tão alta esfera!
Oh quem tal gosar podéra!
Mas eu não posso, meu Bem.

Tão magicamente urdida
Foi d'Amor esta prizão,
Que morrêra o coração,
Se podera achar sahida.
Eu mesmo beijo a ferida,
Que por ti me faz morrer;
E quem sabe adoecer
D'hum amor tão incuravel,
Como será ponderavel
Deixar já de te querer?

MOTE

Depois que os teus olhos vi,
Sinto, mas não sei o que:
Quero dizer, mas não posso;
Morro sim; mas para que?

GLOZA.

FEchai-vos, olhos mortaes,
Se já vistes a Marfiza,
Que quem seus olhos divisa,
Não lhe fica que ver mais.
Para ver reflexos taes,
Meus mortaes olhos abrí;
Mas apenas reflecti
Em tanto resplendecer,
Já não tenho mais que ver,
Depois que os teus olhos vi.

Quem sente o mal, ignorando
A causa, que está sentindo,
Será porque está dormindo,
Ou porque vive sonhando.
Pouco se padece, quando
Se dorme, ou sonha, porque
Sem liberdade se vê;
Mas quem sente o mal dobrado,
Sou eu, que estando acordado,
Sinto, mas não sei o que.

A não ser vosso respeito,
Meus designios explicára,
E de vós, meu Bem, fiára
Os segredos do meu peito.
Discorrei, formai conceito
Deste meu grande alvoroço:
Vereis que tudo o que he vosso,
Digo puro, sem que minta,
Só huma cousa distincta
Quero dizer, mas não posso.

empre he, Marfiza, loucura
Entregar-me á morte fera;
Só se em teus braças morrêra;
Seria a morte ventura.
Mas se a tua formosura
Não logro, como se vê,
Tomára saber, porque,
Porque estatuto, ou preceito,
Marfiza, por teu respeito
Morro sim, mas para que?

MO-

MOTE

Campos bemaventurados,
Tornai-vos agora tristes,
Que os dias, em que me vistes
Alegre, já são passados.

GLOZA.

Viçoso, e florído monte,
Longas, e verdes campinas,
Que cobertas de boninas
Alegrais este Horizonte:
Justo he que agora vos conte
Meus tormentos dilatados,
Já que dos gostos passados,
Que Amor conceder-me quiz,
Fostes theatro feliz,
Campos bemaventurados.

No meio desta espessura:
Quando eu ditoso vivi,
Bem sabeis que mereci
Todo o amor, toda a ternura.
Mas se da minha ventura
Então inveja sentistes,
Já que alegres me assististes,
Quando eu vivia contente,
Agora, que chóro ausente,
Tornai-vos agora tristes.

En-

ıtre estas mimosas flores,
Em quanto a ventura o quiz,
Cantei mil vezes feliz
A dita de meus amores.
De tanta gloria, os louvores,
Vós mesmos me repetistes:
Em fim, julgai do que ouvistes,
Nos enleios amorosos,
Se houve dias mais gostosos,
Que os dias, em que me vistes?

as todo o contentamento,
E toda a felicidade
Se tornou em saudade,
Em dôr, em mágoa, em tormento;
Pois quando de vós me ausento,
Oh campos tão desejados!
Só afflicções, só cuidados
Levo em miuha companhia,
Que os tempos, em que eu vivia
Alegre, já são passados.

MOTE

Ao pé de huma clara fonte
Adormeci suspirando.

GLOZA.

DA minha Pastora, ausente,
Me vi tão saudoso hum dia,
Que enfadado aborrecia
O proprio tracto da gente.
Da Aldêa vou descontente
Busca-la ao visinho monte;
E sem achar quem me conte
Noticias de Marcia bella,
Chorando, fui dar com ella
Ao pé de huma clara fonte.

Disse-lhe que o meu cuidado
Tão fino se desvelava,
Que, só por vê-la, deixava
A aldêa, a cabana, o gado.
Ouvio-me a queixa; e mudado
O duro genio, mais brando
Lho fui sentindo; mas quando
Nestes amantes espaços
Me reclinou nos seus braços,
Adormeci, suspirando.

MO-

MOTE

Não quero nada comtigo,
Nem quero nada d' Amor.

GLOZA.

Ilena, eu não me desdigo;
Já agora sei quem tu es;
Enganaste-me huma vez,
Não quero nada comtigo.
Já do meu erro em castigo
Renuncio o teu favor:
Olha, eu me explico melhor;
Desfez-se a nossa prizão;
Eu já não te adoro, não,
Nem quero nada d' Amor.

MOTE

Se de mim tens compaixão,
Profunda mais a ferida.

GLOZA.

CRuel, farta os teus rigores
Em mim, nega-me os affagos;
Mas se fizeste os estragos,
Ao menos ouve os clamores:
Torna a soltar os farores;

Levanta de novo a mão
Contra hum triste coração:
Darás, tirando-me a vida,
Signaes de compadecida,
Se de mim tens compaixão.

Eu renuncío o soccorro,
Que inda talvez possas dar-me,
Pois dás-me a vida em matar-me,
Que eu morro, porque não morro.
Não presumas que discorro
Em buscar remedio á vida:
Quero só que enfurecida
Me tires de todo o alento:
Carrega nesse instrumento,
Profunda mais a ferida.

MOTE

O meu coração ferido
Está com setta envenenada.

GLOZA.

O Mal, que trago escondido,
Remedio já não consente;
Não, porque está mortalmente
O meu coração ferido.
O ferro, que introduzido
N'alma a tem já traspassada,
He de huma materia hervada,

Por

Por mão, que a tudo sujeita:
Morro, que a ferida feita
Está com setta envenenada.

Outra.

E alguem, de compadecido,
Pertende meu mal curar,
Não faça tal, deixe andar
O meu coração ferido.
Não se chegue inadvertido
A tocar-me a desgraçada
Chaga, ainda ensanguentada:
Tema, em fim, de pôr-lhe a mão,
Que ferido o coração
Está com setta envenenada.

MOTE

Viva a dona do Casal,
A maioral das Pastoras.

GLOZA.

PAstores deste arraial,
Se gratos me quereis ser,
Vinde ajudar-me a dizer:
Viva a dona do Casal.
A sementeira, o curral
Deixai por algumas horas;
E tu, que as mais condecóras,

Serás sempre, entre as choupa
A tutelar das Serranas,
A maioral das Pastoras.

Outra.

VIva huma vida immortal
Da Arabia essa Fenix bella:
Mas inda mais annos que ella
Viva a dona do Casal.
Venha o Serrano, o Zagal,
E inda as Ninfas mais senhora
Applaudir por muitas horas
A dona deste montado,
Pois he quem domina o gado
A maioral das Pastoras.

MOTE

As bandeiras de Cupido
Já por mim forão vencidas.

GLOZA.

SEndo d'Amor combatido,
Vi, entre settas hervadas,
Contra mim desenroladas
As bandeiras de Cupido.
Receei não ter partido
Contra as settas despedidas;
Mas a pezar das feridas,

Que inda gotejando estão,
C'os soccorros da razão,
Já por mim forão vencidas.

MOTE

Que parentesco chegado
Tem o Amor c'o ciume?

GLOZA.

O Ciume, descendente
Dizem que he d'Amor; porém
Não sei o grão, em que vem
A ser hum do outro parente.
Se alguma de vós o sente,
Diga delle o que presume;
Pois quem ama por costume,
Sabe, como experimentado,
Que parentesco chegado
Tem o Amor c'o ciume.

MOTE

Passo em triste solidão,
Ausente de ti, meu Bem.

GLOZA.

SE nesta separação,
O que por ti sinto, ignoras,

Vem

Vem ver, meu Bem, como as horas
Passo em triste solidão.
Em deserto a povoação
Meu mal convertido tem:
Não me diverte ninguem;
E crê que não posso ter
Allivio, em quanto estiver
Ausente de ti, meu Bem.

MOTE

Não acceito os sacrificios.

GLOZA.

FIlena, a fé, que abonastes,
Rota em breves tempos vi:
Vê como hei de crer em ti,
Faltando á fé, que jurastes?
Já agora o tempo não gastes
Em dar-me de amor indicios,
Faço delles desperdicios;
E outra vez de amor tyranno,
Nas azas do teu engano
Não acceito os sacrificios.

MO

MOTE

Em tanto bem tanta pena.

GLOZA.

Elleo a Fortuna a mão
Da Estigie na agua escura,
E por ella aos Deoses jura
De fazer-me opposição:
A melhor occasião
Me converte em triste scena;
Por pouco tempo me ordena
Que gose o bem de aqui estar,
Sómente para me dar.
Em tanto bem tanta pena.

MOTE

Teus olhos são meus senhores.

GLOZA.

ANtes de teus olhos ver,
Livres os meus olhos erão;
Outros olhos não poderão
Cativar-mos, nem prender:
Reservado este pòder
Aos teus, ó lindos amores,
Foi dos Deoses superiores:

E ainda os faz mais seletos,
Ver, que sendo huns olhos pretos,
Teus olhos são meus senhores.

MOTE

Eu sem ti não quero nada.

GLOZA.

MEtter a mão me consente
Nos seus cofres a Ventura,
Para que escolha segura
O modo de ser contente:
Metto a mão; mas de repente
Poz-me a clausula pezada
De te deixar: Que enganada
Hoje a Ventura se vê!
Feche os seus cofres, porque
Eu sem ti não quero nada.

Outra.

SE algum dia te perder,
O que não permitta Amor,
Não hei de nenhum favor
Da Fortuna pertender:
Antes se ella me offerecer
Tudo o que aos mortaes agrada,
Direi, de dôr traspassada,
Que de systema não mudo;

Pois

Pois como em ti perco tudo,
Eu sem ti não quero nada.

MOTE

Não sei decifrar Amor.

GLOZA.

QUem quer Amor decifrar,
Engana-o a fantasia:
Decifrar Amor, seria
O nó Górdio desatar:
Mais se ha de nelle enredar,
Se mais o quizer expôr:
Que ninguem tenha valor
De o decifrar, não me espanto;
Se eu, com saber amar tanto,
Não sei decifrar Amor.

Outra.

AMor he fraco, e he forte;
Neve huma vez, outra fogo;
No principio he brinco, he jogo,
No fim dôr, e ás vezes morte:
He das almas hum transporte,
He mansidão, e he furor,
Ora amigo, ora traidor,
He todo contradicção,
Se isto Amor não he, então
Não sei decifrar Amor.

Outra.

NÃo posso em tão curto espaço
Fallar d'Amor, como devo;
Porque no pouco que escrevo,
Não cabe o muito que passo:
Cortar deste Enigma o laço
Quer tempo, e força maior:
Só digo, que este traidor
Não he razão, he vontade;
E que com mais brevidade
Não sei decifrar Amor.

MOTE

Ninguem tenha dó de mim.

GLOZA.

DO meu Fado a mão atroz
De ferir-me já cessou;
Que assim que te vio, ficou
Pendente da tua voz:
Por tal bem, que o Ceo dispoz
Se dêm mil graças sem fim
Ao amigo, com quem vim:
Fez-me outro essa voz sonóra:
Sim fui triste; mas já agora
Ninguem tenha dó de mim.

MO-

MOTE

Entre os Pastores, Felinto.

GLOZA.

O Meu Felinto adorado,
Fugio, não sei para onde;
Se o chamo, não me responde;
Se o busco, tudo he baldado:
Humas vezes desço ao prado,
Outras o outeiro subindo,
Nisto as horas consumindo,
Encherei de ancias o ar,
Em quanto, ó Ceos! não achar
Entre os Pastores, Felinto.

MOTE

Salvou-se o Amor nadando.

GLOZA.

No rigor de Marcia bella
Triste a vida naufragou;
Roto o baixel se alagou,
Fez-se em pedaços a véla:
Não tive huma só Estrella
Por quem me fosse guiando:
Perdeo-se tudo, e chorando

No mar do pranto que fiz,
E para ser mais infeliz,
Salvou-se o Amor nadando.

Outra.

SAudoso o Deos Cupido,
De sua Mãi Venus bella,
Embarcou; e foi-se á véla
Lá para o Porto de Egnido.
Eis-que lhe vem ao sentido,
Senhora, o teu gésto brando;
E o leme desamparando,
Transportado naufragou;
Mas como por ti chamou,
Salvou-se o Amor nadando.

MOTE

Estou aqui desesperada.

GLOZA.

DIALOGO.

Visinha.

COmadre, chamou? Que tem?

Comadre.

Que hei de ter, minha Theodora?
Foi Manoel para fóra,
Sem me deixar hum vintem.

Vi-

Visinha.
Dêm-me cá mulher de bem,
Que eu a darei desgraçada!
Comadre.
Já por mim, não digo nada;
Mas os pequenos sem pão,
Corta-me isto o coração;
Estou aqui desesperada.

MOTE

Morrendo estou de saudades.

GLOZA.

NA triste ausencia, em que estou,
Nenhum remedio me val;
Nem tem allivio este mal,
Senão em quem o causou;
Se por divertir-me vou,
Fugindo das sociedades,
Nessas mesmas soledades,
Onde Amor faz mil mudanças,
Firme nas minhas lembranças,
Morrendo estou de saudades.

Outra.

ANdo de noite, e de dia
C'os olhos cheios de pranto,

En-

Envolto no escuro manto,
Da minha melancolia:
Só me fazem companhia
Penas, e enfermidades:
Calo outras muitas verdades,
Sinto outro mal mais agudo,
Eu digo de huma vez tudo:
Morrendo estou de saudades.

Outra.

JA' não sei quando ha de vir
Aquelle instante dourado
De me ver c'o meu amado;
De lhe fallar, de o ouvir:
De brincar com elle, e rir
Nos dias das sociedades:
Então, cheia de vaidades,
Morrerei d'alto prazer,
Como agora, sem o ver,
Morrendo estou de saudades.

Outra.

TOmára saber, em fim,
Se se lembra alguma vez
Das promessas, que me fez,
Quando se apartou de mim:
Tomára sabe-lo, sim,
Ou se em outras sociedades,
Amante das novidades,

Vive acaso de alegrias,
Como eu triste, ha tantos dias,
Morrendo estou de saudades?

MOTE.

Morro de huma saudade.

GLOZA.

TEnho passado mil dias,
Sem ver mais do que espantalhos:
Tenho tido mil trabalhos
Por amor de minhas Tias:
Já passei manhãs mui frias,
Já comi da Caridade,
Já dei, por casualidade,
Huma queda no Soccorro;
Mas de nada disto morro,
Morro de huma saudade.

A huma Lavandeira.

DECIMAS.

EU sei que tem Josefina,
Rustica de condição,
Hum seixo por coração,
Que a nenhum rogo se inclina.
Eu sei que hum bruto a domina,
Que em pobre alvergue descança,
E que a desgrenhada trança
Rara vez ata, e penteia,
E que nutre a sua idéa
D'huma servil esperança.

Sei que em grosseiro trabalho,
Sobre inclinados penedos,
Gréta os tortuosos dedos,
Mais broncos do que hum carvalho.
Sei que o vento, o sol, o orvalho
Lhe tem crestado o carão:
Tudo sei; mas a paixão
D'Amor a pinta tão bella,
Que morro d'amor por ella,
Sem saber dar a razão.

Se eu amasse de maneira,
Que me cegasse o amor,
Teria do meu error
A desculpa na cegueira.
Eu bem vejo que he grosseira
No gésto, e n'alma tambem;
Que outros mil defeitos tem:
Mas ou seja boa, ou má,
Amor he Rei, e não dá
Satisfações a ninguem.

Ah Josefina, que mal
Reparte os bens a ventura!
Huns sempre a fazer figura;
Eu sempre sem ter real:
Mas em vez do cabedal,
Que o mundo avarento adora,
Toma as lagrimas, que chóra
Esta alma, porque he, em fim,
Mais, ser senhora de mim,
Que ser do mundo senhora.

Quan-

Quando cheirando á barrella
Sabes d'agua feita huma sopa,
Erguendo o cargo da rôpa,
C'o pé na rota chinella:
Tirce, Marcia, Jonia, Isbella
Não tem tanta formosura,
Como tu nessa figura:
Olha o que póde a paixão!
Loucura lhe chamaráõ,
Mas eu chamo-lhe ventura.

Que importa huma loura trança?
Hum corpo esvelto, e bem feito,
Fazer por secia hum tregeito,
Entrar n'huma contradança?
Vestir á moda de França,
Levar huma Senhoria
Por engano, ou ironia?
Se falta certa virtude,
Que inda nesse gésto rude
Fez em mim tal sympathia.

Josefina mais humana,
A ouvir meus ais te costuma:
Vê que eu posso fazer-te huma
Ninfa da Samaritana:
Mas se ingrata, se tyranna,
Como mulher me offenderes,
De ti, nem por isso esperes
Que me vingue como posso,
Porque eu já não tomo em grosso
O que me fazem mulheres.

Embora murmure a gente
Da baixa escolha, que fiz,
Que ella não sabe o que diz;
E esta alma sabe o que sente:
Eu sei quem mais torpemente
A huma vil paixão se entrega;
Amor he fogo, e não péga
Só no que he materia nobre,
Que em tronco, ás vezes, bem pobre
Mais o seu ardor emprega.

Quem

Quem reprova o mal, que sigo
Pensa com pouca cautela:
Se he homem, que tem com ella?
Se he mulher, que tem comigo?
Se errei, que maior castigo,
Que por huns defeitos taes
Dar mil suspiros, mil ais?
Não ha maior sem razão,
Quererem que hum coração
Ame á vontade dos mais!

Josefina, está segura
De que no meu coração
Ha de arder sempre a paixão,
Que em meus versos se figura:
Pelos teus olhos o jura
Amor, vive descançada,
Que has de ser sempre louvada,
Por gloria do meu querer,
Em quanto no mundo houver
Quem vista roupa lavada.

Des-

Ditosa arêa da fria
Praia, que piza o meu Bem,
Todas as praias te dem
Louvor de noite, e de dia:
Do solto vento a porfia,
Nunca te revolva o mar:
Inda quando se empolar,
Não te envista, antes pareça
Correr, por vir mais depressa
O teu districto beijar.

Sitio, costumado a ver
O milagroso semblante,
Que fez suspirar amante
Hum coração, sem querer:
Conta-lhe, se aqui vier,
Que saudosos ais por ve-la
Lhe ouviste dar: E se a bella
Selvage inda duvidar,
Aqui lhe deixo ficar
O meu pranto, veja-o ella.

Vem,

Vem, meu Bem, não me dilates
De ver-te a nova ventura:
Olha que isso he ser mais dura,
Que a dura pedra, em que bates:
De saudade não mates,
Quem morre d'amor: Ufana
Vem ver, que a ausencia tyranna
Tal pranto me fez chorar,
Que nelle podes lavar
A ronpa d'huma semana,

Vem, assim mesmo molhada,
Deitando essas gottas bellas,
Tão parecidas áquellas
Lagrimas da madrugada:
Quando ella vem, e orvalhada,
Deixa esta praia, não vem
Com tanta graça, nem tem
Tanto poder de alegrar-me,
Como tu, só com mostrar-me
O teu semblante, meu Bem.

DE-

DECIMAS.

NÃo sou eu, nem ser podia,
Quem destina a minha ausencia;
Que huma tão cruel violencia,
Por gosto, não buscaria.
He do Fado a tyrannia,
Quem move a separação:
He huma satisfação,
Que elle mesmo tem disposto,
Porque ande huma vez o gosto
Sacrificado á razão.

Sabe, Amor, o quanto eu vou
Entregue á minha saudade:
Sabe que desta verdade
Ais por testemunhas dou.
Sabe a dor, que me causou
Dizer-te Adeos finalmente:
Sabe que ha de ver a gente
Hum contino, e amargo pranto
Banhar meus olhos, em quanto
Estiver de ti ausente.

Não presumas que em mim faça
O que costuma a distancia;
Porque na minha constancia
Não tem poder a desgraça:
E o tempo, que despedaça
O mais rigido diamante,
Não ha de em meu peito amante
Mais leve abalo causar:
Hei de constante tornar,
Assim te eu ache constante.

A huma Senhora, que escreveo ao Audtor em verso.

DECIMAS.

COm tão vivas cores pintas,
Déstra Marcia, que ninguem,
Como tu, sabe tão bem
Preparar as suas tintas.
Ou falles verdade, ou mintas,
Todos sabes persuadir.
Finalmente, quem te ouvir,
Cuidará que tens razão:
Que isto póde hum coração
Acostumado a mentir.

Não cuides que o ser villão
Me obriga a fazer assim:
Sou villão, mas não ruim;
Falso, mas ingrato, não:
Sobre a lingua, o coração,
Quando te fallo, ou te escrevo,
Limpo de malicia levo:
Ao teu favor corresponde;
E sabe mui bem té onde
Chega a mercê que te devo.

Dizes, que os meus males sentes?
Olha, Marcia, senão fôra
O ver, que es huma Senhora,
Havia dizer que mentes.
Ouves gemer os doentes,
E entras a rir, e a sombar?
Dize-me: Se eu melhorar,
E me chegares a ver,
De gosto, o que has de fazer?
Has de te pôr a chorar?

Confessa, Marcia, a fraqueza
Do teu vario coração;
Onde, se acaso ha paixão,
He, sem nunca ter firmeza:
He paixão da Natureza,
Que unida a huma tenra idade,
Faz mais forte a variedade
No peito d'huma mulher,
Que he rara a que sabe ter
Huma constante amizade.

Mandas-me que te vá ver?
Eu havia de esperar
Que me mandasses chamar,
Marcia, se podesse ser?
Eu havia de fazer
Ao meu gôsto essa violencia?
Não sinto eu a tua ausencia
Tão pouco, que por vontade,
Nas negras mãos da saudade
Sacrificasse a paciencia.

Porém, Marcia, fiquem estas
Cousas para outra hora:
O que eu só pertendo agora
Era dar-te as boas festas:
Mas se hum triste, que em funestas
Ancias vive a suspirar,
Póde boas festas dar,
Nesta noticia t'as mando;
E he: Que sabe Deos quando
Has de tornar-me a fallar.

DECIMAS.

SE eu sou, Illustre Rodrigo,
Capaz de dar-te conselhos,
Hoje a teus pés de joelhos
Tudo o que entendo te digo:
Quem he do seu Rei amigo,
E quem tem de obrigação
Expôr-se a qualquer acção
Por sustentar-lhe a Coroa,
Bem póde deixar Lisboa,
Só por ir beijar-lhe a mão.

A molle paz não te faça
Esquecer da dura guerra:
Ao menos, em Salvaterra,
Vai ver-lhe a Imagem na caça:
A destreza, a força, a traça
Contra os animaes astutos
São exercicios, são fructos,
Que eu te aconselho que tómes,
Que ensina a vencer os homens,
Saber sujeitar os brutos.

Acom-

companha ao Caro Irmão,
Imita o seu alto exemplo,
Se queres entrar no Templo
Da heroica reputação:
Perdoe a tua paixão,
Se isto grato te não fôr:
Tira da espada, Senhor,
Faze o que Alexandre fez,
E corta por esta vez
Esse nó Gordio d'Amor.

enhum intento estragado
Te faça mudar de empreza,
Porque sempre foi fraqueza,
Desistir do começado.
Finalmente, sem cuidado
Pódes jornada fazer:
Vai, que não pódes temer
Contrarios ventos, que então
Em popa te levaráõ
O empavezado escaler.

DE-

A

DECIMA.

PEço-lhe, Senhor Marquez
Que em louvor de tão bom dia,
Perdoe á minha Poesia
Não o louvar esta vez.
Só digo, posto a seus pés,
Que a pezar d'algum taful,
Será ouro sobre azul,
Sem contar com brevidade
Sobre os trinta e tres de idade,
Os dezoito do Paul.

DECIMA.

Quem escuta a suavidade
Do teu canto, he bem que infira,
Que nem tudo foi mentira,
Que escreveo a antiguidade.
Em ti passa a ser verdade
Toda a força das Medeas;
E de sorte nos enlêas
Com tua voz, que ninguem
Duvidará, que tambem
No nosso Téjo ha Sereas.

Senhor D. José Xavier
Mil annos viva; e se acaso
Julga que he pouco este praso,
Olhe, viva os que quizer.
Viva, e torne a reviver
Com saude que lhe sóbre,
Cresça-lhe a mezada, e o cobre:
Mas se se vir sem dinheiro,
Faça por morrer primeiro,
De que saiba o que he ser pobre.

DECIMA.

Nos teus olhos vive Amor;
Porém os lugares tróca,
Pois procura a tua bôca
Para te escutar melhor:
Elle a beija, e ao redor
Do teu soberano rosto
Tem nelle mais brando encosto;
Onde está da tua voz,
Para nos ferir a nós,
Forjando settas de gosto.

DECIMA.

Sem saude, e sem dinheiro
Passo esta vida infelice:
A maldita bôca o disse
Do fatidico Agoûreiro:
Mas hoje o teu lisongeiro
Louvor tem tanta virtude,
Que por mais que o Fado estude
Em fazer-me desgraçado,
Val mais ser por ti louvado,
Que ter dinheiro, e saude.

ADVINHAÇÕES.

DECIMA.

Em morrer, fui sepultado
N'outro mundo, donde venho;
E logo na côr que tenho,
Pareço desenterrado:
De novo mortificado
Venho a ser cada vez mais;
Mas por mim, não por meus pais,
Em todo o mundo sou visto,
Ou com habito de Christo,
Ou com as Armas Reaes.

Outra.

em quatro pés andei,
Agora só em dous ando:
Mil gentes, em eu fallando,
Me obedecem, como Rei:
Eu mesmo procuro a Lei,
Que ponho aos homens; em fim,
Só se atreve contra mim
Hum cruel, de mão armada,
Que me dá muita pancada,
Sendo elle hum vilão ruim.

Outra.

A vida, sem dar hum passo,
Levo, e sou tão desgraçada,
Que ainda, sem fazer nada,
Hum grande peccado faço.

Outra.

Voo, e não venço caminho:
Mastigo, mas não engulo:
Sustento aos mais, quando búlo,
Dentro do meu proprio ninho.

Outra.

Gostão de mim as crianças,
Tomárão-me sempre ter;
Mas podia desmamma-las,
Se me chegarem a ver.

Outra.

Com tres olhos,
Com dous braços,
C'hum só pé
Assisto em paços.

DECIMA.

FOi para mim este dia
Dia tão assignalado,
Que ficará consagrado
Todo á minha idolatria.
Vi nelle a bella Maria
Por huma casualidade:
Vi, em fim, a raridade,
Que poucas vezes se vê:
Quereis vós saber qual he?
He belleza com piedade.

ELOGIO FUNEBRE

DO

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

D. FRANCISCO XAVIER TELLES.

HUm daquelles Homens, que depois de nascer nunca devêra acabar, foi o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier Telles. Assim o dicta a razão; mas não o faz assim a natureza. Ha pouco tempo que a sua vida, e a sua morte servírão de assumpto á funebre Eloquencia de hum Orador sagrado, diante do qual me não atrevêra a fallar, se não temesse que as obrigações, que me cercão, fossem outros tantos accusadores do meu culpavel silencio. O Elogio das suas virtudes, que ha poucas horas acabámos de ouvir, não he algum quadro imperfeito, que eu pertenda retocar; he sim hum original, de que apenas poderei tirar, com mão tremula, hum simples desenho. Eu mais devo chorar a sua morte, que descrever a sua vida. Esta empreza não he para mim. Eu me contento em misturar

os

os, meus pezares com os vossos, e ajudar com elles o grito universal da nossa inconsolavel dor.

Todos conhecêrão o sujeito de que tracto. Todos sabem que o Senhor D. Francisco he fructo de hum Ramo, cujo Tronco forão Reis. Isto baste para idéa da sua Arvore Genealogica. Todos sabem que a sua vocação militar o levou desde menino a contender com os perseguidores da nossa Fé, em odio da qual infestão todos os dias as ondas, e os portos do Mediterraneo; e onde já o nosso Heroe, filho da Sagrada Religião de Malta, aprendendo a affrontar os perigos, deo as primeiras provas da sua Christandade, e valor. Todos sabem que elle, depois de completar as suas caravanas, voltou á Patria mais cheio de merecimentos, que de premios. Que elle era alli hum inimigo capital da ociosidade, e que a louvavel applicação, com que a entretinha no tempo da paz, era resolver problemas da Nautica; ajustar calculos da Arithmetica; e parece que dos solidos principios destas Sciencias tirava os acertos, com que regulava as acções da sua vida. Todos sabem, que elle do mesmo campo de Marte fazia sala de Minerva. Que á sombra da sua protecção principiava a florecer huma Academia, de que foi Presidente muitas vezes; e que já daria sazonados fructos, se lhe não faltasse no Senhor D. Francisco o seu providente, e infatigavel cultor. Todos sabem a affabilidade, com que tractava os seus domesticos; o acolhimento

com que recebia os que mais dependião delle. Mas talvez que nem todos saibão com tanta miudeza, como eu, as particulares acções da sua vida privada, de que não posso fazer agora especial menção; porque me falta o tempo, e as forças. Tudo isto pede mais hum livro, que hum Discurso. E eu me considero mais capaz de dar apontamentos para a historia da sua vida, que para tecer elogios dignos da sua memoria. Virá tempo, Senhores, em que algum Escriptor tome nos seus hombros, sem curvar-se como eu, o pezo de tão alta, de tão brilhante materia.

Agora assaltada a minha idéa daquella dor, que a lembrança deste dia nos faz tão vivamente renovar, não devo, nem posso apartar-me da triste representação da sua morte. Sim, Senhores, eu considero ao Senhor D. Francisco no ardor do memoravel combate, em que perdeo a vida. Eu o considero esforçando os soldados para a peleja; animando os marinheiros para a manobra. Parece-me que o vejo correr através da sua náo para distribuir as ordens; que humas vezes vigia no bordo; que outras manda no catavento, desejando estar todo em todas as partes. Parece que soa aos meus ouvidos o estrondo da artilheria, o zunido das balas, e que entre enroladas nuvens de denegrido fumo apperece o nosso Heroe vigilante, impávido, e forte. Com todas estas imagens tristes, com todos estes horrorosos ob-

jectos se não perturba absolutamente opprimida a nossa consideração; porém o que a desordena de todo, o que deixa de hum golpe o nosso espirito sem resistencia, he a imaginação, e a certeza de que o Senhor D. Francisco recebe huma bala na perna esquerda, que o fere mortalmente.

Tu, primeiro Inventor da polvora: tu, primeiro fundidor de balas, que tiraste o merecimento ao valor; que tens reduzido a montes de cinza tantas Cidades, a cemeterios tantos arraiaes, malditos sejão os teus descobrimentos! Não bastavão os furacões para derrubar as casas? As enfermidades para diminuir os homens? A natureza corrupta não tem dentro em si mesma os principios da sua destruição? Eu não sei se cada vez durão menos as vidas: sei que ellas nos vão fugindo, e desapparecendo a cada instante diante dos nossos olhos. E ainda a vossa diligencia, a vossa industria, a vossa malicia procura accelerar cada vez mais o rápido impulso da sua impetuosa carreira? Malvados auctores! Risque-se da Historia o vosso nome, e consuma o tempo a vossa memoria até nas tradições. Ah! que se vós não fosseis, talvez que ainda o nosso Heroe vivesse, que ainda respirasse; e póde ser que dentro em pouco tempo, entrando pela Foz do Téjo a sua náo empavezada, e victoriosa, com a do seu contendor desarvorada, e ao reboque tornasse a saudar os muros de Lisboa, a piza

as

as saudosas praias de Xabregas, e dalli sobre os nossos braços, como em triunfo, o levassemos a descançar no centro pacifico do seu respeitavel Palacio, onde eu primeiro que todos lhe beijára a mão, aquella mão para mim tantas vezes bemfeitora. Mas, Senhores, não o quiz assim nem o seu destino, nem a nossa fortuna; e, para fallar mais christãmente, não o quiz assim o Arbitro Supremo, que desde a Eternidade tem lançado as nossas sortes na Urna adoravel da sua incomprehensivel Providencia. Vejamos pois os seus effeitos nesta morte, que nos parece intempestiva.

Tornemos ao campo da batalha, aos mares da America, á altura da Ilha de Santa Catharina, que foi testemunha, ainda que de longe, da nossa lastimosa tragedia. Eu bem sei que vou correr o panno a huma scena tristissima; que vou apresentar aos nossos olhos o espectaculo mais capaz de mover a nossa compaixão, e a nossa saudade; porém he preciso que tornemos a ver ferido ao Senhor D. Francisco: he preciso vê-lo morrer para o vermos triunfar! são caros os louros, que se comprão á custa dos cyprestes; mas o Heroe, em quanto vivo, sim he Heroe, porém só depois de morto he que se faz eterno. Animemos-nos, Senhores: aprendamos a ter valor com aquelle mesmo, que ainda depois de morto parece que o está inspirando. Imitemos a sua constancia, e a sua conformidade; virtudes, que o

 acom-

acompanhárão tão fielmente até o ultimo instante da sua vida, que pareceo querião morrer juntamente com elle.

Sente-se ferido o Senhor D. Francisco: correm todos para acudir-lhe: não se queixa; antes com a serenidade, que lhe era natural nos conflictos, não quer que se interrompa o seu mandamento; e porque não affrôxe a prompta execução das ordens, continúa a passa-las: recebe os Sacramentos, que primeiro pedio: ouve a noticia de que he preciso que lhe separem a perna: com huma paciencia heroica, e com a mesma soffre a operação, em que teve tão grande, e inevitavel perdimento de substancia, que a natureza desfalecida deixou desatar aquelle laço, que ha entre o corpo, e o espirito; e com huma preciosa morte dêo finalmente a vida, a quem lha tinha dado.

Assim foi cortado em flor o nosso Heroe: assim se atalhárão as nossas esperanças, e delicias: assim acabou tingido do seu sangue, e amortalhado na sua gloria, o Nauta perito, o Soldado valente, o Capitão experto, o Politico consummado, o Protector das Musas, o temido das Parcas, o remedio de muitos, o amigo de todos os homens, o Senhor D. Francisco Xavier Telles.

Oh! se as ondas do Oceano, que lhe abrírão sepulchro nos seus abysmos, nos podessem ao menos restituir o seu cadaver para chorarmos sobre elle a perda de tantas virtudes, sepul-

pultadas sem pompa! Mas que digo? Sepultadas as virtudes! Não, Senhores, as virtudes não morrem; e as do Senhor D. Francisco são taes, que nellas, como embalsamada a sua memoria, ha de permanecer na posteridade contra a corrupção dos tempos. Aquella Mão, que incurtou a carreira de seus annos, estenderá sem termo a sua gloria em recompensa dos seus arriscados, dos seus famosos trabalhos.

O amor á Religião; o zelo do serviço da Patria; a fidelidade para com os amigos; a satisfação para com os criados; e a humanidade para com todos, são cousas, que não podem ficar sem premio; são monumentos, que na falta do seu Mausoléo subiráõ tanto sobre a terra, que irão topetar com os Orbes celestes. O seu Nome escripto no livro da vida, melhor que na fastosa campa de soberba sepultura, será, em vez do seu Epitafio, a Inscripção do seu Epinicio. Sintamos, Senhores, a nossa saudade: mas offereçamos-lhe com ella a nossa mortificada paciencia, conformada na piedosa certeza de que está cortezão de hum Reino, que já mais ha de ter fim, e de que para gloria dos Heroicos Ascendentes, de quem procedeo, e a quem sempre imitou, nasceo illustre, viveo sabio, morreo valoroso.

FIM.

TABELLA

De todos os Sonetos, que contém este terceiro Tomo, assignalados alfabeticamente com as paginas, onde vão lançados cada hum per si, e juntamente as mais Obras grandes, e pequenas.

SONETOS.

A

C

D

E

TABELLA

Não

TABELLA

N

O

P

Q

S

So-

TABELLA

Ge-

COPLAS.

QUINTILHAS.

MISCELLANEAS.

Motes alheios glozados pelo Auctor.

QUADRAS.

COLXEAS.

TABELLA

MOTES.

DECIMAS.

A huma ausencia.

A huma Senhora.

Annos.

A huma Senhora cantando.

Annos.

A huma Senhora cantando.

Resposta a hum elogio feito ao Auctor.

TABELLA.

PROSA.

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen, Fado, Destino, Divindade, etc. empregadas sómente para melhor exprimir á ficção Poetica, não tem alguma cousa de commum com os internos sentimentos do Auctor, que como obediente filho da Igreja em tudo se submette ás determinações della.